



Literatura



Mário de Andrade
Quatro Pessoas



Iba Mendes
www.poeteiro.com

Mário de Andrade

Quatro Pessoas

Edição comemorativa aos 70 anos da morte do escritor

Escrito no Rio de Janeiro em 1939 e 1940.

**Mário Raul de Moraes Andrade
(1893 — 1945)**

“Projeto Livro Livre”

Livro 724



Poeteiro Editor Digital
PROJETO LIVRO LIVRE
São Paulo - 2016
www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras em domínio público, como esta, do escritor brasileiro Mário de Andrade: “*Quatro Pessoas*”.

É isso!

Iba Mendes
iba@ibamendes.com
www.poeteiro.com

QUATRO PESSOAS



Só havia a mão dele, e pulso, no círculo agressivamente claro que o abajur abria na mesinha, ao lado da cadeira cômoda. Carlos foi retirando insensivelmente a mão, mais desejoso de ficar sem nitidez naquela atmosfera opressa de incerteza que ainda acentuava no ambiente o ar apressado e sem caráter daquela saleta de apartamento. Mas em seguida quis reagir, era ridículo se entregar assim às dores e escândalos dos outros. Escândalos sim! Repetiu a palavra mentalmente, com alguma irritação pra ver se se afastava mais do acontecido e se perdoava do leve remorso que lhe viera com a nova reação de liberdade. Colocou de novo a mão sob a luz, ainda pretendendo reagir contra a infelicidade do ambiente, porém a ideia que tivera de “ser ridículo” se entregar assim às dores (não repetiu mais ‘escândalos’) dos outros” o estava fazendo sofrer desagradavelmente. João não era “os outros”, que talvez até Carlos desejasse instintivamente, por instinto de defesa, que fosse assim, porém havia o que ele, no momento, imaginou ser apenas o compromisso da amizade. Mas era ainda o desejo da reação que lhe fazia inventar o preconceito de um compromisso. Ficou quase desesperado, então compromisso era preconceito? Positivamente estava inventando só palavras falsas pra se justificar, pra se afastar do João, de Violeta, daquele ambiente irrespirável, não estava nada refletindo do que sentia e verdadeiramente era. Olhou a mão. O olhar ainda pertencia àquelas intenções de reação contra o sofrimento que aquele caso e aquele ambiente lhe impunham, queria se ver nítido, bem definido em sua personalidade e sua própria vida. Violeta tentando se suicidar; o escândalo formidável no prédio; João chamando-o pelo telefone; Maria que também quis vir compadecida; não devia ter consentido; gente na porta comentando, gente no elevador, nas portas dos outros apartamentos do andar, e tudo escancarado quando entrara, uma falta de... lá dizer de pudor, mas a mão o salvou.

Olhou a mão. Teve desde logo uma sensação de prazer, era uma mão forte, generosa. Não era naquele momento, completamente desarvorado, sofrendo horrivelmente, com Violeta se torcendo de dores, próxima da morte, que João havia de andar fechando portas. Não tinham criada, fora ele que ao chegar fechara as portas, dando um aspecto de decência a toda aquela desgraça. Mas, diante do pulso talvez grosso demais, sempre lhe vinha aquela inquietação de

que exagerara um bocado no esporte, em moço. Na verdade: seria mesmo feliz?... A resposta veio imediata, franca, enérgica: sou sim, sou feliz. Olhava fixamente a mão, fechou-a contraindo os músculos com força. Respirou fundo e concluiu o pensamento: na medida das possibilidades do mundo. Abriu de novo a mão, relaxando os músculos, numa quebreira mansa, agradável, enquanto o espírito se impacientava outra vez com aquele condicionamento estúpido da felicidade “às possibilidades da vida”. Sempre a mesma coisa, ser feliz condicionalmente, não era felicidade. Retirou a mão da luz, brusco. Foi excesso de esporte, sim, aquele pulso muito grosso demais, os dedos eram bem longos, mas a espiritualidade logo esbarrava na... sorriu, na portuguesice das fortes unhas quadradas. Dono de mercearia... Antes isso, antes fosse dono de mercearia. Que fraqueza se entregar assim à noção tradicional de que os portugueses 50 eram uns materialões, não era verdade, era ofensivo. Mas também diziam que as anedotas atribuídas no Brasil a portugueses, em Portugal eram atribuídas a brasileiros. Porém, não era nada disso que importava, a ideia é que não era digna dele, gostava dos livros, gostava imensamente de música, não chegava a “intelectual”, desses... Ficou raivosamente impacientado. Ia de novo desprezar os “intelectuais”, mas devia ser apenas na intenção de se valorizar. E quanto aos portugueses, talvez nem se lembrasse de os defender de si mesmo, não fosse estar lidando agora em negócios com portugueses. Muito delicados até, acrescentou. Mas sorriu. E se ergueu, foi abrir a janela, não havia razão para aquela janela fechada, precisava de ar.

Debruçou-se na noite vazia. Era um silêncio sereno naquela... talvez já fosse madrugada. Corrigiu mentalmente: três horas quando muito, mas não fez um gesto para examinar no pulso o relógio, estava exausto, aquela porta do quarto não se abria, Maria lá dentro também, vontade sem reações de abandonar aquilo tudo, mesmo o João (ora que se arranjasse!) ir embora... Maria metida naquelas encrencas, e enfim lhe vinha uma luz mais decisiva no ser: a mulher é que o inquietava mais, não devia tê-la trazido tão suave, tão pouco feita para escândalos... Lhe nascia uma ternura quente pela mulher adorada, que ele possuía, a quem ele pertencia com a unidade, com o esplendor das uniões perfeitíssimas. A noite estava clara, devia haver lua por detrás das casas. Olhou, buscando naturalmente a paisagem para o lado do mar. Mas naquela rua transversal do Flamengo, embora a esquina da praia fosse próxima, a paisagem era insatisfatória, escamoteada asperamente pelas arquiteturas bárbaras. Por cima das ondulações crespas árvores, além, se estendia o lençol das águas presas da baía, mar sem vozes nem tormenta, fundindo-se com o céu na hora da noite. A imagem interior completava com segurança a paisagem sublime, e vinha um mistério grave daquelas moles negras de montanhas, daquelas águas, convertidas em cidade, o que estariam fazendo com Violeta que ninguém saía daquele quarto?... Maria a estas “precisava” estar em casa, no leito, percebeu as formas dela, uma ternura... Repudiou a impertinência crítica: formas talvez um bocado curtas, as formas de Maria no leito, e a ternura possante fez com

que ele contraísse agora os músculos todos do corpo, se inclinando abusivamente no peitoril da janela, se caísse? sorriu. Ninguém passava lá embaixo, quando pressentiu que iam abrir a porta do quarto, se voltou já sem curiosidade.

Pela porta entreaberta vinha sorrateiramente se esgueirando na saleta o corpo do médico. Carlos aproximou-se com polidez, interrogando com os olhos o rapaz. Não se tratava de um rapaz, porém de um médico ainda moço, quando muito uns quatro aru que estava nos seus trinta anos. Porém Carlos insistira na imagem do rapaz, por desprezo, aquele médico chamado às pressas, único existente no prédio, sem credenciais, e principalmente um desconhecido, irritava a sua natural segurança de agir e o instinto de defesa contra a invasão do mundo. Qualquer promiscuidade lhe era desagradável. Mas o médico, sentindo-se interrogado apenas com o olhar, fez assim uma cara sem notícia, facilmente ferido na sua importância ali. Afinal todos aqueles seres dependiam dele e se Violeta estava salva ele a salvara, embora tivesse perfeita consciência de que qualquer outro a salvaria. Mas, que diabo! fora ele. Mas Carlos não percebeu nada, e insistiu.

— Como vai ela, doutor?

O moço não insistiu, já dominado pela simplicidade da resposta, que o satisfazia:

Não há mais perigo. Ela ainda está muito agitada e as dores hão de ser ainda muito fortes, toda queimada internamente, mas...

Carlos, sem pôr reparo na indelicadeza, vira João assomar à porta do quarto e desviara os olhos para o amigo. Não tanto que lhe desinteressassem as explicações do médico mas agora o amigo estava ali, e o tomara naturalmente a ternura pelo amigo que sorria, olhava o João perscrutava o rosto do amigo, como inventariando carinhosamente os estragos que o incidente fizera. Estavam ambos num desejo impertinente de ficarem sós. O médico, naturalmente despeitado por se sentir inútil e demais ali, mas como sempre se exercitara muito nos manejos da delicadeza e da boa educação, por saber que estas ciências fazem parte imprescindível do bom médico, sem reparar que estava ele mesmo sendo indelicado, ficou furioso com a indelicadeza de Carlos e quis chamar de novo toda a importância do ambiente, atirou:

— De resto nunca houve perigo propriamente. O senhor compreende... quando se quer fingir suicídio...

— Fingir! (interrompeu João quase alto, cortante, fechando a porta atrás) como “fingir”!

O médico se voltou com defesa. Não tinha suspeitado a presença do marido da suicida ali, percebeu que tinha ido longe demais. Ajeitou:

— Sim, quero dizer... Lisol em pequena dose (perguntar se lisol em dose alta, pode matar) nunca mata, a moça se... enganou... Calou-se. Os dois homens já não tinham mais a menor reserva na indignação impulsiva com que olhavam para o médico. “Fingir” este reagia por dentro, “foi fingir mesmo!”, teve ímpetos de insistir na palavra e nem foi exatamente por medo que não a repetiu. Delicadeza, piedade, desprezo por ignorantes de certas reações físicas, um pouco por medo também. E vergonha. Fora longe demais. Ficou furioso com a própria estupidez que o deixava agora tão ridículo aos seus próprios olhos, mas encarou altivo os dois homens, amigos. Foi seco, muito digno:

— Bem, já não sou mais necessário aqui.

Fez uma inclinação leve de cabeça e foi se dirigindo firme, lento para a porta. Esperava que alguém ao menos lhe dissesse alguma palavra de gratidão, lembrou de se vingar na conta se não lhe dissessem nada mas era moço, apenas formando clínica, devia moderar a vingança pra não repelir futuros doentes. E um honesto sentimento do dever, apesar do ódio que tinha por aqueles dois homens, fez com que se lembrasse de que ainda poderiam precisar dele. Parou junto à porta sem se voltar, tirou da carteira um cartão, e de olhos baixos, não, podiam pensar que saía escorraçado, desaforo! ergueu os olhos que estavam mais largos, mais francos; cheios de bonita honestidade:

— Se acaso precisarem ainda de mim, disse a custo, depondo o cartão sob a luz crua do abajur, moro aqui mesmo no edifício... Quis acrescentar que “estava às ordens, a qualquer hora”, mas o orgulho o impediu, podiam pensar que estava implorando mais chamados, olhou para os dois homens, desafiando.

Foi Carlos quem pôde ainda reagir, João se perdera por completo entre a indignação e a dúvida. Aproximou-se do médico, olhou-o com lealdade, estendeu a mão, pronunciando um “muito obrigado” bem lentamente, dando tempo aos seus sentimentos se acalmarem. Parece hesitação, no médico, embora isso o indignasse. E um pouco que o irritavam agora as leviandades do amigo, causadoras daquilo tudo. Quando se voltou, João lhe procurava ansioso os olhos de Carlos se acovardou, disfarçando:

— Ela está mais sossegada? a frase soou inteiramente em falso.

— Está muito agitada, e a resposta soou ainda mais agudamente em falso. Talvez se os dois amigos se abraçassem, viria uma lealdade consentida afastar as más ideias, revertendo à infantilidade e aos consolos de infância os dois

homens. Mas isso Carlos jamais teria coragem de fazer, na sua exagerada consciência de homem. João o faria se lembrasse, mas estava tão castigado por tudo, que os seus impulsos não conseguiam se converter em ideias e muito menos estas iniciativas. O ambiente ficou intolerável. Carlos voltara a sentar na poltrona, e já agora, consciente dos efeitos da luz na sua mão, tomando cuidado em se resguardar inteiramente na penumbra, porém mudou de ideia pensando no amigo, luz! Quis se mostrar, dar confiança. Ergue-se rápido, foi abrir a luz do teto:

— Que diabo de escuridão! nem te vejo bem!...

A luz, de-fato, melhorou consideravelmente a opressão em que estavam, Carlos ficou mais livre, quase alegre, enquanto o amigo adquirira mais decisão. Tocou de leve no braço de Carlos, murmurando um “Já volto.” já cauteloso. “Vou ver como ela está”, e se dirigiu cheio de cuidado para o quarto, na ponta dos pés, abriu a porta sem ruído, e entrou numa penumbra desalentada.

Era um quarto sem força, feito mais pra dormir que pra viver. Ninguém que tivesse boas lembranças dele, se abandonado. A cama farta, objetos e móveis de uso indispensável, o tapetinho reles impondo a presença das duas malas e da chapeleira de couro com ar de pó. A luzinha da cabeceira tocava indecisa as pontas frias dos travesseiros, ainda mais vagamente delineando no outro lado, imóvel, sentada ao pé da cama, a figura de Maria. Violeta era realmente a única vida, a única coisa de importância naquele quarto. Estava mansa desfeita sobre a cama, com as formas insignificantes mal delineadas na coberta. Só a violenta cabeleira, basta, sedosa, prodigiosamente preta, por todos os lados arrematada em cachos entreabertos, punha um foco de cor vigorosa naquela penumbra em que a doente se dissolvia. Mas logo o aparente impulso de carinho que fizera João entrar no quarto pra saber como ela estava passando, se transformara numa curiosidade quase perversa, muito analisadora, enquanto ele se aproximava da cama. Queria ver, queria descobrir no rostinho, no corpo de Violeta, seria capaz até de perguntar, se houvera mesmo fingimento ou se o gesto fora sincero. Meio que lhe dominava agora a porção de sentimentos mais nobres, afeição, dor, amor, piedade, aquele ferimento que o médico fizera em sua vaidade, e era insuportável. Parou ainda longe, retido pelo gesto de Maria lhe fazendo sinal que não tocasse na cama pra não avivar as dores da suicida. Mas Violeta, de olhos fechados, pressentira o marido e voltara a fazer gestos pequeninos de sofrimento, abanando a cabeça, passando levemente a mão livre da colcha sobre o ventre. Abriu os olhos. João instintivamente se inclinou, queria ver naqueles olhos alguma eiva de malícia, isso até seria uma libertação para o seu vago remorso, mas não via bem, na penumbra, a significação, o segredo daqueles olhos apenas agora duas manchas, bem negras como os cabelos, furando o moreno encardido da moça. Violeta estendeu-lhe a mão, ele segurou-a, se aproveitando do pretexto pra chegar mais perto. Violeta com uma

leve pressão, queria que ele sentasse na cama. João se inclinou muito para ela, murmurando:

— Mas vai doer pra você, Violeta...

Ela sacudiu vivamente a cabecinha, insistindo, fez um esforço pra soerguê-la do travesseiro, e os cachos cederam para trás, se encompridando lânguidos. A cabeça tombou de novo, sem forças, enquanto a moça esboçava uma boca de dor. João obedeceu, sentando muito próximo da cabeceira, e depondo o braço nu de Violeta sobre os joelhos dele. Ela abriu muito os olhos, fixando-os no marido, uma escuridão muito opaca, sem brilho, sem dizeres. João estava aturdido, sofrendo muito pela companheira, já só com uma leve reminiscência da curiosidade anterior, apenas ainda vagamente insistindo em saber por essa persistência pouco a pouco evanescente com que os desígnios ainda perseveram algum tempo na gente, mesmo depois de abandonados pela vontade. Violeta murmurava agora, com esforço mas claro, escandindo as palavras:

— Não faz... Não faz mal que doa não... Eu quero... você...

João principiava reagindo outra vez. Violeta fazia muito esforço para falar, se percebia que estava exausta com as dores suportadas, causava pena. Mas a voz tinha um quê de ácido que deflorava a grandeza do sofrimento, afastava, retraía nos outros os impulsos de solidariedade ou de afeição. Há pessoas assim, perseguidas por qualquer maldição física que ignoram, que é incorrigível, e lhes tira aquele direito humano à justiça, a mesmo essa geral e humana solidariedade com que todos somos levados a participar sem reservas dos sofrimentos alheios. O pior não é quando essa maldição se define num sentimento de antipatia. O pior é justamente a indefinição, o certo não-sei-o-quê longínquo, o imperceptível, mas decisivo. Esses malditos então vivem conosco, nós suposto lhe dar o nosso convívio, nossa compreensão, nossa justiça, mas em verdade não lhes damos nada disso. Ou então, é justamente no momento em que esses malditos mais precisam de nós, que o cacoete maldito aparece; e por causa dele a gente não se lembra de os perdoar, de os compreender, e principalmente de lhes fazer justiça. Externamente até podemos afirmar em público que eles têm razão, são infelizes. Mas sem mal nenhum, sem nenhum egoísmo, não nos lembramos de fazer o menor gesto para auxiliar ou sequer confortar essa razão, ou de aceitar a menor convivência com essa infelicidade dos malditos. E eles ficam sós, apesar de cercados.

Violeta continuava olhando muito o marido. Fez outro esforço pra erguer a cabeça, impacientou-se, descaiu o rosto pra um lado murmurando com desistência:

— Não te vejo bem!... e fechou os olhos outra vez, de novo imóvel.

João, num quase rito de obediência, foi chegando o rosto junto ao dela e lhe mergulhou nos cabelos admiráveis uma boca estrangeira, sem beijo. Mas os cabelos não estavam tratado naquele dia de briga, sem perfume, e com sabor de enfermidade, suados. João estava completamente longe da mulher, obedecera apenas, porém ela, como consciente da sua superioridade de enferma, houvera mesmo perigo de morte? ou fingimento de suicídio?... ela agora desistira de olhar como pedira, olhos cerrados, fingindo dormir. Maria, sempre imóvel, se entregara a um tédio sem fadiga, passivamente vazio, não conseguia pensar nada, sentir nada. João foi retirando o rosto, lentamente, com infinito cuidado, se ergueu. Depôs o braço da companheira ao longo do corpo, convencionalmente dando um jeito nas cobertas. Olhou pra Maria procurando alguma conivência, alguma solidariedade, imaginando lhe pedir, sempre muito convencionalmente, que ainda ficasse ao lado de Violeta um pouco. Maria, porém, olhava fixamente Violeta, pouco menos que inexistentes ambas. Não teria talvez a menor paciência pelo sofrimento da... sim, Violeta não era pra ela mais que a mulher do amigo do marido. Mas na vinda, no automóvel, alimentava uma raiva bem definida por aquele homem que fazia sofrer assim uma mulher. Não tivera mais que essa desprezível solidariedade de sexo e era ainda essa raiva preestabelecida que não lhe permitia agora responder ao olhar, percebido, que João lhe enviara. Ficou sozinha, indelicada, garantida numa possível noção de enfermeira que não tinha a menor ideia de ser.

João entrou na saleta e foi sentar junto de Carlos, na outra poltrona perto da mesinha do abajur. Os dois se olharam. Afinal, embora Carlos soubesse de tudo, nem João nem ninguém contara nada, fora apenas aquela frase angustiada no telefone, “Carlos! você pode vir aqui! Violeta quis se suicidar!”; “É! vou já.”, nada mais. Carlos por isso interrogava agora o amigo, enquanto João sentia a necessidade inadiável de contar, de se explicar, isso principalmente: se explicar, se perdoar.

— Foi uma coisa horrível, quando cheguei no quarto, chamado pelos gritos dela...

— Você vinha da rua, é?

— Até que não, Carlos! Estava muito bem em casa, mas Violeta anda impossível, eu preciso me separar dela, não aguento mais! Violeta não faz o mínimo esforço pra ser agradável, você bem sabe como ela trata os meus amigos! eu!

— Mas como foi então que você deixou ela beber Lisol?

— Foi no banheiro... hesitou um pouco, mas logo continuou: desde ontem que ela vive brigando comigo, questão de ciúmes, já sabe!... Mas também eu não hei de ficar só com uma mulher!... Só porque me telefonaram! ela foi atender, era voz de mulher, chamou a outra de “sem-vergonha” e bateu o fone, nem sei quem é!

Carlos examinava atentamente o amigo, reconhecendo, lhe devorando as palavras impulsivas, naquela mistura de inocência, de descaracterização e de cinismo. Mas era sempre aquele mesmo cinismo que já lhe percebera, sem compreender então, dos tempos de ginásio. Um cinismo sincero, que não chegava jamais a revoltante, pela espontaneidade com que explodia, destituído de qualquer organização, de qualquer intenção, sem egoísmo nem consciente perversidade. Pois então, e não pôde deixar de sorrir internamente, para o amigo um homem não podia ficar com uma só mulher? Carlos se viu, com segurança, em sua felicidade com Maria.

—... Me disse uma porção de desaforos, de repente botou o chapéu na cabeça, nem falou onde que ia, me deixou sem jantar. Quando vi que ela não voltava mesmo, fui buscar o paletó pra ir comer alguma coisa lá no restaurante da esquina, e quando quis puxar o dinheiro pra pagar, que-dê o dinheiro! Primeiro imaginei que tinha perdido, tão atrapalhado estava, mas a carteira estava ali, o dinheiro é que não estava, Violeta roubara tudo!

Carlos não podia deixar de se divertir com o caso, mas foi só quando a ingenuidade do João o levava a empregar a palavra “roubar”, mulher roubando de marido, coisa que Carlos jamais poderia entender na sua unidade perfeita com Maria, que ele sorriu francamente para o amigo. João entendeu, e não pôde deixar de sorrir também.

—... Pois é... (O sorriso entre ambos trouxera de novo a Carlos o estado de simpatia pelo amigo de sempre. Estava agora tão complacente que logo corrigiu a restrição anterior, de-fato ele não podia compreender e muito menos julgar e condenar o amigo, que viviam dois mundos diferentes.)... Pois é... roubou tudo... Me vi numa sinuca danada, telefonei, você não estava, tinha ido jantar não sei aonde, a criada me disse... Telefonei pra outros amigos e fiquei tomando chope, disfarçando, até que o Almério chegasse e me passasse o dinheiro por baixo da mesa. Por baixo da mesa! Você sabe como são esses nordestinos, é tudo à franca, sem reserva! Por baixo da mesa eu queria que ele passasse, mas logo rindo muito ele, nem ao menos, disfarçou pagando, me deu o dinheiro por cima da mesa mesmo, comentando alto, o criado soube tudo, na mesa vergonha!...

Mas já agora Carlos não podia deixar de analisar friamente o amigo, estava se divertindo. Interrompeu:

— Mas você contou... “tudo” pra ele!

João hesitou um bocado, depois baixando os olhos, como criança pegada em falta, e com voz branca, mesmo de criança, confessou baixo:

— Conteí.

Carlos riu francamente, e o outro, olhando-o, principiou também a rir despreocupado, sem saber exatamente porque o amigo se ria.

— E, são os nordestinos que não têm reserva, mas você, paulista é que põe os seus podres familiares justamente na boca de um... amigo, não! de um apenas camarada, sem nenhum compromisso de segredo! E da qualidade do Almério!

João estava agora ofendido, não exatamente ofendido, mas maltratado pelo comentário, sim, ele era paulista, fizera aquilo, mas... era diferente. Resolveu assumir toda a culpa com lealdade. Comentou suavemente, com tanta mansidão, que Carlos o amou com toda amplitude da amizade:

— Os paulistas não têm culpa de eu ser assim, Carlos. Eu é que sou assim mas você viveu em São Paulo, Carlos, você também sabe que é diferente.

Carlos sabia sim, era mesmo diferente e o seu temperamento o inclinava mais para a reserva um pouco exagerada, mas cheirando forte a distinção aristocrática, da burguesia paulista. Pelo menos, um tom longínquo, orgulhoso, e um abaixar de voz no comentar os escândalos, que... procurou uma palavra, não achou. Serviu-se da primeira, embora insatisfatória que lhe apareceu: que inglesava os paulistas, enfim, lhes dava qualquer modo menos latino de ser. Fez as pazes com o amigo:

— Eu falei brincando, João.

João ergueu os olhos, fixando-os de novo no amigo, aquele seu olhar rasgado, amante, sem segredo, que se esparramava pela cara toda, com tanta luz, tanta verdade que, se pela sua própria dadivosidade, não tinha forças pra vencer com frequência (abusavam tanto dele, Carlos sabia), conquistava qualquer perdão.

—... Voltei pra casa, Violeta ainda não chegara. Primeiro fiquei um pouco inquieto, mas logo não me incomodei, se ela me desse o fora era uma libertação, fui dormir. Quando acordei e ela não estava, olhei pro relógio, eram cinco horas da manhã. Fiquei inquietíssimo, não podia mais dormir e nem sabia o que fazer. Me lembrei de telefonar pra polícia mas era ridículo, estava com uma raiva!... E quem sabe se ela não teria morrido num desastre, telefonar pra

algumas casas das amigas dela? acordar todo mundo? Assim mesmo não me contive, telefonei pra duas casas, depois desisti de incomodar os outros. Mas felizmente já era de-manhã, uma das amigas dela me telefonou em segredo, avisando que não me inquietasse, Violeta chegara lá na tarde anterior, chorando muito, contou tudo! dizendo que não voltava mais pra casa, estava dormindo lá. Foi um alívio, palavra.

Hesitou claramente em continuar. Carlos percebia que o amigo agira muito mal, e estava procurando um jeito de, João era incapaz de mentir pra ele, isso Carlos sabia muito bem, mas decerto estava procurando algum modo de resumir, de não contar toda a verdade. João fora sempre assim, desde os tempos de colégio... Franco, incapaz de mentir, mas só pra ele Carlos, aos outros principalmente às mulheres, mentia às vezes até com uma abundância desnecessária, pela virtuosidade de mentir, criando mundos. Encontrara-o no Ginásio de N.S. do Carmo, em São Paulo, quando os pais cariocas de Carlos para lá se transportaram, por questões de negócio... Carlos um pouco mais velho e então de uma alegria escandalosa, no inteiro exercício de uma juvenilidade quase sensual, de tão sem reservas nem curiosidade. E para o João, que por muitas razões de família e de individualismo era um revoltado aquela união fora sempre uma amizade fecunda, que lhe permitira, lhe incutira os gestos mais nobres da sua torva rapazice. Principalmente mentir, se tornar de qualquer forma conscientemente falso, isso lhe seria insuportável diante de Carlos.

—... Também não dei um passo, acho que até pra Violeta é melhor a separação, ela não se acostuma comigo mesmo, fui trabalhar. Quando voltei, na hora do almoço estava decidido a me separar, até nem sei porque voltei! ela estava preparando a comida... (hesitou!...) você já me conhece, ela estava com olhos tão tristes que não pude suportar, voltou tudo de novo como dantes, arrastei ela pro quarto, mesmo com o mesmo com o almoço na mesa, isso é que decerto eu não devia fazer, confesso. Não sei se ela ficou satisfeita demais, quando fomos almoçar estava tudo frio, péssimo e ela me olhava entre-sorrindo, com ares de vitoriosa, desafiando. Depois desfiou uma lenga-lenga, era tudo mentira, eu sabia pela amiga, dizendo que estivera no Atlântico, jogando, nem me lembro bem! e perdera o dinheiro todo. Eu escutando divertido, mas no momento em que ela falou que perdera todo o dinheiro, fiquei bastante inquieto, era só o que eu tinha, e Violeta era mesmo capaz de fazer alguma. Ora ontem mesmo eu tinha que me encontrar com uma pequena estupenda que arranjei pelo telefone...

— Mais outra...

João deu de ombros meio fatigado, Carlos já sabia!... Carlos já sabia, e com efeito. Na sua complacência do momento, no meio de todo aquele cinismo ingênuo, já sabia também de que forma o amigo iria se desculpar, repetindo

aquelas eternas queixa contra o temperamento de Violeta, sem perdoar nada, compreendendo aquela mesquinha revoltada, cheia de complexos, vivendo entre dúvidas, incertezas e constantes ameaças de ser abandonada, reconhecendo a sua inferioridade de cultura e de classe, guindada assim ao meio dos amigos de João tão superiores a ela e que ela maltratava, recebia mal, no interesse facilmente compreensível de os afastar do marido para conservá-lo seu, pois que eles e suas mulheres, gente conversada, sabendo muitas coisas, falando política internacional, palavras inglesas, discutindo futebol e às vezes até literatura quem seria Romain Rolland?... Ela ficava ali, inútil, sem entrar na conversa. Às vezes uma das mulheres mudava de repente o assunto, voltava-se para ela, perguntava se vira tal fita, se gostara. Também ela não era nenhuma burra! No seu corpinho escuro, magro, estremecia de ódio, mas gaguejava, ficava principalmente num medo terrível de responder, gostara tanto da fita, mas talvez não prestasse e todos iriam dizer que o filme não prestava e ela ficava sozinha na sua opinião, queria um auxílio, alguém que a protegesse, mas sempre nessas ocasiões o João estava olhando desgostoso pra ela, e ela nada de se igualar aos outros, de progredir, sempre mineira de uma roça funda, filha de operário e também, isso nem pra o João contara! ela mesma trabalhara uns tempos, mas tinham sido só seis meses, na fabriquinha reles de queijo... Também não fazia nenhum esforço para progredir, detestava toda aquela gente, detestava o João, todos a afastavam do João. Se levantava tomando de propósito um ar de criada, ia fazer café para todos, muito muda. Às vezes até uma das mulheres do grupo, vinha com ares de ajudá-la, e ela numa daquelas suas insuportáveis grosserias de aparente delicadeza: “Deixe! isso não é pra você.”, coisas assim. Passava um ar de frio na sala, uma guardada irritação contra ela em todos, o marido furioso. Violeta sentia um prazer amargo, um prazer insatisfatório, entre arrependimento e imenso orgulho, tinha um orgulho imenso. Alguns, algumas daquelas mulheres decerto não voltavam mais... E assim ela afastava os amigos do marido, porque percebia que eles o afastavam dela. Fazia tudo muito embrulhado, sem raciocínio certo, sem claridade interior, movida apenas por ímpetos e instintos, sempre certa, mas não retendo na sua amarfanhada consciência de orgulhosa, a menor força de decisão.

João percebia os movimentos da mulher, os explicava, já muitas vezes os comentara com o amigo, mas era incapaz de perdoar o que quer que fosse. Não perdoar era aliás mais uma possibilidade de se defender, de se justificar de sua sensualidade e tudo quando fazia fora. Junto de Carlos ele reconhecia os próprios defeitos, mas sempre de envolta com as mesmas lembranças dos defeitos de Violeta, de forma que no fim sempre ficava uma agradável, uma pacífica incerteza sobre se era culpado ou não. E logo lhe vinha o salvamento final apagar qualquer sombra de remorso ficado, “ele era assim mesmo”.

Enquanto João remoía mais uma vez estes seus desleixados cinismos, Carlos o contemplava, já agora quase sem escutar, desgostoso. João fora sempre assim,

um fraco. Desde o início da sua amizade no colégio, sem que então analisasse francamente o amigo, agora é que o percebia, João fora sempre assim, uma curiosidade que ao Carlos parecia apenas vício porque jamais acertara caminho e não conseguira se fixar, com tendência indisfarçável para todos os vícios, uma preguiça bastante sem-vergonha, gostando de se mostrar na ignorância, falseando mesmo, por simples valentia de burla, uma curteza intelectual inexistente. João, não apenas se divertia com o seu nenhum êxito, mas tirava uma espécie de orgulho disso, e certamente uma vingança que o deliciava. Na família, quando Carlos foi introduzido nela e bem aceito com suas fortes credenciais de primeiro da aula e bem comportado, João era silenciosamente desconsiderado por todos. Passava como que sem ser pressentido e fazia questão de se valorizar em seu desvalor, desvalor falso, Carlos sabia disso, porém mais ou menos justificado pelo desprezo aos livros e pela falta de vivacidade intelectual.

—... e ela, apertada, confessou que tinha rasgado o dinheiro em pedacinhos e jogado fora só pra me fazer mal, porque estava desesperada, fiquei furo. Fiz mal, confesso, mas me deu uma vontade tamanha de fazer mal, antes tivesse batido nela!... não bato em mulher! Fui dizendo friamente que antes ela tivesse se matado, como eu imaginara de-noite. Não tinha intenção de incutir o suicídio no espírito dela, ora nem sei!... decerto tinha... comentei que assim facilitava tudo, porque a separação estava decidida, ela não me compreendia, estava afastando os meus amigos de mim; enfim Carlos, você já sabe! Eu fui sincero quando casei com Violeta mas eu não gosto mais dela! Eu não gosto mais dela!... Foi ela que se meteu na minha vida, já contei a você!

Agora falava aos arrancos, irritado, completamente caótico no espírito, em todo o ser. A ideia deixada pelo médico voltara a lhe preocupar a vaidade sexual. Lhe era insuportável que Violeta não tivesse tentado se suicidar por causa dele. E por isso, o dizer naquele momento que não gostava mais dela era, não chegava a ser mentira, já centenas de vezes afirmara que não gostava e voltara a dizer que gostava sinceramente: mas naquele momento gostava deslumbrantemente, avassaladoramente da mulher. Se estivesse em condições de distinguir preferiria afirmar que gostava apenas como corpo, detestava em espírito, no que era a personalidade interior de Violeta, fingira suicídio para o enganar, para o prender, essa falsa!... Mas estava querendo o corpo dela com fragor. Aquela resolução fria com que se fechara na saleta em resposta a ela ter se fechado no quarto e não lhe querer abrir a porta, e quando ela por sua vez viera lhe pedir que fosse para o quarto nem respondera, resolutamente gelado, sem a menor atração, sem o menor chamado, naquele momento era incontestável que não gostava mais dela, sem ódio, sem vingança, não gostava mais apenas, fatigado. E então é que ela ingerira o Lisol no banheiro... fingindo que se matava. Mas agora, também não era por vingança não, embora estivesse irritadíssimo, porém todo ele pedia Violeta, clamava por Violeta, numa saudade

absurda, insopitável de a ter nos braços, beijá-la,... dominá-la. Era isso e ele não sabia, a lembrança de dominar a companheira lhe passara no espírito igualada às outras lembranças, mas era isso exclusivamente que o levava a gostar de Violeta naquele momento: dominar. A ideia do fingimento de suicídio lhe castigara muito a vaidade de macho inquieto. Não poderia nunca aceitar qualquer conclusão de que fora esbulhado das suas superioridades de homem, não tinha nenhuma ideia de vingança porque Violeta não lhe importava nada no momento, lhe importava era se saber mais forte. O simples pensamento de que Violeta alguma vez poderia enganá-lo o deixava furioso de amor, chegara às vezes por isso a voltar inesperadamente pra casa, não na esperança de surpreender um mau passo da mulher, mas disfarçadamente, para possuí-la. E este era o amor que tinha por Violeta naquele instante, essa a maneira com que a amava agora: uma completa vontade de dominar, de possuir, tão violenta que não eram possíveis mais distinções, separações, sutilezas, e o tomava todo. Deixou cair os braços desalentado, num gesto de juvenilidade graciosa, vagamente feminina. Abaixou o rosto para o lado, num desamparo infeliz, um daqueles seus gestos instintivos, sem nenhum cálculo, em que de tal forma se misturavam nele uma eterna juvenilidade perdoável e o trágico do homem forte ferido, que era ao mesmo tempo drama e esplendor, invencível. Confessou:

— Eu gosto muito dela, sim...

Carlos não sabia mais o que sentir, o que pensar. Sacudia a cabeça levemente, cuidadosamente leve para não parecer que censurava o amigo. Não tinha mais elementos pra censurar! E isto não deixava de o irritar. Tinha, com muito cuidado afastada, uma longínqua sensação de que o amigo era um monstro. Ou pelo menos estava sendo monstruoso. Mas era impossível! conhecia bem o João, ele não era um monstro! o que era o João!... Um desejo de ajudar, de esclarecer, de compreender, perdoar... Teve ímpetos de apertar a mão do outro, aquela mão fina, sempre fria, dedos muito longos, senhoriais. Teve uma nítida raiva do amigo. Aqueles fracos dedos senhoriais lhe chamavam à lembrança um resquício de classe, João vinha sabidamente de famílias tradicionais paulistas, ao passo que dele o avô fora operário, carregara pedra, que absurdo! Carlos sorriu. Ainda chegou a um imperceptível esforço para continuar no desejo anterior e apertar conivamente a mão do amigo, mas se conservou imóvel, muito impassível, longínquo. E o silêncio ali não tinha nenhum valor, estava reles, bruto, mau condutor. E cresceu em Carlos aquela mesma impaciência desagradável o dia em que acolhera o amigo, já esquecido por muitos anos de separação sem cartas, quando João fora transferido para o Rio.

A porta do quarto se abriu, Maria entrou na saleta. Carlos quando a sentiu se encostando nele, familiarmente lhe descansando no ombro as mãos cruzadas, encheu-se de uma segurança perfeita. Foi um conforto quase sublime. Curvou a

cabeça para trás, pra lhe tocar nos seios e se unirem mais, mas a posição ainda era insatisfatória para ele. Voltou-se olhando-a nos olhos com inquietação, circundando-lhe a cinta com seu forte braço, puxou-a mais, pobre Maria tão suave, tão imensamente dele, o seu orgulho, que ela também tinha o seu pedigrizinho de aristocrática, e era dele, era a felicidade dele... pobre Maria, jogada nesses escândalos brutais que o João trouxera consigo...

E, de-fato, Maria estava como que arrebatada fora de si, numa expressão que, apesar de serena, jamais lhe pertencera. O único gesto que fizera com um bocado de consciência fora aquele: amparar-se no marido, lhe pedindo na conjugação física um pouco do que ela era, isto é, eles eram ambos os dois, certeza maravilhosa. Mas desde que sentira Carlos se preocupando com ela, desde que o braço ele a circundara e ela se garantira de proteção, voltara àquele tumulto interior absurdo, àquelas espécies de rajadas de cores, sons, lapsos de ideias, imagens horríveis, suicídios, prantos, sangues, pugilatos de homem, crimes incestuosos, adultérios, automóveis em velocidade, pobres pedindo esmola, o tiro! bem no peito! mães fugindo chorosas, sol batendo na cabeça, pneumonias sem médicos, imagens horríveis, saudades insuportáveis, sons lancinantes, luzes de uma lucilação insuportável... Maria estava como que cavada inteiramente por dentro, a tempestade lhe tirara tudo, carnes, ossos, forças morais, pensamento, era um autômato. Ficara apenas a pele por fora, por dentro era aquela rajada incessante, turbilhonante que a deixava inteiramente tonta, vazia, vazia, e uma criminosa sensação de esplendor, de vitória, de uma gloriiosidade assombrosa, que nem chegava a dar prazer de tão brutal. A mão dela tremia um pouco quando Carlos forçando uma resistência vaga, levou-a aos lábios dele, e inda percebeu que a mão de Maria fazia um movimento envergonhado, talvez recatado de se recusar ao beijo dele. Carlos se inquietou muito e vencendo um primeiro desejo de delicadeza pra com o amigo, se ergueu pra olhar Maria. Ela estava inteiramente entregue, inda mais agora que o marido lhe percebera definitivamente o estado, desarvorada, sem possibilidade mais nenhuma de se guardar, e se deixou contemplar sem pudor. Estava terrível de ver, e em sua beleza delicada e grave, havia todo um desmachamento de traços numa expressão que não chegava a ser de dor, não chegava a ser de fadiga, era indistinta, quase agressiva, mas em que se estampava um sinal de voluptuosidade, incorreto, baixo, espasmódico. Carlos ficou horrorizado.

— Maria, o que 'ocê tem! você está cansada, não!... e segurou-a pelos braços lhe soerguendo um bocado o busto, que ela largara sobre as ancas, acentuando ainda mais a sua incorreção de mulher um bocado baixa.

Aquela compressão forte das mãos de Carlos, aquela vontade de alteá-la lhe recordando a sua dignidade física, trouxe Maria um pouco mais para si mesmo. A boca de lábios finos e sempre úmidos, dilacerada numa abertura de esgar foi

se aclarando num vaguíssimo sorriso de tristeza humilde, as suaves narinas claras, que estavam espetadas, muito abertas, lhe acentuando aquele perfil quase duro, tão comum nas mulheres paulistas com alguma raça, foram de novo se adoçando e pousaram na mansidão costumeira, Maria fechou os olhos. E o rosto, que ela trazia caído para um lado enquanto os olhos alagadamente abertos, sem brilho mas cruéis, crus, diretos, nada olhavam, o rosto descaiu abandonado sobre o peito e desapareceu nas ondas dos cabelos. Mas o favor daquela entrega foi momentâneo só. Maria se desvencilhou com decisão e aspereza das mãos de Carlos, e com a mão direita ergueu o rosto, enterrando os dedos talvez um pouco curtos nos cabelos admiráveis, elásticos e livres, de uma suavidade incomparável e uma cor profunda, indefinível, cuja indefinição ainda acentuavam mais alguns fios brancos. Era esse aliás o único tom pecaminoso, com um quê de diabolicamente aventureiro em sua beleza, aqueles fios brancos intempestivos naquela mocidade lisa, sem outra sombra de experiência ou malvadez. Trazia de novo os olhos vagos, a boca perdida, inexpressiva. Só que o péssimo traço de voluptuosidade se esvaía. Era apenas uma visão de vagueza, de um vazio insabor, dissaborida. Murmurou:

— Coitada de Violeta...

João estava ressabiado, não compreendendo bem, meio esquecido da mulher naquela cena rápida. Percebia ser demais ali, mas não havia por que se afastar. E também uma certa curiosidade o tomara, espiando aquele casal viver, percebendo uma unidade para ele inimaginável, uma confiança mútua, um tal conhecimento mútuo que João percebia, eles estavam conversando muito, sem dizer palavra.

O certo é que ele estava imaginando uma verdade certa, mas que no momento deixara de existir completamente. Carlos e Maria não se estavam dizendo nada em seus gestos, e não se compreendiam naquele instante. Apenas batera em ambos um desejo violento de ir pra casa, de ficarem sozinhos, protegidos pelas paredes do lar e os móveis conhecidos. Carlos, mais para esconder; Maria, mais pra compreender. Mas falara em Violeta, insistia em Violeta, numa decisão que nem era delicadeza pela única pessoa que realmente importava naquele momento, mas que era, ela não sabia absolutamente o que era, era decisão de lembrar Violeta, trazer Violeta, o sofrimento de Violeta, a desgraça de Violeta ali, maltratando os dois homens. Havia também isso no deslumbramento interior de Maria, uma rajada de revolta, uma vontade absurda de vingança. Principalmente uma irritação, uma irritação desesperada, um se imaginar Violeta, um desprezo muito zangado de Violeta, desprezo que mais ou menos sempre tivera pela outra sem que isso lhe chegasse à consciência. E uma solidariedade nova, em que o estar vivendo em Violeta lhe dava umas saudades, uns arrependimentos umas volúpias, umas liberdades absurdas, uma vontade de chorar, de chorar... Seus olhos se encheram de lágrimas.

— Vamos pra casa, Maria...

Era isso, sim, que ela queria! ir pra casa!... Ajudou a decisão de Carlos:

— Ela está dormindo sossegada...

Mas lhe veio imediatamente uma vontade de estourar

— É melhor que eu fique... (Arrependeu-se... quis maltratar, se vingar) Ao menos cuide bem dela, João...

E não pôde mais. Se encostou muito no marido, agora sim, nas suas conversas mudas de corpo, pedindo a ele que a tirasse dali, que a levasse pra casa, a protegesse, cuidasse dela como de uma criança boa. E Carlos, irrevogável, áspero:

— Vamos embora.

Olhou em torno. A capa de Maria estava um pouco longe, no sofazinho. Mas Carlos não teve coragem de a deixar, segurou-a forte pelo braço, deu um passo largo, e esticando muito o outro braço, inclinando muito o corpo, numa elasticidade feliz, voluptuosa de amor, alcançou a capa e se contraiu de novo pra bem junto da mulher. Envolveu-a na capa, e era um abraço vitorioso. Virou apenas o rosto para o amigo. Insensível, com um pouco de agressividade, não existia Violeta mais:

— Até amanhã, João.

Foi conduzindo, empurrando cariciosamente Maria para a porta. João, desapontadíssimo, foi acompanhá-los até o elevador. Depois se lembrou que embaixo a porta estaria fechada, foi obrigado a voltar ao apartamento em procura da chave. E os dois ficaram numa cólera bravia, ali, parados no corredor desalumiado, mudos, numa espera sem sentido, violentados por aquela obrigação de aguentar a presença do outro até embaixo. Que elevador mais vagaroso! E agora integrado em si mesmo por aquele gesto prático de buscar a chave e levar os amigos até embaixo, João sofria muito. Percebia a agressividade do amigo, nem lhe dissera uma palavra de conforto. Mas, pressentindo o egoísmo do sentimento, logo transformou a consciência: lhe doía era Carlos não ter dito sequer uma palavrinha desejando a saúde de Violeta; agora até Carlos, que sempre fora o único dos seus amigos a dar alguma atenção a Violeta, nunca fora agressivo com ela, agora até Carlos estava assim! Então Violeta, só porque era muito ignorante, sem cultura, não valia nada! Era em todo caso, era sempre a mulher dele, e Carlos podia dizer bem uma

palavrinha de conforto por causa dele, João estava muito desarvorado com aquela repentina imperfeição do amigo, aquela indiferença por Violeta, por ele, só pensando em Maria. Não teve coragem de se definir mas lhe bateu uma espécie de irritação por Maria. Decerto Maria estava fingindo toda aquela cena pra chamar a atenção de todos sobre si. Tudo era fingimento, decerto... Se Violeta fingira, ao menos estava desesperada, fora um desespero. Afinal quem ele tinha mesmo, a única companhia dele no mundo era Violeta, coitada...

Na porta aberta, Carlos sempre enlaçando Maria pela cinta e a conduzindo nem se voltou para o amigo. Mas não tinha mais irritação nenhuma, nenhum motivo de afastamento, estava livre. Não se voltara apenas por intimidade. Não se voltara naturalmente, numa liberdade perfeitamente de amigo, adquirida. Porém Maria nem bem passaram o umbral, parou com firmeza, resistindo à impulsão do companheiro, e se voltou. Estendeu a mão para o João, falando talvez um pouco alto demais com voz ácida, pouco dela:

— Cuide bem de Violeta, João... (e prendendo a mão dele mais tempo) se precisar de mim, chame.

Carlos foi chamado ao dever, tão social, de dizer outra vez “boa noite” para o amigo, o que o irritou contra a mulher. Se sentiu repreendido, o que era estúpido. Mas continuou, num cuidado apenas de continuação, conduzindo a mulher até o automóvel. A porta da casa se fechara, estavam sós. Carlos não repetiu o gesto da capa, no trabalho de abrir o automóvel. Deixou-a livre, enquanto buscava a chave no bolso traseiro, abria as portinholas e o jogo do motor (?). E ela agora estava mais alta, muito esguia, envolta na seda em que os reverberos riscavam uma porção de reflexos quebrados. Na esquina próxima, o restaurante aberto toda a noite, lembrava evitar a Maria qualquer trabalho de preparar alguma bebida quente naquela noite já tão trabalhosa. E Carlos imediatamente fez as pazes com a adorada, veio pra junto dela, convidando-a pra comerem alguma coisa bem quente, uma canja... Maria estava de novo ausente, naquele mesmo ar insolúvel, de novo inteiramente varrida por rajadas de sons, de cores, de pedaços de imagens horríveis. Murmurou apenas um “não” muito implorante, entrou no automóvel quase que só movida por Carlos, que ainda lhe arranjou as pregas da capa, cobrindo-a bem e fechou o automóvel. Carlos deu a volta, foi se sentar na condução. Olhou Maria. Ela, esfregando a mão na testa, correndo-a pelos cabelos, largou pra encher o tempo:

— Estou tão triste...

Carlos, circundando-a com o braço, a trouxe para a sua boca, e lhe roçou os lábios sem beijo pela face e os cabelos. E murmurou, dirigindo a vida:

— Você não devia ter vindo... esses malucos!... (e afastando um pouco a cara, olhando Maria nos olhos, querendo que ela compreendesse) E não se inquiete muito não, Maria, Violeta... não acontece nada pra ela... Lisol assim não mata... (la dizer que tudo fora fingimento, mas se conteve a tempo, num discreto respeito pela feminilidade de Maria. Mas não conseguindo porém destruir completamente a primeira intenção, até ele estava meio desarvorado! Continuou espantadíssimo da própria grosseria.) Aquele idiota do médico chegou a dizer ao João, (percebeu que estava mentindo, e que o médico só se dirigira a ele, imaginando que o João não estava presente, corrigiu:) e a mim principalmente, creio até que ele pensou que o João não estava na sala... chegou a dizer pra mim que tudo fora fingimento de Violeta... também eu...

Parou. Na entreluz do ambiente, Maria que se deixava olhar e ouvir, fora voltando o rosto aos poucos para ele, e o olhava agora com olhos horivelmente grandes, entre surpresa e agressão. Disse rápida, ácida, aguda:

— Então uma mulher não é capaz de se suicidar?

Carlos estava assombrado. Jamais que Maria nunca lhe fizera ouvir aquela voz, era insuportável, tinha desafio, agressão, rivalidade, ironia, malvadez calculada. Disse muito baixo, e era uma queixa:

— Oh, Maria...

Ela abrandou. De novo os ombros lhe caíram exaustos sobre o corpo todo informe, e olhava fixo pra frente, sem pestanejar, mas com a cabeça levemente curva pra um lado, o lado de Carlos, o lado de que lhe vinha uma felicidade sublime, que agora estava saudosa de si, arrependida de não existir por aquele século de um minuto bruto. Carlos teve uma piedade enorme da mulher. Positivamente ela estava exausta, sofrendo muito com todo aquele caso que era, de-fato, muito desagradável e o fazia sofrer também. Estava solidário com Maria, e era preciso que fizesse as pazes já, pois que estavam outra vez iguais. E as pazes tinham que vir dele, era o mais forte. Sorriu, num carinho bem de posse, abraçando-a outra vez:

— Patroazinha, não vamos agora brigar, você tem razão, me perdoe... Me perdoa, não?... (e imediatamente, já consigo, pensando num possível erro de sintaxe.) Me perdoa não, ou, me perdoa sim... hein...

E lhe aspirava com ofego o cheiro, numa voraz angústia de posse. Maria passeou a mão pelos cabelos dele, e tinha os olhos cheios de lágrimas. Mas o empurrando com carícia, suplicou:

— Carlos, vamos embora!...

E enquanto ele movia o carro, ambos sozinhos, ela ficava muito reta em seu lugar, perdida, olhando em frente. Um frescor suave de madrugada... O ar da noite se manchava com os laivos do próximo dia... Os lampiões ainda acesos se encurtavam no poder das suas luzes, enquanto o mar se avolumava brancacento e as montanhas recortadas jogavam melhor suas massas inquietas na incolor desagradável do céu. Mas o ventinho estava saboroso, cheio de via e com uns perfumes pesados trazidos do mar... Carlos, tomado duma alegria máscula atirou o automóvel numa velocidade aventureira, e em poucos minutos mudos rolaram por Copacabana, quebraram a esquina e o carro parou junto ao portão pesado, e eles ambos olharam o terraço do lar em que ainda fazia noite por causa da sombra das árvores.

Entraram. E era bem aquele o quarto deles, gostoso e antigo, mas ambos estavam bastante desapontados, sem saber como recomeçar a vida em comum. Maria ainda com uns restos de agressividade, ou melhor, se sentindo um pouco abandonada por Carlos. Era um ingrato talvez, que não lhe dava uma alma, não conseguira lhe dar até agora a alma que ambos vinham vivendo e tinham construído com tamanho instinto de felicidade. Mas a agressividade permanecia, irresoluta dentro dela, e ao lembrar naquela exaustão sofrida, aquilo que eles tinham construído juntos, aquela alma conjugada, Maria agressivamente se retirava do mutirão, se diminuía pra aumentar força geradora de Carlos, imaginá-lo mais ingrato, imaginar-se mais abandonada, mais só. Por que Carlos não agia, e não vinha repor a alma conjugada, no ambiente em que estavam já somente eles mesmos? Carlos é que fizera a perfeição os dois, Carlos é que criara a alma conjugada, Carlos era dono de tudo, autor de tudo, porque não criava alma outra vez, porque não retrazia o bem antigo!... Estava sozinha não tinha ninguém no mundo por ela, os pais, o irmão paulista lá em... onde é mesmo que o irmão estava agora, não se lembrava bem da embaixada, não sabia. Sim já se mudara do México pra Portugal, ora! Carlos é que era a única felicidade dela, o único ser que a fazia. Era uma infeliz... Maria estava muito consciente de que exagerara, ao absurdo, chamando de infelicidade um estado interior que não sabia bem o que era, mas que imaginava ser fadiga e dó. Mas estava sem o menor instinto de resistência, indefesa, entregue a um desejo invejoso de sofrer, de sofrer como Violeta sofria, num secreto instinto de que a felicidade era uma coisa reles, boçal, repulsiva. Queria sofrer, não sabia que estava com uma inveja quase sexual de Violeta, que tinha muito mais interesse, era muito mais interessante que ela, uma... Uma nada. Percebeu que Carlos se aproximava dela, vinha lhe dar a alma que ela pedia, lhe tirava com carinho forte a capa dos ombros, jogava a capa numa poltrona só pra não se afastar dela, a enlaçava muito, e depois a olhava rindo, movendo o rosto em sinal de repreensão...

— Bobinha...

Maria ficou uma fera. Quis dar nele, quis machucar fisicamente aquele poder tão certo que a dominava, e não podia, não sabia machucar. Imaginou que ele percebera todos os pensamentos que agora começavam a se definir, e se reduzir em palavras e frases dentro dela, pois ele não dissera tão certo que ela era uma “bobinha”? Teve ódio do diminutivo que a infantilizava. Era uma boba sim, mas mulher feita, independente, capaz de tudo. Ficou danada por saber muito bem que não era capaz de tudo, teve vergonha de ser boba assim, se deixar levar por um cansaço, fazer tanta tolice diante do marido que era um forte, e ela queria ser forte como ele, com ele, e sabia que ele a queria forte com ele. Estava querendo chorar mas não podia, os olhos choravam outra vez e no entanto ele estava se rindo dela, rindo dela! ingrato! bruto!... bruto! bruto! e agora, boba! fraca! estava soluçando nos braços dele, ele a amparava, a acarinhava, e ela sabia que ele estava com o rosto muito sério outra vez, não estava se rindo dela mais não, estava só, que grande! entregue a cuidar dela, só preocupado com ela, inquietíssimo por tantas mudanças. Era uma ingrata, ele tão bom e ela o fazendo sofrer sem motivo, só pelo gosto de fazer sofrer, não aceitando o ensinamento, o exemplo dele...

— Meu amor, você está muito fatigada...

Fatigada! teve raiva, ficou uma fera outra vez. Tudo o que ele sabia dizer só servia pra machucar, Carlos não compreendia! então Carlos não compreendia que ela estava sofrendo muito!...

— Me deixe!...

O “Me” ainda saiu áspero, revoltado, mas o “deixe” veio suave, implorando a só coisa de que ambos igualmente careciam para que a vida voltasse à verdade só deles e a alma conjugada se refizesse do tiro que a surpreendera na ceva, esperar.

Se eles soubessem de tudo... Se Carlos pudesse saber de tudo... João e Violeta eram bem uma ceva em que eles, animais incautos, estavam arriscando a sua alma conjugada. Mas Carlos nunca que abandonasse aquele amigo que o dominava, porque ele dominava o amigo — esse amigo que ele fizera desde os tempos de colégio, e ele fazia e mantinha, evitando uma degradingolada maior. Carlos pela primeira vez não compreendia a mulher. É verdade que nunca fora preciso compreendê-la, Maria era tão simples, tão clara e forte que a perfeição fora facilmente conquistada com sacrifícios mínimos daqueles dois seres iguais. Música! Carlos se lembrou de ligar o rádio do criado mudo, a música, a doce música em que ambos se uniam perfeitamente no prazer livre da arte lhes viria acalmar as paixões... Mas àquelas horas não havia estação funcionando e só o rádio da sala, lá embaixo era de ondas curtas também. O temor do ridículo

impede muito a conquista do bem-estar. Carlos não pôde se vencer, reconhecendo o ridículo de ir até lá embaixo, ligar o rádio longínquo, a criada era capaz de acordar, acordaria certamente, pensariam que eles estavam bêbados, tinham voltado de alguma farra: a criada ainda não fazia mal que imaginasse o que quisesse, mas... era ridículo. Principiou se despindo com abafada tristeza. E olhava a mulher, medindo os gestos pelos dela, não querendo se aprontar antes dela, não ir para a cama antes que ela, não parecer livre, sem preocupações, muito forte e capaz de reagir facilmente. Seria feri-la em sua fragilidade de mulher. E também lhe doía um pouco perceber que a mulher continuava longe, sem ter a menor atenção para com ele. Era sempre certo que, no casal, o ser amante era ele e Maria quem se deixava amar. Isso o preocupava uns tempos, mas logo se acostumara, não só porque essa combinação lhe parecia mais legítima como porque na passividade da esposa e encontrara sempre o assentimento ativo, e dentro do recato sereno, o ardor, um gozo verdadeiro, o orgulho feminino de ser dele. Maria jamais tomava a iniciativa das carícias, mas, Carlos percebia, percebera claramente nos tempos em que o preocupava essa atitude da mulher, Maria buscava a carícia, preparava o instante de carícia; e, num leve e aparentemente casual roçar de mão, num chegar até a sala em que ele estava e desaparecer sem fazer nada, numa pergunta ingênua e de resposta já sabida, num apoiar-se mais voluntarioso nele, em mil nadas graciosos, de uma inconscientemente exagerada fragilidade, ela o presenteava com desejo dela, essa ambição por ela, mais inventiva, mais voluptuosa e agressivamente casta que a própria ação de acarinhar. Era maravilhoso

Maria estava maquinal, fazendo a sua toalete com cuidado lerdo esquecido, ele bem reparou: preparara os cabelos sem os perfumar como de costume, e, ele bem reparou, depois das como sempre barulhentas lavações dele no quarto de banho, depois de preparada já para dormir é que se fechara no banheiro, estaria agora lavando o rosto, a boca... Não. Precisava ter paciência com ela, fora um traumatismo muito grande pra ela a tentativa de suicídio de Violeta, pestinha! Era preciso afastar mais aquele casal do convívio de Maria, não convinha que ela sofresse pelos outros, inutilmente, o caso de João não tinha remédio mesmo... Carlos resolveu se deitar, positivamente não havia mais explicação ficar assim numa pretensa delicadeza que acabava ficando indelicada por se mostrar. O leito era de ambos. Quisera dar a Maria a noção de que era ele quem se aproximava dela, mas não tinha mesmo mais nada a fazer. Inventar cortar as unhas àquela hora ficava ainda mais ridículo. Quando ela viesse ele se voltaria, se ergueria no cotovelo pra mostrar que a estava esperando. Mas!... lhe deu uma irritação e um ofego! mas como tudo estava tão fora do natural! como ele estava sendo insincero todas aquelas preocupações, preocupações não, era justo que estivesse preocupado com a esquisitice da mulher... Achou péssima a palavra “esquisitice”. Maria não estava esquisita, refletiu com energia. Não era esquisitice, ele é que estava falsificando tudo, mas também

tudo estava tão novo, tão inesperado... E Maria, o amor por Maria justificava tudo, fazia tudo por ela. Se não estava sendo natural, não importava, era por causa da patroazinha, sorriu, sentiu um gosto voluptuoso de mais forte em conceder a ela aquele título de superioridade que era só dele... da patroazinha adorada que os escândalos dos outros tinha maltratado tanto, coitada... Estava mesmo decidido a afastar Violeta da casa deles, afastar completamente era impossível, mas... A figura do João se impôs, falara só em Violeta... Notou que fora burla de si mesmo, lembrar só o nome de Violeta, o João também era preciso afastar, afastá-lo é que afastava os dois. Trataria Violeta mais secamente, como João lhe contara que os outros amigos faziam. Mas continuava percebendo que se fixara no propósito de só afastar Violeta, o que não estava certo. E aceitou reconhecer a ternura fiel que tinha pelo amigo. Não que Violeta fosse má, não era, mas João também não era ruim, era... era amalucado, era um fraco, mas sempre fora fraco, já no colégio era assim, e fora um milagre e quanto já se corrigira... E ele auxiliara esse trabalho difícil de se corrigir, até mais: ele é que corrigira o João. No possível. Tudo o que fora possível conseguir, conseguiram...

Maria abriu sem ruído a porta do banheiro e entrou no quarto como branca aparição. Carlos sem nenhum sono, soergueu-se rápido no leito, convidando-a com o olhar entregue. Ela fez por hesitar, mas continuou irreal, contornando a cama, enquanto Carlos a seguia sempre, amparando-a com os olhos, até que ela chegou para sentar no leito. Enquanto ela se desembaraçava das sandálias, Carlos libertava o lugar dela das cobertas, trazendo-as para si. Maria deitou-se e ele a cobriu cuidadosamente, e a puxou, e a guardou nos seus braços, e aconchegou- lhe a cabeça na concha ampla do ombro, “meu amor... e a beijou nos cabelos, e lhe pesou mais o outro braço na anfractuosidade da anca. Num soerguer-se impaciente, esticou o braço, interrompeu luz do abajurzinho de cabeceira e as claridade da manhã entraram francas; roseando o quarto.

Carlos, impaciente, quis esconder a cabeça com as cobertas, e afundou o rosto no corpo da mulher. Ela, abriu agora largamente os olhos que trazia fechados aos carinhos do companheiro, e olhava sem olhar, perdendo a vista nuns mundos sem pensamentos, fatigadíssima. Agora, sim, que não podia mais. E o contato, o calor, o cheiro, as memórias felizes os destinavam agora, talvez mais que nunca, ao ato de amor. Carlos ainda hesitou em maltratar a companheira exausta, era impiedade. Mas a hesitação apenas lhe brotava no espírito, tantas dissoluções de amor eles tinham suportado naquela noite, que era impossível recusar agora a reconsagração do que eles eram, as mãos de Carlos já compunham o corpo amado, os lábios se alastravam em beijos ardentíssimos, e todo ele se convertera numa erupção de volúpias dominadoras de paixão. Estava ainda um pouco envergonhado da sua animalidade, porém Maria aos poucos fora se transformando, agora se movia, se quebrava ao enlace voluntarioso, e de repente apertou-lhe tanto a cara contra os seios que Carlos

se revoltou contra a violência inédita daquele amor. Ergueu asperamente a cara, olhando-a bem nos olhos, perguntando, lhe percorrendo o rosto em busca de uma resposta de uma resposta, de uma explicação. Maria estava horrível, espasmódica, boca muito fechada, dura, uns ronquidos feios lhe escapando pelas narinas movediças, como um hálito alertado na carreira. E ao afastamento dele, ela correspondia impaciente, chamando-o, puxando-o com seus braços cheios de uma força absurda. Fechara os olhos, não via mexendo-se lenta, se estorcendo, feia, muito diversa, com volúpias inimagináveis, que seriam sublimes para alguma noite de prazer carnal. Carlos a repudiava, a detestava assim, queria bater de raiva, se percebendo vencido ainda num instinto de salvar alguma coisa as convulsões o tomavam, não tinha reservas mais, não era mais si mesmo, o prazer explodiu indesejável, repugnante, monstruoso, e ele afundava o rosto, se enceguecendo, amesquinho, naqueles cabelos tão bons, se sentindo possuir pela primeira vez, numa apavorada consciência de vício, de qualquer crime contra a natureza. Assim que pôde desvencilhou-se dela, empurrando-a brutal, virou-se, quis fugir daquela cama, não pôde. O passado era maior que o presente e o salvou. Ficou horas imóvel, sem conseguir dormir nem pensar. Maria largada, ficou assim, boca entreaberta, um leve ritus de amargura, olhando o teto. Mas logo foi fechando os olhos. O rosto ficou manso, verdadeiro. Dormia profundamente.

Ainda estará bem longe das três horas, talvez nem sejam duas e meia, Violeta já terminou o arranjo da saleta depois do almoço de ambos, não transparecia nada mais de ar de improviso no ambiente. Voltara exatamente a ser uma saleta meia escura de apartamento, com uma janela só dando pra rua, com os móveis de uma elegância reles, semostradeira, de série, cheirando a prestação. Mas isso a moça não chegava a perceber francamente. A casa “dela” lhe dava ainda prazer, quase o mesmo dos dias iluminados e inesquecíveis em que ela com João, andara comprando todos aqueles móveis, tapetes, o abajur, a cama turca, pelo Catete, comentando preços, discutindo numa ferocidade de ferazinha espicaçada com os judeus alourados. Muito maltratada entre a volúpia de aquisição e o desespero apreensivo de que estavam se endividando, a desgraça desabara sobre a vida do casal, pobres de novo, jogados na rua pelas dívidas, e ela voltando para algum emprego de fábrica, fatigada e monótona, com o vestidinho de chita sobre o corpo. Um cheiro fétido de leite azedo, diziam que fazia bem... A semana toda, nem sequer outra saia branca por baixo do vestidinho de chita. Calças jamais usara, se desse um grande vento havia de lhe erguer a saia, e Violeta se horrorizava, defendendo com uma virgindade ambiciosa os segredos do corpo. E lhe ficara daqueles tempos de adolescência um pavor incrível contra qualquer vento. Mesmo nos domingos, quando abandonando o vestidinho vermelho, passeava na praça da matriz com as companheiras, todas tão claras e alegres nas fazendas joviais... Ela, porém, numa sedinha barata, que escolhera, bem séria, cor-de-cinza, por baixo a combinação da mesma cor, tão diferente das outras, se percebendo e se

querendo diversa, aquela rosa do quintal reinando na violenta cabeleira... Batesse a mais leve brisa, Violeta se encolhia toda, fechava as pernas com força que lhe chegava a doer, prendendo a saia no corpo com os braços esticados, num temor doentio de que lhe aparecessem as partes aos olhos dos homens, operários como ela, do lugar. E o temor ainda aumentava, jogada em pavores horríveis, se tinha algum rapaz “direito” por perto, os caixeiros viajantes que a olhavam tanto examinando, os filhos dos fazendeiros, gente assim, de melhor sociedade. Os braços de um moreno um pouco rijo, as pernas magras, bem torneadas, esbeltas apesar de Violeta ser apenas de estatura regular, e os seios pequeninos, muito duros, que mesmo o casamento não desnaturara na sua firmeza admirável, mesmo os seios que eram o que de mais bonito e convidativo a moça tinha corpo, mesmo isso Violeta sentia prazer em mostrar a todos. Seu vestidos eram sempre muito curtos, quase sem manga, apertados no busto. Todos olhavam, ninguém rejeitaria aquela adolescência esquisita mais convidativa, alguns insistiam na lembrança de possuir, gozar aquele corpo e chegavam às proximidades do amor. Mas Violeta vivia noutros mundos, nem sabia o que queria, não planejava, não desejava coisa alguma. Passava entre olhares, desejos, amores numa espécie de sonho que era um vasto e turbulento vácuo, nada, nem príncipes encantados, nem filhos de fazendeiros, nem heróis ou musculosos atletas nada: um vácuo turbulento, cheio de rajadas escuras e convulsivas, em que não brotava decisão desígnio, esperança, ambição, nada. Às vezes a tomava uma raiva sôfrega contra tudo isso, sim. Contra os pais que eram operários, contra o lugarejo em que vivia, contra o dinheirinho que ganhava, se pudesse destruía o mundo. Mas logo recaía no seu vácuo estranho, que se exteriorizava, naquele mutismo indeciso, a melancolia continuada, o apenas entre-sorrir quando as companheiras caíam na gargalhada por qualquer graça enorme em que entrava homem. Era orgulhosa, diziam. Mas Violeta não era orgulhosa, Violeta não era nada; apenas tinha plena consciência, ou melhor, pleno instinto, ao sentar numa cadeira, a um roçar de brisa, de que ninguém, nenhum homem lhe visse as partes. O gesto de defesa era imediato, rápido, agreste, quase desesperado na defesa. E lhe ficara aquele horror do vento que desesperava o João. Violeta vivia fechando janelas, dormiam sempre de janelas fechadas “por causa do vento”; se recusava a passeios em dia de vento, e mesmo agora que suas roupas melhores a protegiam de um possível ridículo continuava naqueles gestos bruscos, prendendo a saia com as mãos indiscreta, ridícula, se um ventinho passava.

Já limpava também as duas panelas do macarrão, a frigideira, os pratos, e a cozinha minúscula também silenciara numa limpeza agradável. Fazia calor no apartamento fechado. Era João sair, ela fechava tudo. E pousara no recinto aquela mesma ordem morna, sem prazer, desinventada, de todos os dias. Talvez o maior defeito de Violeta fosse essa cotidianidade exasperantemente desambiciosa, tão monótona, tão decidida por uma espécie de fatalidade, que ela mesma sabia resolver se chegara ao máximo dos seus ideais, aquele lar,

aquele amor?... Voltara à saleta e lhe dera vontade de fazer alguma coisa um pouco diferente, mas sentiu cansaço. Esticar-se no sofá e ficar assim.

Ler, lembrou-lhe ler, mas não gostava. Não gostava um pouco raivosamente também, por despique; não ler nada, nem romance, nada, era machucar um pouco João, era principalmente se pôr em contraste violento com os amigos de João e suas mulheres — aquela mesma diferenciação, “ser diferente” que a vestira de sedinha cinzenta, contra as cores claras das companheiras, nos antigos domingos de Minas. E havia mais agora: o mal-estar que ela deitava na roda, quando havia roda, falassem de Lins do Rego, ou discutissem Érico Veríssimo. Se enfim acabou lhe nascendo alguma curiosidade pelos romancistas novos, de que tanto falavam, João, Carlos, e os outros, ao ler, às escondidas, logo se cansou, completamente desinteressada. Então, se o livro tratava de operários e pessoas “baixas”, não lhe vinha nenhuma lembrança, antes um desgosto enojado, um fastio, espécie de desprezo também. Não era culpa dela, mas tinha náuseas, não podia resistir. Fossem colheitas de cacau na Bahia, negros cortando grama em Porto-Alegre, ou cenas de algum curtume por aí, lhe entrava pelas narinas trêmulas um cheiro de leite, um ar gorduroso da manteiga, repulsivo, que lhe dava náuseas insuportáveis: tinha mesmo que abandonar o livro. Ainda Érico Veríssimo, José Geraldo Vieira, escritores assim lhe despertavam algum interesse momentâneo. A descrição de pormenores psicológicos, aqueles advogados e médicos com suas mulheres, lia, chegava a ler uma hora seguida, ruminando aquelas vidas, pulando frases, eram quarenta páginas que avançava naquela sua leitura lenta, movendo os lábios, pronunciando em silêncio e com soletreio as palavras. Depois fechava o livro e não pegava mais nele. Não tanto porque não quisesse ler, e mesmo jamais fizera propósito consciente de não ler; esquecia o livro. E assim ficava eternamente nos inícios do romance. Acontecia às vezes pegar de novo nalgum livro já lido; pelo menos tinha a impressão de que já sabia o que estava lendo, já lera aquilo nalguma parte, mas tinha uma impossibilidade enorme de decorar nomes de autores e títulos de romances. De repente uma frase lhe dava a certeza de que já lera a passagem, mas continuava lendo assim mesmo, sem vontade nenhuma de saber mais longe e uma total descuriosidade pelos desenlaces. Só na frente de Carlos, estando Carlos escolhidamente presente, lhe acontecera se referir a alguma leitura mais próxima. Carlos, com a sua natural generosidade, não se esquecia de Violeta nas conversas, mantinha mesmo uma impensada solidariedade com ela, embora não tomasse o menor gosto em valorizar a mulher do amigo. Fazia por fazer, por uma espécie de boa-educação mecanizada, e a sua bonita paciência pelo mundo alheio. Violeta porém era muito grata a essa atitude de Carlos, sentia impulsos de o recompensar, lhe queria sinceramente bem, e por isso também lembrava leituras próximas, fazendo um esforço para se igualar ao grupo. Mas já se esquecera do teor exato da leitura, hesitava os olhos de João pousavam mais felizes sobre ela, à áspera, e a tomava um furioso terror de estar dizendo alguma asneira. Percebia com

uma iminência invencível o perigo abismal da asneira e se fechava em copas, disfarçando tudo com um sorriso de escárnio, que deixava um mal-estar irritado em todos. João, ainda sorrindo, se aproximava dela e estendia os lábios para beijá-la, mas Violeta afastava vivamente o rosto, agressiva encurtada, fechadinha em si mesma, despeitada por aquela proteção tardia. E o mal-estar de todos se acentuava, estúpida!

Ler não. Ficar assim, aos poucos, o calor estava forte, gostoso, havia de vir o sono, e o sono era a suprema desforra de Violeta contra o seu passado. Em moça, naquele vácuo tumultuoso em que vivia, passava noites inteiras acordada, olhando a treva do quarto, pensando na cor da treva, pensando num por um em todos os latidos e todos os ruídos de fora, cachorro latindo, outro latiu mais longe, foi resposta, galo canta de noite também, oi-lá outro cachorro latindo, dizem que o escuro é preto não é preto, é meio avermelhado, fechando bem os olhos, apertando, ainda fica mais avermelhado e parece que se move, quanto cachorro! amanhã vai chover, quem será que está passando a estas horas! é homem, vai chover... Ficava assim noites inteiras e jamais pudera imaginar sequer que se dormisse de dia. Noite em que dormisse quatro horas era o máximo, e lhe deixava o corpo amolecido, num vazio ainda mais feroz porque batido por um desânimo de tudo. Mas desde casada, o vácuo se encheu, deixou de existir vácuo, aquele vácuo turbulento. Um vazio largo e calmo o substituíra, uma paz forte, e Violeta descobrira o prazer de dormir. Desde então dormir doze horas seguidas era frequente, um sono profundo com jeito de morte, absolutamente imóvel, em que a respiração levíssima, quase inexistente, apenas lhe ondulava de maneira imperceptível o excitantes. João se inquietava, punha-lhe as mãos pelo corpo em busca de um sinal de vida, um ritmo de respiração, aproximava a boca das narinas de Violeta, não sentia nada, quase nada, lhe vinha a ideia assustada de que ela ia morrer. O corpo estava quente, mas Violeta, no maior inverno, tinha o corpo sempre quente, suas mãos ardiam e eram desagradáveis de tocar, como se estivessem incendidas de febre. A ideia assustada de que Violeta ia morrer continuava e João fazia luz pra ver. Violeta dormia um sono absurdo contração de vida, nenhum gesto, a luz não lhe produzia a menor reação, estava como petrificada, nítida, ardente, bem visível nas cobertas leves, os seios ferindo o lençol. João muitas vezes ainda a sacudia assustado, murmurando invencivelmente, apesar de se reconhecer ridículo naquele receio infundado, "Violeta! Violeta!" Ela não escutava nada, não se mexia, nenhuma contração, nenhum sinal de vida, nada. Só aquele sono poderoso que deveria ser muito compensador se correspondesse a qualquer vigília, a qualquer trabalho excessivo. Mas o sono de Violeta não correspondia a coisa nenhuma, não tinha justificação plausível, com alguma coisa de horroroso, de macabro que João se recusava a aceitar porque nunca acharia motivo para qualificar de macabro e horroroso o sono da companheira. Mas era sim, ele não podia se vencer, era muito desagradável, mais: havia qualquer coisa de hediondo naquele sono invencível, brutal, bruto, inteiriço, em que não se

percebia vivendo nenhum sofrimento, nenhuma inquietação, nem sequer nenhum prazer, enfim: nenhuma marca de vida sensitiva e de alguma forma humana. Nem era isso exatamente: os próprios animais (desde então João sempre que podia reparava) os próprios animais tinham sono tão leve, apreensivo, cheio da presença da vida. É certo que no geral tornavam a dormir imediatamente, mas bastava acender uma luz o canário abria as pálpebras, bastava tocar numa fechadura, o cachorro se inquietava, o gato se movia, eram todos seres que dormiam sob a trágica iminência do perigo, dominados pelo receio da dor, iminentes na defesa da vida. O sono dos animais tinha assim sempre qualquer coisa de humano, de inquieto de sofrido, de anímico. Mas aquele sono de Violeta era uma coisa horrorosa, abusiva, de um egoísmo de pedra repleta, imota, inassimilável, sem sequer um vaguíssimo instinto de solidariedade. João ainda queria perdoar, queria sorrir, fazia cócegas a que ela não acusava nenhuma reação. Violeta não tinha cócegas. Mas para alcançá-la, João desviara as cobertas, e na sedinha evanescente do pijama brotavam ainda melhor agora os seios dela. Com uma certa vergonha dela acordar e o surpreender naquela indiscrição de sensualidade, João lhe desabotoava o pijama para gozar melhor a beleza perfeitíssima daqueles seios diante dos quais a sua volúpia não tinha defesa. Perdia aos poucos o receio, abria completamente o pijama da moça, arregaçando-o no entroncamento dos braços, e o busto sempre virginal, sem o menor indício de cansaço da vida, queimava em sua cor morena a luz. Não era possível imaginar, ele jamais encontrara seios mais perfeitos, mais rijos, e aquele colo cheio contrastando com a magreza de todo o resto do corpo, um corpo quase de rapaz, pervertido em suas linhas duras, insensíveis. Os braços então, eram pedaços de pau, descontornados, que a qualquer movimento formavam ângulos machucadores nos pulsos e nos cotovelos, braços que nunca se colavam no abraçar, tão inflexíveis que jamais exprimiriam um prazer. Mas João não via os braços agora, guardados na manga do pijama; estava enlevado naquele colo admirável de onde nascia um pescoço fino, harmoniosamente roliço longo e quebrável sem reentrâncias nem rugas, e onde, no alto, a cabeça violentamente engrandecida pela cabeleira hirsuta, parecia se entroncar desajeitadamente, como nos bonecos de engonço. João não prosseguia na contemplação mais além porque já sabia ir encontrar aquela carinha um pouco chata, bonitinha mas de uma boniteza reles, e modesta. E essa boniteza apagada do rosto de Violeta, se era uma comodidade no viver cotidiano do casal, era o que mais provocava no homem as suas revoltas violentas, os seus perdões fáceis para si mesmo nos frequentes momentos de aventura fora do lar, em que se justificava a sua insaciável vaidade de possuir mulheres, reconhecendo o afastamento em que se sentia da esposa, e afirmando exageradamente a si mesmo que não gostava mais dela. E se não gostava era por causa daquela carinha invariável, dum bonitinho enjoativo, que ele acumulava de diminutivos desprezadores. E assim ficava muito liberto, muito facilmente sem remorso, conduzindo a aventura nova uma segurança de irresponsável completo ou de completo cínico.

Excitado com a contemplação daquele colo esplêndido, João fechava os olhos e como de costume engolfava a cara na vasta cabeleira macia de Violeta, lhe atingindo com os lábios e pescoço, e eram volúpias longas, que jamais ele haveria de esquecer. Violeta se deixava possuir, entreacordada, em gemidos longínquos de amor. E quando João enfim se afastava da mulher, ela já dormia outra vez aquele sono estúpido e sem sinal. João lhe compunha o pijama, despeitadíssimo, maltratando, grosseiro, desejando francamente que ela acordasse aos cuidados que ele estava tomando com ela, sacudindo-a, incomodando-a, num resto de vida carinho agradecido, xingando-a “dorminhoca”, “boba”. Violeta dormia. João apagava a luz com raiva, se ajeitava, com exagero nas cobertas, sacudindo com violência a cama, empurrando, machucando. Violeta dormia. Jamais um sonho lhe aflorara ao sono imenso. Violeta dormir. Em solteira, era rara a noite em que por duas, três vezes, no instante mesmo de conciliar o sono, não fosse trazida com violência a lucidez por aquela sensação desagradável de cair. Essas quedas desagradáveis jamais tinham se reproduzido depois que casara. Violeta dormia. Nem por isso acordava mais bem disposta para os seus trabalhos de casa. Violeta estava sempre monotonamente disposta, jamais deixara de cumprir um só dever, que não fosse por despique, por vontade de se vingar, de contrariar. Daquele sono só lhe ficava uma quase sensação, uma quase consciência de que se desforrava. De que? não sabia. De resto nem lhe interessava saber. Com aquele seu olhar fundo, entrecerrado, que ainda se tornava mais longínquo por causa da sombra em que o rosto se afundava, rodeado por aquela enorme cabeleira crespa, Violeta parecia um ser sem pensamento, era sem pensamento, apenas no olhar, aquele brilho reto, quase sempre guardado, indicando nela apenas um caráter, apenas um desígnio: a tenacidade.

Lembrou-se de telefonar para uma das suas únicas duas amigas, moças casadas também, que o João raro via e mal sabia pelo nome, insignificantes como ela. Mas a simples ideia de telefonar para as amigas, lhe viera mais imperiosa, ficando única, a intenção, a talvez vontade de telefonar para Maria, conversar um bocado, saber como estava passando, qualquer desculpa assim, só para ouvir a voz da outra, só pra conversar. Desistiu logo. Não se tinham visto mais, depois do fingimento do suicídio. Violeta não fingira suicídio, não tivera intenção de fingir suicídio, com a mesma verdade com que jamais tivera intenção de se suicidar. Umas lembranças não conscientes de leituras de jornal lhe garantiam pessoas que não tinham morrido buscando morrer com lisol. Estava desesperada com a atitude do João aquele dia. De repente ficara tão furiosa, com tamanha vontade de maltratar que, deixara de pensar completamente, fora ao banheiro, ingerira parte do lisol, tomando apenas o cuidado de não beber demais, estourara o vidro no banheiro, principiara gemendo antes mesmo de sentir dores, se atirara no chão num pressuposto de morte. E quando dera tento de si, lhe ficara aquela auréola de martírio que não

lhe desagradara. Chegara a se sentir boa nos dias seguintes, numa deliciosa vontade de perdoar que encantara a existência dos dois uma semana ou pouco mais.

João é que não podia esquecer nem perdoar: queria saber! Lhe maltratava, desapiedadamente a integridade masculina, aquela ideia de fingimento de suicídio, não era possível! E acabou dizendo a Violeta que ela fingira se suicidar. Ela sentira um como que deslumbramento sim! Foi esplêndido porque lhe permitia voltar à sua normalidade habitual. Sim, fora fingimento apenas, fora ela exatamente, ela no ímpeto bravio de conservar a todo custo o seu lar, a só coisa que a interessava, o seu lar, os “seus” móveis, a “sua” comida, a “sua” posição atual de burguesinha... Fingir suicídio, era um elemento de riqueza enorme, a sossegava, a repunha dentro de si mesma, a enaltecia, a desumilhava, a vingava de tudo. E ainda por cima castigava o João, o inquietava, poderia servir de arma contra. Violeta não sabia contra o que nem quem, pressentia apenas o valor de arma. Estava contente num sentimento de salvação. Mas se fingiu amuada e saiu rápido da saleta, foi chorar. João foi buscá-la no quarto, consolando com suas carícias, pedindo perdão da ideia injusta. E ela se consolou com mostradeira facilidade, não fosse o marido tirar aquilo da ideia e sossegar por completo. E por duas vezes, nos dias seguintes, ela voltara com argumentação zangada, exagerada, a provar que não fingira e quisera mesmo se matar. Nem era contra o João que salvava a arma adquirida, era apenas o instinto dos frágeis de salvaguardar uma possibilidade de arma. Porém sofria um certo pudor de não ter sido sincera e sã na tentativa de suicídio. Fora sim suicídio, tivera a intenção de ela pensava com paixão. Mas no fundo uma calma firme voltara, estava de novo inteiramente si mesma, fora fingimento, uma verdade do seu ser, com um poder de possibilidade de movimentação, tanto para se fortalecer em si mesma, como para se vingar de tudo, se defender contra tudo. E Violeta, quando imaginava no suicídio, ora “tentativa” de suicídio, ora, como naquele instante, “fingimento” de suicídio. E se agora pensara em fingimento, era pra justificar a resolução de não telefonar para Maria. No dia seguinte ao “fingimento” de suicídio, pelo que o João contara, Carlos telefonara de-manhã sabendo dela. Pela tardinha, Maria telefonara outra vez. E nunca mais tinham telefonado. Violeta, por sua vez, pusera todo cuidado em não se encontrar mal nem com Maria nem Carlos. Entrelaçara-se neles aquele mal-estar, aquela vergonha do escândalo, era preciso deixar que os dias passassem, que tudo ficasse bem guardado num passado longínquo, pra que um encontro, uma conversa pelo telefone, não fosse uma espécie de indelicadeza indiscreta, uma vontade de saber da parte dele, ou algum cinismo dela. E como o escândalo fora violento demais, já quase mês e meio se escoara sem que ao menos se telefonassem. Os três sentiam que agora a reserva estava se exagerando, se tornando indiscreta por sua vez. Mas ninguém se animava a tomar qualquer iniciativa. Violeta mais ou menos ferida, atribuía tudo a uma ingratidão egoísta de Maria. Maria, refeita do choque,

apenas guardava uma lembrança enormemente desagradável do que sucedera, e uma bastante vaga por Violeta e João. Carlos é que apreciava voluntariosamente aquele afastamento, que lhe resguardava a grandeza do lar, contra aqueles amores dissolventes, aqueles seres impiedosos para o verdadeiro amor. Lhe resguardava Maria. Esta era a ideia principal que dominava Carlos, proteger a sua Maria, que lhe voltara a mesma já na tardinha do dia seguinte, quando ela acordara e o vira, sem ter ido ao trabalho, ao pé do leito, lhe guardando o sono. Maria lhe estendera a mão, guardando com a outra os olhos, em que havia sorriso e um pouco de vergonha. E se beijaram com perfeita ternura. A sombra daquela noite poderia lhes voltar logo repudiada, à lembrança, mas por um acordo gentilíssimo jamais se tinham comentado nada, sequer uma alusão à noite, aos seus detalhes, manchava as suas longas conversas. Uma delicadeza recatada os protegia contra qualquer iniciativa do mal. Nem se tinham indagado como Violeta estaria passando, Maria telefonara às escondidas, com repugnância, por dever. Passaram o resto da tarde e avançaram noite adiante ouvindo músicas, muito Bach, órgão, corais, e em seguida os italianos orquestrais antigos, Vivaldi principalmente. Carlos mudava os discos, entre comentários felizes, de uma grande solidez humana, que envolviam Maria de uma atmosfera quase voluptuosa de segurança. Não houvera nada! a noite anterior deixara por completo de existir, os dois estavam inteiramente ali, possuídos da glória aérea da música, purificados pela música, impossíveis de errar.

E assim continuaram ambos a vida feliz de sempre. Essa noite fora para os dois, entre músicas e silêncios, de uma tão perfeita unidade, foram tão simples e tão gloriosos, Carlos retomara com tão verdadeira masculinidade a iniciativa das carícias, Maria florescera tão maravilhosamente frágil e firme, cordata e auxiliadora, em seu destino de esposa, que Carlos se firmou na necessidade em que estavam de se afastar discretamente do outro lar. Às vezes porém, porque lhe nascera essa ideia absurda um dia! um dia, sem que houvesse nada, Carlos teve a sensação de que tudo tinha mudado, mudanças profundas tinham transformado completamente o que eles eram, os dois, que bobagem! Repudiou a sensação abstrusa, percebendo com facilidade que ele não era mais que um eco falso ainda da noite horrível do suicídio. Mas às vezes a ideia voltava e Carlos afinal foi obrigado a lhe prestar mais atenção. Mas o que o deixava mais desagradavelmente inquieto é que o pensamento lhe demonstrava claro que não houvera mudança alguma, ele estava cada vez mais o mesmo, as suas únicas preocupações eram Maria, as pequenas curiosidades de mulher que às vezes lhe vinham na rua, se ria delas, repudiando-as com facilidade... e se tivesse uma aventura como o João?... conhecer outras... Ficou desagradavelmente deslumbrado, não tanto da pergunta, muitas vezes, era natural, era homem, muitas o tentavam. Mas das outras vezes o pensamento lhe vinha calmo e concatenado no espírito, e agora, em vez, ele se permitira uma pergunta repulsiva. A interrogação é que manchava a frase de agora, com

sua possibilidade de resposta afirmativa. Carlos desgostoso repudiou enjoado o pensamento. Imaginou que o mal não era daquela noite, o mal vinha de mais longe e era mais profundo desde muito, desde sempre a felicidade deles vinha sendo solapada pelo exemplo dissolvente do outro casal, que bobagem! Os dois até se comentavam com um certo orgulho e cada vez mais confirmados em sua “diferença”, aquelas brigas ridículas de marido e mulher, às vezes achavam graça, às vezes desprezavam, e ele censurara quantas ocasiões, até uma vez na frente de Maria, o comportamento de João. Fora aquela noite, sim. E a noite tomou pra ele proporções descomunais, espécie de bode expiatório, muito inconsciente ainda, em que depunha todas as culpas, e lhe facilitava viver, não pensar muito, e o aliviava. Não houvera mudança nenhuma nele, não, e mesmo que houvesse! era suficientemente forte pra defender a maior felicidade, a do seu lar. E ficou exatamente de uma calma rija. Maria... Também era a mesma, não havia dúvida, que bobagem! E lhe dava uma irritação violenta: tomar assim a liberdade insultuosa de pensar sobre a mulher. Lhe despertava essa honra humana das coisas nobres, uma descrição íntima de não tocar, não ferir aquela imagem intangível, sublime, da sua Maria. Existe assim nas criaturas instintivamente nobres uma fraqueza interior de descrição, derivada da própria nobreza, e que as deixa indefesas contra as insídias do mundo... Carlos sentia que mudanças muito profundas se exteriorizavam muito vagamente e em maneiras novas, escapadas da mulher, e que positivamente ele desconhecia. De vez em quando, o espaço apenas de uns segundos, ela fitava absorta, como perdida nalgum mundo interior, só dela... que bobagem! Lhe vinha invencivelmente aquela eterna contra-resposta, “que bobagem!”, lhe impedindo, numa revolta de delicadeza e de carinho, pensar, responder, analisar mais atentamente a mulher. Mas principalmente (e o pensamento insistia, lhe dando verdadeiras cóleras íntimas) principalmente... E a convicção de que Maria estava muito mais energética muito mais “vivida”, muito mais senhora de si mesma e capaz de agir por si, foi tão forte e ao mesmo tempo tão dolorosa para ele, pois não lhe dera sempre completa liberdade de ação, de pensamento!... Lhe doía tanto essa verificação, lhe foi mesmo tão insuportável, que ele não a pôde conscientizar: o juízo tomou forma de imagem e Carlos se recordou de sua mãe morta. Primeiro lhe bateu aquele desejo invencível de ir visitar o túmulo dela, e tudo se desviava em seu pensamento indefeso, não era visitar o túmulo dela que queria, mas o desejo se desviara perguntando como estaria o túmulo dela? estaria bem limpo? o homem que tratava dele será que o está fazendo como combinaram?... E principalmente lhe vinha a censura iniludível: estava se descuidando do túmulo de sua mãe (corrigiu), do túmulo dos seus pais, todos os pensamentos se desviavam do pensamento Verdadeiro; não era “dos seus pais” que queria pensar, era “de sua mãe”; e não era no “túmulo de sua mãe” que queria pensar, era em “sua mãe”; e não era em “sua mãe” que queria pensar, era em Maria. Agora, ele secretamente verificava, agora ela não tinha mais aquela sublime dependência de esposa. Mas como nunca se daria a liberdade de verificar isso conscientemente, pensava no

túmulo dos pais, para não pensar no túmulo de sua mãe, para não pensar em sua mãe, que, pelo que ele se recordava dela, até os dezoito anos em que lhe morrera o pai, em São Paulo, mantivera com integral certeza a sua dependência de esposa... A mãe lhe pedira ao morrer que a pusesse junto do marido, o túmulo dele lá em São Paulo, mandara fazer pra ela um túmulo nobre, sem exagero, apenas as pedras caras, sombrias, em cima a cruz de bronze, simples... E o jasmineiro ao lado, na frente, para que as flores caíssem sobre a pedra rasa... As dificuldades todas para trazer os ossos do pai, quando foi possível, não hesitara... E Carlos revia, rememorava com insistência o quanto fora filho carinhoso, o quanto procedera como filho desvelado, exagerando as suas qualidades de filho que tinham sido, e ele sabia, apenas exatamente exatas. Se exagerava em seus valores como uma censura queixosa discretíssima por Maria ter mudado... E agora fazia mais de ano, nem por Finados (Maria manifestara desejo de ir a São Paulo, ver o túmulo dos pais dela e ele a acompanhara) nem por Finados voltara a ver o túmulo “de seus pais”, era uma ingratidão. Ou pelo menos um desleixo indigno dele. Precisava ir nesse mesmo dia, saber de perto como o português conservava o túmulo dos seus pais, e foi.

Era um desses dias adustos, o sol excessivo impedindo a integridade psíquica, e as coisas diluídas na violência assanhada da luz. Carlos entrou no cemitério ardente. Entrou desagradado, sem vontade mais, numa impressão vaga de que não era aquilo não. Foi direto, sem prazer aos túmulos dos pais. Uma comoção fortíssima o tomara, uma comoção indistinta, acossada de medos incríveis, absurdos, que não chegavam a se fixar numa verdade qualquer, mais apreensões que medos. De repente imaginou que ia encontrar o túmulo completamente desmantelado, que bobagem! estava tudo perfeitamente no lugar, perfeitamente bem limpo, só o jasmineiro estava mirradinho, decerto precisava mais água, era um ótimo pretexto pra fugir dali depressa, ir procurar o português, falar do jasmineiro. Lhe veio uma ternura profunda pelos pais, na imagem de um jasmineiro bem adulto, carregadinho de flores que caíam sobre a pedra tumular, perfumando a memória sagrada, e engoliu em seco a lágrima possível, enquanto os olhos piscavam mais rapidamente, era a força da luz... O português veio com ele, comentando a dificuldade de fazer florir jasmineiros numa terra daquelas, botando a culpa em tudo, incomodando Carlos que agora percebera que seu único desejo era ficar só com o túmulo de seus pais. Mas o português tomado por aquela instintiva servilidade dos humildes, se pusera junto dele, numa azáfama completamente artificial e engrossadeira, melhorando a limpeza do túmulo limpo, tirando um galhinho daqui, montando na gradinha de bronze pra alcançar aquela folha morta, não fazia morta, mas fazia mal a folha morta, mas não pisasse assim na terra do túmulo dos seus pais. Sentiu que lhes doeria aquele pesão irreverente lá na sua vida silenciosa de ossos brancos, esses brutos! ficou tão impaciente que acabou implorando com aspereza ao português que deixasse isso pra outra hora e se despediu do homem com um adeus que era ordem. E ainda, exageradamente sentindo um

pouco o ridículo da falsificação, uniu as mãos de braços estendidos, na frente do corpo, baixou a cabeça como quem reza, mas não rezava, não pensava, os olhos fechados buscando ver por detrás das pálpebras se o português já tinha ido-se embora. O homem ainda se despediu, meio desapontado. Carlos percebeu que finalmente ele se afastava, e ficou só. Abriu lentamente os olhos depois de insistir numa concentração de si mesmo que lhe foi impossível, abriu lentamente os olhos sem propriamente enxergar. O túmulo era mais uma visão de memória batido por uma tempestade de pensamentos misturados e amontoados que lhe escapuliam do cérebro com uma rapidez prodigiosa, antes que ele os pudesse pensar inteiramente. A mãe, aquela mãe tão boa sempre, engoliu o soluço seco, se pudesse chorar, fazia tanto tempo que deixara de rezar, era ainda católico? Maria tinha um catolicismo que ele sempre apreciara nela, sereno, sem exageros.

O sol batia maltratando na cabeça de Carlos descoberto. Ele estava pensando mal, mais calmo agora, mas com dificuldade. Lhe veio a confirmação de que tinha de afastar Maria daquele casal dissolvente pra que não se repetisse mais uma noite como aquela... E ele mandando em tudo, como antes o pai mandara. “Mamãe...” murmurou audivelmente, e o som o repôs muito na realidade. Olhou em torno, com desconfiança, não tivesse alguém escutado, o português. Não havia ninguém. Mas uma decisão de se guardar de olhares indiscretos, o fizera repor maquinalmente o chapéu e ir se afastando do túmulo, em busca do portão do cemitério. E assim andando, já de costas para o túmulo, a imagem do jasmineiro fraco lhe vinha de novo à lembrança, e um meio indistinto, meio desejado, lento, feérico se desprender de florinhas perfumadas sobre a pedra tumular que lhe guardava a mãe. Só a mãe vivia agora mais confessadamente em seu espírito. Nas mínimas coisas, mesmo depois de feitas, ela consultava papai. Ele aplaudia sempre o que mamãe fizera e estava certo. Porém, era tão bonito aquilo nela, mesmo contando o que já fizera, ela sempre tinha um ar de consulta, será que ele escutara alguma vez ela dizer “não gosto” pro pai?... não... nem “não gosto” nem “gosto”, que bobagem!... Decerto ela teria dito isso muitas e muitas vezes, ele é que não se lembrava, são frases corriqueiras que toda gente tem mesmo que dizer fatalmente muitas vezes na vida. A vida é só feita disso, a vida é feita de “gosto” e “não gosto”... Mas mamãe se alguma vez disse foi perguntada por papai, e jamais em discordância com a opinião dele. Mas que bobagem! largou irritadíssimo. Uma mulher deve ter independência suficiente para discordar do marido... Sobre música, por exemplo... Mas o pai não se interessava pela música. Fora o João que lhe despertara aquele interesse apaixonado por música, porque um dia dissera que estava com vontade de estudar música, e se pusera a estudar, logo largou. Mas ele fora logo comprar a vitrola, e os discos, era mais fácil e tinha dinheiro... Depois vieram os concertos, a vontade de ler livros com biografias de músicas, ler as críticas dos jornais, logo se enjoou, eram idiotas. Sorriu numa tristonha complacência, se recordando que primeiro eram só discos de ópera que comprava, já porém num muito

proposital antagonismo contra os discos populares, maxixes, valsas... Hoje são sambas e tangos... Os tangos como os fados são fundamentalmente horríveis, não havia dúvida, mas agora também, muito mais firme em seus gostos, alguns raros discos de samba, raros, e outros mais verdadeiramente populares, música rural, de macumba, comprava alguns e gostava sem medo de estar errado. Mas repetiu, só muito poucos, são raros os verdadeiramente bons... Só de ouvir muito a gente se educa. Aos poucos fora se interessando menos pelos tenores e sopranos de ópera, só alguns raros. Os discos se amontoavam. Até que lhe veio a decisão iluminada de só ter discos de música de câmara, quartetos, *lieder*, se apaixonara pelo som do cravo. A mãe o vira presentear o primo com aquela vasta porção de discos de ópera. Perguntara mas aprovara. Não gosto... Carlos fazia um esforço enorme para afastar uma ideia que lhe estava pendente do pensamento, como um balão que cai sobre um telhado e oscila, ameaçando descer para a rua. Era firme (e isso o deixava numa exasperação violenta que se traduzia na velocidade proibida em que lançara o automóvel), era firme a decisão de não pensar aquela ideia e voltou a afirmar com mais honesta lógica que as mulheres podiam perfeitamente discordar dos maridos, está claro! Mas a ideia, a ideia que ele repudiava, lhe vinha sempre, agora convertida em sentimento. Diminuiu muito a marcha do carro e o pôs a quase passo de homem, estava desolado, sentindo uma amargura mole. Era justa a liberdade de pensamento numa esposa, mas... Seria sublime que os dois sempre concordassem, sentia saudade de uma concordância perene como fora a de sua mãe, uma (a palavra ele não disse nem pensou) uma “sujeição” perene, mandada. Outra ideia lhe bateu nítida. Maria nem uma só vez discordara dele nesses dias, até o disco novo, mais um disco delicioso de cravo e viola “di Gamba”, ela sempre se dizia já um pouco fatigada do som do cravo, mas aplaudira a compra, gostara muito, comparara o dueto a um perfume velho e novo, e ele ficara tão satisfeito de ver a mulher dizer, sem o menor cabotinismo, a espontaneidade calma dela era tão gostosa, só pra ele Maria aquela ideia bonita, “perfume velho e novo”... A mãe nunca diria uma frase tão decisiva. E lhe bateu uma saudade violenta da mãe, que lhe doía. (Evocar fisicamente a figura da mãe de Carlos, a minha). Lhe vieram à memória aqueles olhos dela, que sempre o olhara contemplando, numa eterna alegria estática da maternidade, olhos felizes, entregues, já meio descoloridos pela idade, mas sempre brilhantes e muito úmidos. Eram os olhos dela que ele guardava inesquecivelmente olhos já do seu tempo de rapaz, olhos que significaram mais quando ele principiara mandando na casa, morto o pai. Então se intensificara entre ele e a mãe uma camaradagem muito íntima, discreta nas palavras mas sem segredos, em que aqueles olhos suaves, pequenos mas de uma claridade luminosa o olhavam, se entregavam a ele, encantados. Ele em geral é que falava, os olhos mudos, acompanhados de um leve sorriso na boca sumida, os olhos o olhavam numa eterna e sempre e igual significação, que era amor, adoração, confiança inteira, aprovando sempre e com um tão insistente, tão vivo significado de gratidão, que se tornava impossível a Carlos ser de qualquer

forma ruim. Seria u'a malvadez monstruosa. Aqueles olhos tão cheios de confiança e gratidão mais que conselhos, muito mais que ordens, e sem fazer que mandavam, mandavam, faziam-no grande e bom, acreditavam nele como em Deus, lhe dando uma felicidade intensa de ser grande e bom. Ele a abraçava com filialidade possante, sentado ao lado dela, passando o braço pelos ombros dela, pesando sobre o corpo que emagrecia insensivelmente com a velhice. E ficavam assim mudos, ela nos seus tricôs, sorrindo sempre, gostando daquele peso caricioso, ele mudo, pensando nela e lhe examinando de esguelha o perfil magro. Era aquela testa rugosa toda pontuada de manchinhas mais escuras de uma velhice um pouco têmpera, era o nariz, levemente aquilino, pequeno e delicado, de uma perfeição admirável, com qualquer coisa de raçado que contrastava subtilmente com as outras. Unhas um pouco vulgares. A boca sumida apenas continuada pelo mento indeciso, pouco voluntarioso, trazia aquele sorrisinho, em que um quê de timidez, um quê de desaponto punha uma infantilidade adorável. Lhe vinha aquele sorriso encantador de ela se sentir um pouco envergonhada de sua vida, mulher do povo, muito inculta, que se percebera subindo, o enriquecimento suave do marido lhe impondo hábitos novos, a que ela se afazia sobretudo pela timidez que a salvava e a preservava discretíssima, imposta em sua nobreza de alma, que a perfeição do nariz nítido e bem torneado, ajudava a mostrar. Bonita!... Carlos tomara aquele vício caçoísta de lhe chamar "bonita" disfarçando a ternura feliz que o tomava. Ela sorria um pouco mais, num muxoxo faceiro, e de repente, envergonhadíssima de se sentir tão feliz, ela, uma viúva! que tinha a infelicidade de não ter marido a cultivar, ela se desvencilhava do braço dele, num disfarce, "Você está machucando, Carlos!" e ainda perguntava qualquer coisa, qualquer coisa que a não interessava nada, mas Carlos havia de responder, ela de novo em seus tricôs enquanto ele ficaria mais algum tempo junto dela. E ele também sentia prazer em prolongar o encantamento, pegava a lã de tricô, e enrolando, desenrolando, contava as coisas de fora. Como então naqueles momentos o mundo, a vida ficavam abjetos, as políticas nojentas, as festas aviltantes, os estudos sem liberdade, tudo reles, tudo repulsivo, sem sequer uma saudade vaga de felicidade e perfeição. Carlos exagerava os horrores do mundo, exagerava insensivelmente, só para valorizar ainda mais sua mãezinha, até que dia, naquele inverno cheio de paulistas, sentira necessidade de defender as moças "de agora", que não eram tão culpadas assim da educação que tinham, os pais é que eram culpados, e parou sufocado. Maria entrou exuberante no ar. A mãe o olhara assombrada, sufocada, furiosa, os olhos dela uma só vez, rápida e única, tiveram um lampejo horrível, desesperado, como se ela estivesse vendo o filho se perder, Carlos recuou um bocado o rosto, espavorido. Mas logo baixara os olhos, corando de sua... tivera esse sentimento pueril, de sua imperfeição, e foi logo dizendo "Mamãe, acho que estou gostando de uma moça." Ela voltara muito rapidamente ao tricô, tricotando muito rápida, mas a tomara um tremor, o corpo todo tremia como se jogada nua no gelo. Tremia, tremia, queria pensar, não pensava, veio um pranto bruto de convulsos soluços,

tremia tanto que não se aguentava, sorria ainda na esperança de disfarçar, era, não chegava ser ciúme nem egoísmo, era um pavor da vida, o que ia ser dela! nua, tremia nua, bruscamente desnudada, e sobretudo aquela certeza brava, áspera de pedra, de que o filho ia se afogar, se perdera na impureza vil da vida. Carlos assustado, procurava consolar, nem consolar procurara, pensava que ela ia ter alguma coisa, como ela estava tremendo, as mãos batiam uma na outra, os ombrinhos sacudiam muito, a cabeça, em que os bandos grisalhos aveludados por uma auréola de cabelinhos curtos, renascidos como que iam se desmanchar no tremor, perdendo a linha tão calma, de que ele se orgulhava. “Mamãe! a senhora está se sentindo mal!... não trema assim, mamãe!...” e com as mãos fortes a agarrava pelos braços virando-a para ele, ela insistia no sorriso pra disfarçar, os olhos cheio de lágrimas, a boca tremendo, batendo com muito frio. Ela fora se inclinando então para ele, deitara a face no peito do filho adorado, e ele a abraçara muito, apertando muito, temendo perdê-la, e a aquecendo em seu calor viril. Mas, apesar do susto, mesmo no assombro em que estava, não se sentia culpado, antes energicamente aliviado de um segredo, antes que segredo, uma dúvida que guardava já uma semana, e nos últimos dias se tornara insuportável. Estivera encantado daquelas manhãs de banho em Copacabana, com Maria, e os passeios de automóvel que ele dirigia com audácia. Ela era adorável, lhe vinha uma simpatia, um prazer de camaradagem nova, e desta vez com mulher que o completava iluminadamente. Duvidava apenas, não tinha prática de amor, nunca amara, só umas tendências vagas, mais pedidos de corpo que tendências, e por isso duvidava apenas estar gostando de Maria. Mas vivendo na defensiva contra o mundo, cioso de si, Carlos impusera a palavra “namoro” ao que estava sentindo agora, e era perseverava na dúvida. Fora só naquele instante, só depois que se confessara, só agora, entre as inquietações que lhe causavam o temor da mãe, a acariciando, lhe passando a mão maquinalmente no cabelo, só agora é que Carlos percebia num maravilhamento indizível, que o que ele tinha por Maria era amor, era uma ventura suprema, um isolamento e um completamento ao mesmo tempo, em que a felicidade doía feroz, porque afinal das contas se ele tinha a felicidade de amar, ainda não sabia se tinha a felicidade de ser amado.

A mãe se desenlaçava dele, já segura de seus desígnios. Ainda tremia, mas já segurava com energia talvez crispada, o lenço em que escondera os olhos. Estava envergonhadíssima da sua fraqueza, fizera papel de maluca e sentimentos mais perfeitos a dominavam já com delícia. E pôde retirar o lenço dos olhos, e pousá-los encantados sobre o seu enorme filho, como ele era grande, forte! E amava! Nenhum ciúme, nenhum egoísmo. Fora tomada de surpresa, não esperava e fizera aquela maluquice, boba! Carlos amava! E na humildade dos seus fracos recursos imaginativos, via a moça, uma moça bonita, bem vestida, mistura emaranhada das moças que julgara bonitas e bem vestidas na sua mocidade pobre, cercada de gente pobre. E os olhos não se cansavam de olhar o filho grande, o filho com vinte e três anos que ia casar com a moça

bonita. Não lhe interessava acrescentar dotes à moça bonita, bem vestida. Pouco tempo depois, assim que Carlos a deixou, lhe inquietaria a necessidade de saber se a moça era boa também, de família boa. Mas naqueles instantes era o encantamento, a adoração pelo filho, a gratidão por ele lhe dar netos, os netos! ela delirava, e a imagem festiva e escassa que tinha em si era um presépio que cuidava apenas de ser bonito, moça muito bonita, bem vestida, que formava com Carlos um lindo par! E Carlos, com felicidade, ora baixando os olhos encabulado, ora a olhando com franqueza desavergonhada de amante, lhe contava tudo, quem era Maria, como era, os banhos de Copacabana, os passeios, e quando acrescentara pensativo que ainda não sabia se a moça gostava dele, a mãe fora tomada daquele risinho superior que até lhe sacudira os ombros, na certeza absoluta e gloriosa de que o filho seria amado por todas as mulheres da terra. Carlos meio que se magoou, percebendo o ridículo em que a mãe caíra, mas sempre lhe ficara do riso materno, uma dose forte de confiança em si mesmo, e a inquietação se transformara numa esperança contente. E fora a plenitude da felicidade. Aquela noite é que prejudicara um pouco tudo, mas havia de passar, que bobagem! Tudo fora tão violento, tão diferente, era natural que Maria se ressentisse ainda um bocado de tantas comoções. Estava ficando um pouco feio, mas o melhor mesmo era eles se afastarem resolutamente do casal. E todas as suas inquietações, todos os seus pensamentos acabavam sempre convergindo para aquela resolução conciliatória. Carlos não punha reparo que era a mais cômoda pra ele. Porque afastar-se do “casal” não significava de maneira alguma perder o amigo. João, com efeito, apenas dois dias passados, com a maior das desenvolturas já passara pela casa deles, e embora ficasse bastante ferido por nem lhe perguntarem de Violeta, com aquele seu jeito desmanchado, continuara a frequentar quase diariamente o escritório do amigo, como dantes, e às vezes lhe vinha até a casa. Um dia ficara pra jantar, e as coisas tomaram o mesmo ritmo normal de antigamente. Mas Violeta desaparecera João ainda insistira pronunciando o nome dela umas duas vezes, mas a acolhida fora de um tal mal-estar, que se fizera entre os três o acordo tácito de Violeta desaparecer. Eles bem sentiam que aquilo não podia durar muito mas já durava mais de dois meses e a monstruosidade ia tão bem!... Carlos talvez pudesse salvar tudo, mas era justamente agora que a sua força criminoso. Ele reconquistara aparente calma das coisas exteriores, a vida voltara a ser dentro de casa a mesma comunhão intensa e serena que sempre fora, João... João era aquilo mesmo e lhe trazia para o seu reinado plácido a acidez: num mundo mais aviltado e incompleto. João era como se fosse bobo do rei, com as suas ingenuidades e loucuras. Carlos não pôde guardar a tempo o sorriso que explodiu com a ideia de que João era o “bobo do rei”, mas logo se corrigiu pensando mais generosamente no amigo. Afinal Violeta não lhe dera aquela plenitude de amor que decerto salvaria João das imperfeições morais em que se mortificava. Porque nem sequer o amigo era feliz na vida que estava arrastando. João era um inquieto, sempre fora um inquieto, mas no fundo tinha um coração

esplêndido, meio criança mas generoso. Em toda aquela maluquice eterna do amigo havia sempre uma fraqueza espontânea, uma ingenuidade cheia de ímpetos, um calor de ilusão, de alegria festiva, qualquer coisa de pueril deliciosamente adorável. O próprio cinismo dele, nada mais era que volúpia, João gostava de tudo! Não era um cinismo egoísta, de caso pensado, não tinha a menor organização: brotava, explodia às vezes, apenas às vezes, quando as circunstâncias o oprimiam, tanto que o coitado sentia aquela necessidade, meu Deus! tão humana de se justificar, perdoar, de se esquecer. E além disso vinha aquela simpatia prodigiosa, quase invencível, os grandes olhos muito abertos mas sem grande brilho, de uma luz veludosa, entorpecente, aquela boca desfeita, sorrindo eternamente desapontada, e que contrastava em sua ingenuidade com as palavras firmes, de uma audácia incrível que saíam dela. João era mesmo totalmente isso: um criança grande, e não tinha mais quem o dirigisse. Nos tempos de colégio, Carlos fizera dele alguma coisa nobre, bela, serenamente acertada e João... uma ou outra maluquice quem não faz! o amigo, suave se deixara levar, dominar e fora bom, fora muito direito. Depois... competia agora a Violeta compreender o marido, defendê-lo, ajudá-lo; em vez, ela se tornara aquela agressividade abusiva com tudo, aquele fechamento em si mesma, nenhuma compreensão, nenhuma paciência, nenhuma força, nenhum completamento. Se João tivesse encontrado alguém que se parecesse com Maria... E o pensamento de Carlos foi se tornando muito inquieto, arreado de descaminhos e distinções que desnaturavam por completo um fio lógico e as possibilidades de uma conclusão satisfatória. A sua força de homem se machucava, porque não era bem isso... Maria era o que era porque ele a conduzira, ele a fizera. Mas esta verificação como que apoucava Maria, como se ela não fosse capaz de ser por si só tão admirável como era, e Carlos instintivamente reconhecia que Maria era capaz de fazer a qualquer um feliz. Mas a suposição de um casal composto do amigo e da mulher! além de odiosa e perfeitamente estúpido que bobagem! ainda se tomava insuportável pela visão nítida de que seria esse mais que nenhum outro! um casal fracassado. E isto, ao mesmo tempo que lhe agradava, lhe trazia a visão de dois seres irremediavelmente infelizes, por incapazes de se compreender e completar. Então só ele era capaz de completar Maria, de a fazer! E o mortificava essa espécie de vaidade em que se sentia ridículo, que apoucava a grandeza pessoal de Maria, tanto mais que ela era uma mulher decidida, enérgica, inteligentíssima, capaz de se mover por si. A respiração se interrompeu, veio um soluço, um engulho, uma irritação tão feroz que Carlos se distraiu e a roda do carro gemeu rascante roçando a calçada circular do obelisco. O que João precisava era de ter uma mãe como a que ele tivera, isso sim, pobre do João... Uma mãe dedicada, protetora, que não tivesse aquela personalidade irreduzível de Violeta. Carlos sentiu que se jogava em novo impasse de pensamentos, a ideia anterior mais ou menos implicava reconhecer que a mãe não tivera personalidade. E era isso mesmo que Carlos pensava e deveria pensar, embora lhe doesse um bocado. E talvez noutros tempos, Carlos o teria pensado com

franqueza num sorriso leve de complacência com a verdade. Mas nunca que ele consentisse agora em diminuir a mãe na menor coisa! Havia aquele mistério, havia aquele elemento novo, irreconhecível, inconfessável, sorrateiro, sub-reptício (?) que abatera sobre a vida como uma sombra fugitiva. Não era permitido a um ser humano reconhecer a existência da sombra, Maria renovada, Maria misteriosa, outra Maria, e ele um Carlos também outro, um tímido, em que a própria nobreza moral impedia de chegar ao fim de seus pensamentos, e a uma decisão. E foi quase em delírio, o sol ofuscava, o calor diluía as vontades, numa bem maquinai consciência de erro, mas erro inconfessável, iluminado, comovidíssimo com as memórias ajuntadas da visita ao túmulo da mãe, feliz de querer bem, que Carlos guardou o carro, se dirigiu para o escritório do amigo (a consciência de um erro sobrepairava sempre...), tomou o elevador, entrou, insistindo em se dizer que passava só para um “bom-dia”.

Ao abrir a porta do escritorzinho deles, de agente, viu que João junto ao guarda-chapéus, entrava ou ia sair. João virou com o ruído da porta e exclamou um “Ah!” meio abafado, entre riso e surpresa desagradável.

— Vai sair?

— Ia... isto é, vou, mas tenho tempo, disse relanceando o olhar para o relógio de cima do fichário.

— Também passei só pra dizer “bom-dia”, e Carlos percebeu que se aliviara daquela espécie de mal-estar, a vaguíssima consciência de erro com que insistira em vir até ali.

João contemplou o amigo um segundo e se riu, não podia mais consigo e contou tudo. Veio se aproximando em passos cômicos, do amigo, agarrou-o forte pelos dois braços, e com um ar de enorme mistério feliz, olhando-o bem nos olhos:

— Seu Carlos, arranjei uma!... e de repente baixou os olhos como pegado em falta.

Carlos caiu na risada. Foi tomado por um riso em que havia de tudo, era principalmente desabafo. E Carlos ria. Um riso um bocado convulsivo, cheio de sofrimentos pesados, em que não deixava de sacudir a cabeça censurando o amigo, com um tanto de sarcasmo por si mesmo, com libertação de visita espúria ao cemitério, até com remorso de estar rindo, mas em principal com um divertimento irreprimível, era o João! E João o olhava, bastante surpreendido com aquele riso, querendo rir também, mas principalmente desapontado, quase querendo se ofender. E tudo isso ainda acrescentava em Carlos uma

vontade convulsiva de rir, uma espécie de desesperança amarga e ao mesmo tempo uma leveza, uma irresponsabilidade, uma graça uma coisa engraçadíssima. Parou de rir, com energia, mas foi sempre entre caretas leves de riso lhe cortando a frase, que arrancou:

— Mas você não se emenda mesmo, João!

E olhou o amigo, querendo pôr censura nos olhos, que estavam só felizes, claros agora, leais, e renovados com o desabafo do riso. João já se renovara também, pondo tudo o que houvera de incompreensível no riso do amigo, na conta daquela censura final. E sem a sem a menor reserva, mesmo de qualquer forma corresponder à censura e se justificar foi desembuchando, entusiasmado:

— Você se lembra aquela maravilha que nós encontramos aquele dia no largo da Carioca!

— Quando?...

— Quando fomos buscar o seu carro... (com irritação) você não lembra, eu chamei sua atenção, você mal reparou!... e eu me despedi de você, dizendo que tinha esquecido de comprar umas coisas... (baixou os olhos). Era mentira. Fui seguindo ela, tomou o ônibus, desceu lá no Mourisco, e então eu atraquei.

Carlos já se tomara inteiramente sério, então ouvia completamente, os seus pensamentos dialogando com as palavras do amigo.

— É casada?

— Está claro, Carlos! (mas tornou a ficar muito desapontado. Disfarçou cínico, inventando uma graça pra se desculpar) só brinco com gente da minha classe, (e se entusiasmando outra vez) Foi estupendo! tivemos uma discussão, ela quis chamar o polícia, eu disse que fazia escândalo, e afinal ela parou, me olhou com muita raiva e perguntou: — Mas afinal o que o senhor quer!... eu respondi sem a menor hesitação: — Você! Fui tão firme que ela riu. Estava conquistada a praça! Mas está difícil, não há meios dela querer vir até aqui...

Mas Carlos já não tinha mais nenhuma vontade de rir, nem pensava. Nem nada. Parecia escutar apenas, complacente, as palavras do amigo.

Carlos deu um olhar em torno, viu o ambiente de improviso, os móveis sem caráter, a espécie de canapé das aventuras, sentiu-se enojado.

— Vou-me embora.

— Eu desço com você.

João já não percebia mais nada, entregue ao que contava, discutindo as possibilidades, e inteiramente entregue, inteiramente conquistado pela nova paixão. Teve uma daquelas suas audácias, que ele jogava sem medir, às milietas pela vida, inteiramente não controladas, quase impensadas mesmo, que ele jogava como pura loteria, às vezes pegavam! e se não pegassem não fazia mal! pediu emprestado o automóvel de Carlos. Mas Carlos reagiu com uma zanga violenta, que não havia de “sujar” o carro com as aventuras de...

— Eu falei brincando, Carlos...

Carlos ficou feito idiota, inteiramente desarmado, a raiva enorme persistia, mas João revidara tão suave, com um som de arrependimento, em que havia, havia sim! uma censura leve! E a verdade é que João estava já violentamente arrependido e se ressentia por Carlos não compreender o arrependimento, não compreender que ele se deixara levar por um costume que tinha com os outros, mas com os outros, mas com Carlos nunca, escapara, também estava maluco de paixão, precisava ser perdoado, devia ser compreendido e perdoado de antemão. João é ferido com a grosseria tão pouco compreensiva de Carlos, tão pouco Carlos. E este por sua vez, inteiramente desarvorado, sentindo ainda com raiva como que um insulto, tomando as dores do... automóvel! não era o automóvel, não, nem por causa do automóvel, mas era o carro em que Maria andava, a raiva continuava, sofria um pouco também por ter sido muito áspero com o amigo, mas até isso mesmo lhe dava ainda mais raiva. Caminhava mais rápido, João mais atrás, não tanto pela dificuldade da rua cheia, mas ferido, sofrendo bem a cólera do amigo que ele era incapaz de, embora compreendendo, aceita inteiramente. Carlos se voltou, ainda brusco mas conciliatório, buscando um jeito de perdoar sem perdoar:

— Não, João! afinal eu já conheço bem você! Confesse que não foi brincando que você falou essa... tolice!...

E ansiava por uma resposta franca do amigo, uma resposta verdadeira, mais fácil de perdoar que tudo, sorriu de antemão. João o olhava francamente com a sua lealdade maravilhosa. Não era cinismo agora, era lealdade viril, aquela nobreza que lhe vinha sempre instintivamente nos grandes apuros, uma audácia diversa, uma altivez o livrava sempre de ser completamente vil. João não riu. E foi com uma voz quebrada, de uma tristura suave, em que parecia que o culpado era o outro e ele a perdoar uma injúria sofrida, que confessava ter pedido mesmo o carro, que Carlos tinha razão, mas que... mas que... e entre-sorriu, de novo encabulado num baixar rápido de olhos. Carlos feliz deu um tapa forte no braço do amigo e o sacudiu com violência, enquanto João sempre sem rir, fazia corpo mole e pelo amigo.

— Não precisa! já sei o que você vai dizer, João

Agora João riu francamente, era mesmo o que ele ia dizer, Carlos voltara à total compreensão, isso que sem ele saber era também um dos esteios com que João sustentava as suas próprias fraquezas e as perdoava, ou pelo menos achava jeito de as diminuir pra que não lhe doessem muito na consciência. É que Carlos sabia de tudo, Carlos que era admirável, que pra ele era a perfeição, Carlos o compreendia e aceitava e isso mais ou menos implicava numa certa não muito grande baixaza dele, porque se fosse mesmo muito grande vilania, isso Carlos não havia de perdoar, o rompimento havia de vir. De forma que se amizade de Carlos, sem a qual João não poderia mais passar, era o que o prendia ainda e lhe impedia maiores falcaturas morais, por outro lado era o que permitia a João não fazer o menor esforço para se corrigir, mudar de vida, enfim qualquer manifestação crescente de perfeição. O egoísmo grande de Carlos, a sua violenta volúpia de macho forte, que fixava os seus domínios e não os abandonava mais, era exatamente o maior elemento que impedia, que tirava ao João qualquer possibilidade de melhorar. Não que Carlos consentisse nas fraquezas morais do amigo, na sua ridícula inquietação sexual, na completa ausência de elevação no amor, no seu desleixo em progredir na vida, na facilidade com que aceitava as situações medíocres. Pelo contrário, Carlos constantemente censurava por tudo isso o amigo, lhe comentava com aspereza os gestos e o feitio, sem fazer a menor concessão, não se amolando em ferir. E João muitas vezes, a censura viera tão áspera que largava do amigo, batendo a porta, ia-se embora sem se despedir. Mas Carlos fazia a maior concessão, e que não parecia concessão, e que era o seu egoísmo: Carlos perseverava amigo, Carlos recebia o amigo se este voltava. Então era que Carlos consentia! Carlos que era a perfeição, a retidão que ele adorava, que ele prezava mais que tudo, porque em sua imperfeição de amar por aventuras, na sua infelicidade de não ter tido pais que respeitasse por qualquer nobreza mais permanente, e cuja memória o prendesse através da vida, leviano (e nem poderia ser de outra maneira!) na escolha da mulher, acovardado por demais diante dos compromissos para construir um lar fecundo, ter filhos (e João adorava crianças, se perdia vagamente infeliz a contemplá-las): em sua imperfeição de incapaz de outro amor mais verdadeiro, sempre uma coisa João prezava mais que a própria vida, numa coisa João acreditava mais que em si mesmo, numa coisa ele fixara seu transbordante poder de amar e de admirar: Carlos. Era Carlos, era o macho forte que trazia sempre na sua admirável lucidez intelectual, na serenidade da sua perfeição moral qualquer coisa de uma rudeza proletária antiga, uma como que tradição de verdade grave, dessas que só os incultos têm, não descida de altas filosofias e deuses, mas consequência apenas, áspera, explosiva, natural consequência da vida: essa rudeza dominava completamente João, o vencia, o deixava numa fadiga batida e feliz. E ele adorava, ele admirava sem reservas.

João se concentrara todo naquela amizade sublime e ela o podia erguer, só ela. Mas Carlos consentia!

E como não acabar sempre perdendo, se João voltava com aquela sua cara sempre meio de ingênuo, de criança, meio sorrindo desapontado, não tocava mais no que tinha sucedido, franco, no fundo um infeliz sem perceber que o era, voltava, lhe entregava aquele olhar de conivência, e se punha falando noutras coisas, ou mesmo nem falando nada, com um tal senso de amizade antiga imperecível, numa tal necessidade de proteção, de quem o vigiasse, tomasse cuidado dele!... Carlos, mais de uma vez, encarara o problema com toda a possível franqueza que o seu ser lhe permitia ter: talvez rompendo, mesmo que fosse pra seguir de longe a vida do amigo e o socorrer no caso de algum desastre completo, quem sabe se isso não seria melhor para João?... Mas toda a sua franqueza, por desgraça, não era suficiente pra lhe dar uma lucidez completa. Logo lhe vinha a experiência da primeira separação, em que eles se tinham como que esquecido completamente um do outro, apesar de mediar entre ambos apenas a distância Rio-São Paulo.

A imagem desse acabamento, brutal, que agora em plena virilidade o feria muito e lhe dava uma sensação irritada de esbulho, logo vinha tomar o espírito de Carlos. Mas não era o único argumento para não romper outra vez. Era quase infame abandonar o amigo, com o pressuposto de que sempre o poderia alcançar a tempo e impedir uma degrading final. E se chegasse tarde? E os pensamentos de Carlos lerdavam duvidavam propositalmente de si mesmos. Lhe vinha a noção facilmente nítida de que a coisa não tinha jeito e só podia O melhor era ainda conservar o João junto consigo, auxiliá-lo a se pensar e a se defender de si mesmo. E com o andar dos tempos, aqueles furores e desmandos se acalmariam, e a amizade se tornaria sublime então, sem nuvens, desinquieta. Até aí podia chegar o julgamento de Carlos. O macho forte, calmo e seguro de sua força grande, não podia ajuizar de seu egoísmo vasto, e daquele prazer voluptuoso jamais percebido que o tomava, de dominar o amigo. E com efeito seria difícil chegar a tal clarividência quando o percebido, o sentido era um homem livre, capaz de errar e errando mesmo, indomável, reincidindo nos mesmo defeitos. O domínio de Carlos era na realidade quase insensível, ele não tirava nenhum gosto mais claro, mais perceptível disso, e a imagem da mais primeira separação não lhe permitia imaginar aquela verdade nova de que ele já agora era imprescindível ao João. E outra verdade mais sutil e sequestrada, é que João, por sua vez era agora imprescindível a Carlos, quase tanto ou tanto mesmo quanto Maria. Era um complemento maravilhoso, para o homem forte, que tinha agora em seu desígnio possantíssimo o amor de amor e o amor de amigo. Carlos se glorificava em sua trindade com uma voluptuosíssima satisfação. E esta satisfação, ele não possuindo nenhuma tendência para o artista criador, ele não sentia ser um pouco vitalmente limitada, ao ser moral. Advogava, se dedicava pelas causas justas, a herança dos pais lhe permitia sem

grande generosidade se devotar pelos mais pobres, a instintiva lealdade lhe proibia qualquer ingresso na política... Às vezes Carlos tinha um sentimento muito vago de que toda a sua felicidade, sendo, como era, pessoal, era insuficiente, e havia nela qualquer coisa de sórdido, de repulsivo. Mas em contraposição julgava com bastante certeza que a felicidade é mais propriamente um sentimento que um ideal, e que desse jeito só poderia ser pessoal. Como ideal ele se aplicara em realizar o homem bom e o realizava mesmo. Não tinha nem temor nem reservas, e sabia que qualquer desgraça que não lhe viesse de dentro, do ser moral que ele era, lhe seria perfeitamente suportável, mesmo a desgraça de perder Maria! Sim... Mesmo a desgraça de perder Maria... Maria como qualquer coisa exterior a ele, jamais seria exatamente um elemento de desgraça, embora a morte dela o tornasse prodigiosamente sofredor, Maria não poderia ser de qualquer forma um elemento de desgraça. Mas era sim um elemento imprescindível de felicidade, o terreno propício, admirável de riquezas pessoais e de forças em que se expandia com uma virilidade certa o seu domínio de homem forte. E da mesma forma era o João, outro terreno de domínio, mais sutil, muito menos consciente, em que de resto viera de alguma forma se desviar necessariamente, o instinto de paternidade. Desde o desastre do primeiro parto, que deixara Maria infecunda, ficara em ambos aquele poder de amor desempregado que aos poucos o poder da música viera compensar. Disfarçava, compensava, se tornara em ambos uma verdadeira paixão, mas o amor de pais ficara em ambos guardado, em plena gratuidade sem emprego. João surgira como um complemento pro casal, e sem que se dessem tento de que transpunham sentimentos, nem que davam emprego ao que sobrava neles de egoísmo pessoal, de complemento de si mesmos, de afeição desempregada, tanto Maria como Carlos tinham se posto a ternamente amar o recém-vindo, com uma ternura de pais. E sabiam conscientemente e o comentaram sorrindo, de que havia neles uma ternura de pais. E havia ainda uma outra espécie de egoísmo que lhes provinha da espécie de sordidez monstruosa da felicidade satisfeita: era um filhã já homem, sem preocupações de futuro, sem doenças, e cujas malfeitorias lhes era mais fácil perdoar porque sem nenhuma espécie de remorsos, sem nenhuma espécie de culpa de pais. Na realidade as falcatruas amorosas do amigo apenas lhes doíam longinquamente. Tinham energia moral bastante pra repudiá-las. Maria aliás quase nada sabia delas, que não era assunto recatado de se comentar no casal, só algumas raras alusões de Carlos (e mesmo as coisas andaram tão mal reparadas por Maria que a tentativa de suicídio de Violeta lhe dera aquele deslumbramento feroz); mas se podiam repudiar com energia os atos maus do amigo, estes não os faziam sofrer em sua carne, em seus atos, em seu passado. Era um sofrer longínquo, um quase apenas ficarem penalizados por tudo.

E nos pensamentos de Carlos restava sempre aquela verificação final: João era bom! Como portanto romper definitivamente ou fingidamente com ele! João era indiscutivelmente bom. E essa de fato uma verdade irremediável, João era

efetivamente bom, daquela bondade instintiva e compensadora dos indivíduos violentamente sensuais. Nos indivíduos inquietos de seu sexo, parece que a bondade não é propriamente uma consequência da sensualidade, mas antes um jeito diverso de sensualidade. João não via criança que não espojasse no chão em se brincadeira que as crianças adoravam às gargalhadas, seguidas de barulhentos beijos lambuzados e abraços infindáveis. Aos já de mais idade dava socos, beliscava, beijava com respeito religioso os dedos das meninas, puxava conversa, fazia chorar de propósito pra depois provocar pazes tão gostosas que os pequenos voltavam pra sofrer novos socos, novos beliscões e desapontamentos, e de novo chorar. João sabia também conversar com as pessoas velhas, lhes dando uma atenção acariciante, puxando memórias, pedindo conselhos com a mesma seriedade com que jamais não seguiria nenhum. Mas nisto não era apenas bondade, era principalmente uma vingança saudosa dos pais que não tivera no amor. João se tornava filho de quantos velhos encontrava. Uma bondade irremediável, uma compreensão se confiança em tudo, em todos, uma generosidade efusiva, tudo uma ingenuidade radiosa que o mantinha numa juventude eterna, o fazia muito mais moço que era, um criança grande. E quando derramava dos olhos, da cara, toda aquela simpatia invencível de corpo e de pureza de alma à vista, a que só as mãos longas demais, e magras, prejudicavam João era essa vitória fácil, sensual, filial, perniciosa, que deixava sempre nos outros alguma felicidade por se deixarem convencer, ou vencer... Carlos sorriu já reconciliado consigo, mais livre, entrando no escritório. Era tão tarde já, quinze horas, entre os olhos aflitos dos clientes, clientes pobres que ele se dava a alegria de proteger no nível, com as maiores, mais cariciosas invenções da sua argumentação muito reta. E com a visão dessa realidade mais premente, só lhe fugiu ainda do cérebro uma nesga de pensamento: será que ele encontrou a moça?...

João mais uma vez não errara o golpe. Medindo o tempo, fazendo questão de chegar um pouco atrasado, “de seis a oito minutos, nem mais nem menos” como decidira provavelmente com técnica, para que a mulher se quebrasse na ânsia da espera, se dirigiu para o cafezinho ordinário, tipo da clandestinidade perigosa, que ficava numa esquina da rua Larga. Com as mais indecisas, “grã-finas” como dizia, procurava locais populares assim, em que o ato mesmo de penetrarem sozinhas, já obrigava a um gasto de energia moral que as deixava completamente alquebradas. No geral elas não se decidiam a entrar nos cafés indicados, ficavam já na indecisão muito desarvoradas, rondando ou paradas na rua de vida violenta, com os carregadores, os operários de músculos marcados na camisa de meia, cheiros brutos de trabalho e mercadorias gordas, soldados, marinheiros que as despiam, e o pavor de conhecidos prováveis passando nos ônibus, nos automóveis. O sol de fogo caía das árvores estraçalhado em luzinhas moventes e enormes lençóis claríssimos que chispavam com estrondos, clácsons, falas altas, buzinas, badaladas, rodar bravo das carroças, estridor de trilhos moídos, tudo aturdindo, estonteando, pondo a dois passos delas a noção

do desastre. Então ele surgia como o herói salvador, a força calma e calmante, dominadora, tudo era fácil com ele, os antros criminosos dos cafés mais sórdidos viravam simples cafés sem mais nada, cafés protetores que escondiam tudo. E próximas, numerosas, as escadas rápidas e escuras dos hotéis da Estação da estrada de ferro, fáceis, onde se entrava e se saía a qualquer hora. Ceder era até uma desculpa boa, para fugirem logo daqueles mundos brutais, desconhecidos.

João era assim, uma nebulosa caótica de cinismo, audácia, covardia, timidez... E nesses caos jamais ele poderia se reconhecer com clareza, era um danado. Não seria por acaso sequer um sensual, de tal forma a inquietação do “seu” sexo o dominava. Por certo ele não amava aquelas mulheres que iria esquecer no dia seguinte; e sempre aquele sistema de preparar encontros ao contato das multidões, se por muitos lados lhe facilitava as conquistas era também um jeito de se mostrar. E talvez mesmo fosse isto, os que o viam com uma mulher, a única volúpia que ele tirava das suas conquistas. E por certo o processo mais seguro de excitação. Tudo mais as audácias, a observação da presa, o perigo, a beleza, as carícias, a espera, o sonho, a lembrança, o desejo, as conversas, o domínio, a glória, a posse, o pecado, eram venturas e volúpias que o deixavam perfeitamente insensível, de tal forma o dominava a precisão de provar a sua masculinidade. Eram antes inquietações que o maltratavam, seus pensamentos de amor e seus desejos eram logo corridos pelas perguntas angustiosas, preocupações de fracassar alguma vez, e aquela ideia maldita, aquele diabo remurmurando eternamente na lembrança que algum dia tinha de se esgotar e o macho acabava nele. E assim as suas conquistas finais eram delírios de vitória sem nenhum prazer. Uma raiva sequiosa que perfurava corpos, corpos, um triunfo vil e sem ninguém, só dele! o sexo inda correspondia a sua vingança de macho! Isso: o conquistar uma mulher não lhe convergia o desígnio, o desejo e as forças de todo o ser para a mulher conquistada, mas o vingavam de todas as outras mulheres do mundo que ele não pudera ainda possuir. E às vezes mesmo, pensando, era terrível pressa que o tomava, o desespero ofegante que o mordida imaginando nas... outras. Não havia nele a menor contradição, fixara muito facilmente a classe de mulheres a que se atirava, as mulheres do povo não o interessavam as garantidamente virtuosas ele não via, as difíceis jamais sentira em si. Tinha um faro muito seguro em descobrir as curiosas, as inquietas, raro errava na escolha. E quando errava sofrimento o perseguia ferozmente, aquela consciência de fracasso, de inferioridade pessoal, até de culpa! A repulsa de uma mulher jamais lhe parecia o que era na realidade, uma virtude, uma não-correspondência, mas o desprezo pela sua falta de masculinidade pessoal, um defeito físico dele de que ele se sentia culpado. E no entanto sabia compreender com delicadeza cariciosa esse trágico mundo misterioso da mulher. Só as virgens moças o fatigavam bastante, ele se afastava delas com um respeito amedrontado, uma secura rápida. Mas as vir as meninas de treze anos, as “tias” abordava cheio de si, generoso, abundante,

sadio, com um respeito que não chegava mais à mornidão fastienta dos respeitos religiosos ou românticos, tanto era confiante e viril. E lhes inspirando a confiança em si mesmas, as garantindo em suas idades e virtudes, pela franqueza dos assuntos, pela coragem da palavra e a virilidade um pouco áspera do gesto, João lhes dava uma aproximação do pecado, apenas mal percebida e não consciente, as envolvia numa possibilidade de amor, que ele mesmo se encarregava de destruir num momento, com qualquer jeito infantil de sorri e uma palavra boba. Vinha o riso, e todas o adoravam enquanto um valor de maternidade nascia no ar. Talvez mesmo algumas delas ele conseguisse destruir em sua virtude se quisesse, mas João não as via, era amigo e, sem perder nenhum traço de sua virilidade, era o clown simpático insexuado, o criança grande adorável, a amizade ácida de homem com mulher, uma garantia de perfeição. E todos o adoravam.

Mas às fáceis e às curiosas se atirava com fragor e só por elas lhe vinha aquele descobrimento inicial do desejo, logo transformado apenas numa espera ansiosa e inquieta da posse. Seria Don Juan? Ele mesmo se indagava várias vezes isso, mas sempre afastando a pergunta. A ideia o desgostava, sentia despeito e raiva por Don Juan, pelo que a imagem fácil que se fazia do símbolo maldito mostrava de mais gozador que ele e de menos sofrido. Não que João sofresse propriamente. Ele não chegava a se dar conta nítida do seu sofrimento porque enquanto estava sofrendo, o martírio se confundia com as próprias condições da conquista, e em seguida era o seu delírio de vitória e a pacificação momentânea das suas inquietações. E quando a conquista frustrava, a vergonha da culpa era com verdadeira fúria de gozar, da imagem de gozar, que ele transformava logo nas ansiedades de alguma conquista nova. E assim João não chegava a se dar conta que os seus sofrimentos eram horríveis e devastariam qualquer constituição mais enérgica que a dele. Mas sempre lhe ficava como que um rescaldo longínquo desse inferno, uma instintiva consciência de que ele era mais trágico que Don Juan, que apenas tivera um castigo final. E este mesmo castigo final era ridículo, era mesquinho, de um moralismo reles, indecente... O castigo seria o esgotamento eunucoide em plena força do homem esse demônio que lhe devastava os pensamentos. Era apenas demônio, nada o fazia prever, nada justificava, mas por isso mesmo, demônio, fantasma, assombração danada que o tornava bem mais trágico que Don Juan. João sentia assim, pela imagem que se fazia de Don Juan e colhera em romances de ação e de símbolos. A imagem talvez fosse insuficiente mas ele a trazia da mocidade esfomeada e maltrapilha de ideias e símbolos, e jamais cuidara de a completar. João se sentia mais humano que o símbolo e então lhe vinha sempre aquela raiva despeitada, que o fazia odiar por um momento os pais, de ele também se chamar João, que o jungia ao símbolo desprezado. Principiou sentindo vergonha do próprio nome, e logo, na primeira aventura, buscando se esconder de seu nome tão feio, buscara depressa um outro que o valorizasse e explodira fácil o nome de Carlos! Ficou altivo, ficou nobre, ficou facilmente vencedor, assim

chamado Carlos, e nem nessa primeira vez, e talvez só por isso, fracassou. Foi homem delirantemente viril. Essa substituição do nome, que o salvara de fracasso em sua tamanha inquietude sexual, fora pouco a pouco se amornando, perdendo o valor e o gosto maravilhoso que lhe dera na primeira vez. Mas João continuara se dando o nome de Carlos em todas as aventuras que lhe permitiam semelhante falcatrúia. Mas não raro matutava na invenção, que sempre se lhe impunha ao pensamento pelos malabarismos a que o obrigava muito. E imaginando sobre, João percebia que se o nome de Carlos já não lhe dava aquele gosto misturado e tempestuoso que lhe dera das primeiras vezes, traição, incesto, carinho, confiança, perigo, volúpia de se entregar ao amigo mais forte, esperança de ser bom e simples, perda de personalidade e acrescentamento de forças; se aquele gosto tempestuoso apenas se mudara num hábito bastante censurável (porque João sabia perfeitamente que não era o nome de todos os Carlos que usava, mas o nome, alguma coisa mais, uma como que “participação” do amigo): esse hábito perseverava sempre como que uma garantia, um elemento a mais e vitória. O nome do amigo já não lhe dava sensações mais ao corpo, mas no mais fundo do ser o protegia, o armava, o regenerava que nem as ligaduras misteriosas da tradição. Talvez esta consciência da maior força sexual que lhe vinha de usar o nome do amigo, o maltratasse um o pouco. Mas era bom, era suavíssimo para a fusão sublime da amizade esse agir como Carlos, esse vencer com Carlos, esse compartilhar as suas com vitórias de homem com o irmão de vida. E aliás ajudavam a sossegá-lo as outras conquistas em que, por apresentações alheias, por conhecimentos anteriores, se via obrigado a conservar o seu próprio nome. Então era apenas ele quem vencia sozinho, sem auxílio de ninguém. A falcatrúia do nome não passava decerto de uma brincadeira inocente?...

Mas, se assim revoltado contra o símbolo de Dom João, a verdade é que no agir, nos gestos, nas palavras, João vibrava nas invenções um dom-joanismo perfeito. Principalmente, nas mulheres que conquistava, ele sabia incutir pelos gestos, pelo jeito ansiosamente apaixonado, a rapidez, a audácia e ao mesmo tempo a ingenuidade das palavras, a noção nítida de que se tratava de um mal irremediável: o pecado tinha que vir. Esse sentimento de que era impossível lutar, e das vidas sob o domínio da fatalidade, como que aterrorizava as mulheres pretendidas, as envolvia numa convulsão lancinante, as deixava inermes, numa espécie de entrega hipnótica, como o pássaro sob o olhar da cobra, essa a grande arma conquistadora do João. E embora em sua pressa de castigado, ele desnutrisse o amor das mil paciências e esperas inquietas, dos carinhos prolongados, das dúvidas, das fadigas que o enfeitam e lhe tiram o aspecto vil de animalidade, passada a aventura, nenhuma lhe ficaria querendo mal, assim batidas. É que ficava sempre, deixada por ele, como um perfume ficado na passagem, uma sensação consoladora de inconsequência, de coisa sem seguimento, sem perigo nem mal, apenas um desprezível ato inconsequente, uma indistinta saudade mal reparada, nenhuma lembrança

desejo de retorno e nenhuma impressão de remorso. Uma carícia rapidíssima, exclusivamente física, uma concessão quase impensada, quase caridosa, em que não houvera propriamente uma traição. Porque ele era “diferente”! Não que ele fosse o diferente de todos, o único verdadeiro, o encontro grande por que todos nós nos esfalfamos até a morte, à procura dentro das esquinas da vida, mas a impressão de que ele era diferente porque... porque não era um homem! E todas aquelas mulheres casadas se ficavam assim sorridentemente convencidas de que não houvera traição alguma ao seu casal, porque João, tivesse a idade que tivesse, não era um homem, não era o homem, o ser idêntico aos seus maridos, que viesse roubar destes o compromisso de lealdade. Era viva, e era a grande carícia, essa consciência deixada por ele, de uma ausência total do macho antagônico. Feminilidade? Juvenilidade inexperiente que agente esclarece por um ensinamento piedoso?... Talvez riem uma coisa nem outra. Havia muito em João desses jeitos suavemente afeminados e principalmente dessas ingenuidades irradiantes de juvenilidade em início de adolescência, muito própria dos femeeiros vivendo excessivamente entre saias e por causa delas - espécie de mimetismo bastante místico que imita para se identificar e fundir. Mas não eram sentimentos de maternidade ensinadora nem muito menos de identidade sem perigo que deixava as mulheres conquistadas naquele sentimento surpreendente de que o João não era como “os outros”. Ficava a simpatia extrema dele, uma visão iluminada quase irreal, movida por um cinismo que em sua abjeção era sublime como as fatalidades irrompentes das forças irracionais, mesmo das forças imateriais, um fantasma súbito, um deus ventado do alto, um Júpiter entre clácsons, chás escondidos, quartos sórdidos, bulhas e pressas de cidade em convulsão, mandando a entrega rapidíssima, proibindo a consciência do mal como um fulgor de irrealidade, aparição para sempre feliz. E a lembrança terminava no risinho impaciente com que terminamos sempre os nossos raciocínios impossíveis sobre as nossas alucinações: uma alucinação.

Quanto a ele, ele todo se desintegrava em sua inquietação amorosa doloridíssima, incapaz de uma verdade psicológica mais digna: era uma vítima! Não que ele se considerasse como realmente era, uma vítima de si mesmo e da sua incapacidade trágica. João não conseguiria verificar jamais que estava dominado por si mesmo, pelo seu próprio demônio. Lhe era mais fácil e mais acomodaticio em sua franqueza, se considerar dominado pelas mulheres, uma vítima das mulheres. Ficava sempre nele, viva como todas as memórias que conseguem nos perdoar dos nossos atos, aquela noção muito verdadeira de se entregar, da primeira aventura do aprendiz. E assim, menos que conquistar, ele se perdoava muito facilmente das suas aventuras, sentindo-se conquistado. E havia sempre uma boa parte de verdade nessa contradição. O simples fato de escolha, sempre mulheres casadas, sempre mulheres fáceis em trânsito de amor e perfeição moral, o faro de as descobrir, impunha ideia de uma ausência de vontade própria. Nenhuma espécie de arbítrio ficava no meio dessas

restrições. E era em parte grande, certo que as mulheres escolhidas, menos que escolhidas, se impunham, como que escolhendo elas, conquistando elas a sua vítima. Uma “vítima” exatamente não: o cinismo dele era menos trágico e certamente bem mais revoltante: nos momentos em que raciocinava sobre si mesmo e se julgava ou pretendia se julgar, João ia com os seus pensamentos ao ponto de se acreditar um ser necessário, um desses ele: da podridão do mundo, quase a cumprir uma missão. Nos primeiros tempos ele ainda procurara se desculpar, conseguindo admitir a possibilidade de culpa. Mas aos poucos desertara de seus raciocínios qualquer ideia, qualquer noção leve de culpa substituída por o naturalmente, jamais ele se dera conta bem: uma como que imagem de um destino funcional a cumprir, de que ele não carecia se desculpar, mas apenas explicar em sua insólita irregularidade. Enfim aquela mesma trágica imagem que se desvendara pela primeira vez ao seu espírito quando pungido pelo desejo de Violeta, sem nenhum amor verdadeiro, consciente disso, ele aceitara o casamento que ela lhe impunha. Ele cumprira apenas um dever!

... Naquela noitada de farra, não lhe tinham interessado nada as duas mineirinhas novas, pela mesma razão que as tornava prodigiosamente interessantes aos outros rapazes: segredavam que elas “eram virgens”. Se deixara ficar num isolamento muito desprezador, dentro das alegrias do grupo, buscando apenas as delícias do álcool, como um se ser excessivamente fatigado de outros prazeres sensuais. Mas à Violeta medida que o whisky ajudava, ia se impondo aos seus olhos, por um desprezo mais ou menos idêntico. A companheira dela se prestava facilmente aos encontros de corpo e tinha a boca solta das inexperientes. Violeta não: andava pelos cantos desacomodados, olhando tudo de soslaio com desconfiança. E se ainda ria e se envolvia no divertimento geral, guardava-se fisicamente com uma altivez desdenhosa que o maltratou. Não resistira, e assim como quem não quer, sem nenhum abuso de homem, num momento achou jeito desatento de sentar ao lado dela. Puxou conversa. Ela respondera ríspida, olhando-o muito lá do fungo dos seus olhos torvos, ele bem percebia, ela o examina ele não a olhava, metido na conversa de todos. E quando se voltara pra lhe dirigir outra vez a palavra, notou que ela ia se erguendo.

— Quer alguma coisa?

— Não. Vou no *toilette*.

Havia um desprezo na voz dela, João ficou, como nos frequentes “contras” a que a sua inexperiência ainda o sujeitava então, terrivelmente maltratado em sua masculinidade. E com efeito, pouco depois (a ida lá dentro fora um simples pretexto) Violeta voltava, e embora ele vagamente lhe preparasse a cadeira que continuava vazia, ela rondou pela sala, aparentemente desatenta, e afinal se sentara longe, visivelmente longe dele, noutro canto do apartamento. E não o

olhara mais. João dera pra loquaz, em pleno período de chamar a atenção sobre si, mas à terceira tentativa de brilho, desistiu, estava detestavelmente atraído pela moça, com vontade de se vingar. Não resistiu; e com aquela audácia que lhe era própria e derivava mais de um desespero que de uma coragem garantida, foi francamente sentar outra vez junto dela.

— Por que não quis sentar perto de mim? fiz alguma coisa?...

A princípio ela não se mexeu, como não tendo ouvido as perguntas.

— Diga se lhe fiz alguma coisa!...

Violeta foi movendo como numa condescendência a cabeça para o lado dele e o examinou sem a menor timidez. João pensou que ela era linda. O corpinho frágil e escuro, mal coberto na sedinha de tons sombrios, todo se quebrava em ângulos nos braços, nos joelhos nervosos, mal tomando lugar na poltrona quase inteiramente devoluta. Mas naquela magreza tênue o colo era verdadeiramente admirável, cheio e quente de cor na morenez. E aquela cabeleira violenta, que lhe ensombrava a testa e os olhos, caía chocha em cachos múltiplos, de um negro-azul de reflexos prateados na luz, reflexos duros, secos, cobrindo o pescoço longo e vindo voluptuosamente encobrir parte do colo... João se sentiu jogado para aquele mundo desnorteante e incorreto, muito difícil de definir, amortecido por uma leve tristeza soturna. Mas Violeta o olhava bem nos olhos, vagarosamente. Num momento baixou os olhos numa queda rápida e ele sentiu nas mãos o peso daquele olhar apalpante, cheio de mistérios, em que havia calor e muito sofrimento, talvez uma angústia e certamente muitas desconfianças.

— O senhor é casado?...

João não pôde sem que lhe escapasse uma risada vitoriosa, então era aquilo apenas! Olhou com vaidade a aliança que trazia no dedo logo num entre-riso de boca aberta, deitando a cabeça de lado com infantilidade, olhando-a muito e com carícia:

— E se for...

Os olhos dela tiveram um rápido brilho frio de metal cortante, um ódio passou neles:

— É a mesma coisa.

E foi se erguendo. João lhe agarrou o braço com dureza, obrigando-a a sentar.

— Espere um pouco! ao menos deixe eu contar!... Eu não queimo você!...

De repente ficou muito sério, e enquanto distraidamente tirava a aliança do dedo e a guardava no bolso, foi contando com facilidade, impedindo qualquer retirada com ares de delicadeza, as razões que o levavam a usar às vezes a aliança. Não contava tudo, e muito menos aludiu à confiança que o símbolo incutia nas casadas; era antes um meio de defesa, ela bem estava vendo que ele não preferia o álcool. E a aliança o livrava de muitas caceteações, aventuras de rua, coisas assim que não o interessavam mas que não topar sempre parecia confissão de fraqueza. Mas ali não havia a aliança, fora esquecimento. Violeta, de cabeça baixa, lá no fundo da poltrona encolhida, brincava distraidamente com a vestido. João só lhe via aquele tumulto crespo dos reflexos prateados da cabeleira. Se inclinou, buscando-lhe os olhos, sorrindo. E numa voz churriante de carícia perguntou se agora podiam fazer as pazes. Mas a mineira era um bichinho bravo, a carícia chegara antes do tempo: estremeceu à ideia de pazes e moveu a boca fina num muxoxo de desprezo.

— É a mesma coisa.

Repetiu firme e se ergueu com decisão. João fez assim um ar de cômica desolação de quem desistia da partida, mas a verdade é que estava espicaçado por dentro, numa grande raiva sensual, despeitadíssimo. Não desistira de nada, lhe era impossível desistir, batera nele com violência aquele sentimento irreprimível de que Violeta não lhe sentira a masculinidade, talvez duvidasse dela, talvez não o julgasse bem homem pra ela o demônio que o infernava. Caiu no álcool com espalhafato, dando a todos a impressão de que estava bebendo muito, com a fúria de algum desespero formidável. Havia alguém que o podia salvar ali de uma total bebedice, era Violeta. Violeta era a culpada, senão daquele desespero misterioso cujas causas eram imprevisíveis, pelo menos por não ficar ao lado dele que a buscara. Batera um certo mal-estar na roda. Os amigos de vez em quando se preocupavam com ele, pedindo que parasse de beber. E nas mulheres, uma censura tácita contra a moça, a deixava desagradavelmente solta no grupo, sem que ninguém a olhasse. As mulheres não a olhavam por censura e os rapazes por delicadeza, não a querendo dizer causa daquela estupidez do João. Este é que se sentia entronizadamente bem, enquanto a farra se arrastava. Alvo de todos os cuidados, era um infeliz cheio de amigos carinhosos, que lhe davam um calor de intensa maternidade em que ele se escarrapachava com o egoísmo esquecido dos filhos. Sentia muito gostoso de estarem assim se preocupando tanto com ele. E não era mesmo um infeliz? Era sim, era um desgraçado. Pouco importava não haver causa para a desgraça, e de resto ele não se dava nenhuma conta disso e nem mesmo de se indagar se havia uma causa para desgraça tamanha: o importante, o delicioso era justamente sem causa real, se ter por desgraçado e fruir gratuitamente não apenas os benefícios da desgraça, mas a sua dor, o seu martírio causticante, se sentir

infeliz, sofrer, muito sofrer, indo ao ponto da lágrima e do desespero de beber, se alcoolizar, se destruir numa espécie de suicídio lento e disfarçado. João delirava de prazer. O masoquismo o excitava tanto que o tomara indiscreto. Assim aquelas mulheres todas, Violeta também, essa... essa virgem!... aquelas mulheres todas que estavam, ele percebia, com secretos pensamentos de censura pra Violeta, todas sabiam que ele era bem um homem fortíssimo, um homem terrível, perigosíssimo, um devastador de todas as mulheres do mundo! João delirava de prazer, mais álcool! E a maior delícia é que ele conquistara todos os pensamentos de Violeta, todos os gestos de Violeta, Violeta todinha. Em vão que ela não trazia os olhos para o lado dele, João se percebia o único pensamento dela, a única preocupação dela, insuportável em sua resistência, arrependida do que fizera, querendo voltar atrás e incapaz de o fazer por... João não imaginava bem porque, por ser cabeçuda, por ter vergonha, qualquer coisa assim, mas insustentável, martirizada pelo que estava sucedendo e sobretudo vencida, dominada pela imagem dele, só pensando nele, e o vendo em toda parte mesmo sem olhar. João delirava de prazer, mais álcool! A farra se arrastava, era impossível aguentar aquela situação. Um dos amigos mais livre de compromissos com as mulheres, se levantara, trouxera o chapéu dele, “Vamos embora, João!”, “Vamos embora!”, mas ele relutando, mais álcool! Então veio o desabafo de todos, a resolução de se acabar com a festa, e todos saíram pela noite em busca de alguma paz. Os pares se repartiram buscando os leitos.

Era uma dessas noites cruas, muito nítidas, raras em São Paulo em que a escassez de iluminação no bairro não impedia uma visibilidade dos claros e sombras que chegavam a ferir. Junto aos revérberos curtos as folhas das árvores se contavam de uma a uma, altivas, estelares, incapazes de qualquer fusão no ambiente. Os ruídos assombrados dos bondes vinham das esquinas longe, ficava no ar uma bulha acordada, um incomodável, deixando as distâncias mais vivas. Nenhuma brisa e o frio franco. Frio ameno, sem água, bom de se respirar. As duas mineirinhas tinham partido rápidas, descendo a ladeira que as afastava libertadoramente daquilo, em busca de algum bonde derradeiro, na avenida. João sustentado pelo amigo, teve aquele desespero final. Libertou-se com aspereza dos braços que o amparavam, desatou a correr ladeira abaixo, foi pegar as moças já na outra esquina, numa disparada bulhenta que as fez se voltarem assustadas. Estava completamente bêbado, mal se sustinha nas pernas, e apesar da língua gorda em que balbuciava gaguejando, fazia questão de as conduzir de automóvel, paulista não deixava moça assim na rua de-noite! O que elas aceitaram facilmente. E no automóvel, como recompensa, Violeta deixou que ele, jogado entre as duas no fundo do carro, perdesse os lábios entreabertos nos cabelos dela, lhe roçando o pescoço.

Mas essa mesma recompensa, no dia seguinte, era o castigo maior para o infeliz! que ideia dera de si!... Beijara um colo, se encostara muito a um corpo, e nem sequer fizera um gesto a mais, pedindo!... Violeta havia de o julgar um

frouxo que se contentava com encostos e com boquinhos de ocasião, Violeta havia de o desprezar!... Quis telefonar, não sabia como, saber a rua e a casa sem o número era insuficiente, martirizou-se, e enfim se decidiu: foi despertá-la, pensou flores, que flores! nada! foi despertá-la com seu corpo sujo, mal vestido, sem se barbear, sem nada.

Tiveram uma explicação metálica, cheia de palavras ásperas, de raiva, ela ofensiva, ele insistente, bárbaro, ela cruel, ele insistente, bárbaro, ela quebrada, querendo chorar, ele insistente, bárbaro, insistente, cínico, pedindo perdão, pedindo amor, pedindo tudo, ela quebrada, mas irresistível na defesa feroz do corpo virgem. Então foram três dias de lutas, de brigas, de delírios terríveis, de pequenas concessões, de deslumbramentos e prantos, em que o combate entre aqueles dois seres torpes atingiu um clima de admirável podridão, que a ambos inspirava mútua piedade. E ambos se mantiveram nos seus destinos crudelíssimos, com uma perfeição espantosa. Havia mesmo qualquer coisa de admirável naquela briga vil de desígnios diferentes. Era uma negociata. Ambos negociavam coisas diferentíssimas no aparente leilão daquela virgindade, e nenhum deles poderia alcançar um conhecimento exato do que negociavam. Violeta estava feito uma fera enjaulada, mais que nunca brusca e angulosa, mais que nunca silenciosa, seus olhos mais que nunca se guardavam torvos lá no fundo, saindo da sombra da cabeleira agressiva, com lampejos de ódio, de desejo também, de frialdade raciocinante irremovível. Seu corpinho estalava alquebrado vibrátil, elétrico às mãos do apaixonado, mas de repente ela se soltava, num pincho agudo, do perigo iminente, ia sorrir longe, do outro lado da sala, olhando de soslaio. E se o inimigo se aproximava, num teatral pavor, ela fugia, grunhindo um “Não!” de raiva e completa defesa, fugia, defendia-se de longe, entre delicadezas amortecedoras, sorrisos, confissões ridículas de simpatia, jamais concedendo pronunciar, confessar a palavra amor, numa segurança de si mesma verdadeiramente superior, de uma altivez inesperadamente raçada, garantida em suas tradições, que lhe vinham com uma rigidez asperamente medieval. João se remordia de desespero, daquela confissão de amor que ele exigia para a sua necessidade de homem, e jamais vinha, não se decidia a vir, enquanto a expressão ríspida dos olhos dela e a fuga iam aos poucos esfriando a ardência sensual, o engeguimento próximo. Uma calma morna e enjoativa descia entre ambos, nascendo no ambiente uma disposição de hábitos sociais, disfarces. E a insipidez. E aos poucos, difíceis, as frases de amor recomçavam, as concessões minúsculas entre sorrisos fatigados de mera complacência, enfim um reconhecimento mútuo de prazer, mãos que apalpavam, cabeças jogadas pra trás na fadiga da resistência, aos crescendos de ardor, e novamente a composição dos gestos sôfregos, impacientes, imperativos, mais parecendo briga que volúpias, uma insistência cruel, uma resistência hirsuta, crudelíssima, e aquela mesquinhez reles de duas bestas-feras antagônicas, dotadas de um raciocínio curto, tão repulsivamente curto

que se fixava apenas numa ideia: destruir ou defender aquela virgindade: uma negociata.

Mas não era no fundo o seu corpo virgem o que Violeta negociava e não sabia perfeitamente, era um ideal. Um ideal, não; apenas um propósito: subir de posto. Isso era aquele fundo de consciência mal reparado, que seis meses antes a fizera abandonar a cidadinha proletária, se lançando em Belo Horizonte, numa esperança dissolvida em decisões que não iam além do momento. Antes espera que esperança. Fora ainda o que a trouxera por aqueles dias de aventura, com a companheira, entre cochichos, a São Paulo. Subir de posto, a colheita de alguém que a levantasse de sua condição, que a fizesse uma dona-de-casa que não trabalhasse em fábrica, ficasse no lar lagarteando, numa esmerada pasmaceira burguesa que a mais não chegava a noção revoltada que ela se fazia do lar burguês. E ela sabia que no convencionalismo bestial dos nossos costumes, puro convencionalismo já, esquecido das grandezas tradicionais, toda a sua riqueza, toda a possibilidade de sua espera se resumia ao corpo virgem. Violeta não queria dinheiro, não queria riquezas nem altas posições que a incomodariam em sua inadaptabilidade primária: lhe oferecessem mil contos pela sua virgindade, recusaria sem qualquer hesitação. Não se vendia nem comprava um sossego financeiro para a vida; não temia preocupações e dificuldades futuras de um lar medíocre, marido funcionário, filhos na escola pública, ela cosendo... Só um propósito de obsessão: subir de posto. Ir aos limites da burguesia transpô-los, se apagar pra sempre na posse bem definitivo. Insensibilizada pela visão da aliança, logo que soubera que João era solteiro, concedera, mesmo durante o mal-estar final da festa, reconhecer a simpatia prodigiosa que irradiava do rapaz. A espera se alvoroçara com o desenrolar daqueles dias de paixão e volúpias acesas, perdera quaisquer reservas. Ela amava o João. Reconhecia a realidade desse amor, mas o propósito antigo era mais forte que tudo, era o seu único motivo de ser. E mesmo nas quedas mais ardentes, era o anjo interior que renascia ao gesto mais ousado, a mola que a atirava longe do homem e da perdição próxima. “Não!”, gritava surdo, assoprando, com voz feia. E a ideia de casamento, cada vez mais imponente, mais irônica, tirava qualquer possível beleza de engeguimento, de sinceridade, de pudor mesmo, àqueles três dias de ferocidade. Houve enfim um momento, a tarde estava nevoenta, desolada, morna por detrás das janelas fechadas por causa do vento que viera do noroeste abafado, em que a ideia atingira integrada na angústia voluptuosa dos corpos, um paroxismo tão agônico e angustioso que o João, totalmente desvairado, explodiria nalgum gesto de delírio, de loucura, de crime, se não cedesse. E cedeu: ficaram noivos.

Imediatamente o clima esfriou, desmotivado. Uma seriedade, uma virtude, uma virgindade nova pousara nos dois corpos fatigados e eles ficaram puríssimos de repente, desprovidos de desejos e volúpias. Uma calma casta sossegara tudo, espíritos extasiados que não pensavam, beatíficos, corpos suavemente

enlaçados, já possíveis de esperar. João deitara a cabeça no colo da moça, fechara os olhos, destruído, infantilizado, num desértico sentimento de fracasso, dormiu. Lá fora, as névoas da tarde ventada se tinham resolvido numa chuvinha fria, delicada, que suavizava os seres, aviventava os membros lassos por aquele dia de noroeste abafador. As casas se diluíam na chuva e a escuridão baixava lentamente, despercebida, cheia de paz agradável. Os olhos de Violeta palpitavam mansos na sombra, sem nenhum lucilar de vitória nem outra imperfeição. Ela estava apenas pura, fidelíssima, benfeitora, noiva grave e perfeita, se sentindo meigamente maltratada pelo corpo do noivo dormido que lhe pesava no colo. De vez em quando um suspiro violento, nascia do mais impensado interior daquele ser que ela guardava em seus braços e de quem protegia o dormir. Vinha, subia rápido, lhe estufava o peito e se resolvia num soluço forte em que os lábios dele vibravam como cordas frouxas de um instrumento musical. Violeta então sorria pacientemente ao sentir o hausto bruto que lhe mordida a pele e reclinava a cabeça mais para o lado do noivo, acarinhando. Mas João dormia sempre, inteiramente entregue, morto, gasto. E Violeta, já agora chegada ao fim da sua trágica espera, desmotivada pela consecução final do seu propósito, conseguida e sem meios de ir além do seu destino, Violeta sem pensamentos, acarinhava mui de leve o noivo adormecido, piedosa, maternal, defendendo do mundo aquele sono imenso. Como a rua era bulhenta! Jamais ela não reparara que a rua era tão barulhenta, e as bulhas, os estralos e estrondos, e os mugidos dos autos faziam ela temer pelo descanso do amado. Os barulhos vinham, parece que lá onde eles nasciam não tinham um vigor tão largo assim, mas que subiam pelo ar encanado das casas altas e vinham estourar no espaço, se alastrando então triunfais, enchendo a noitinha, tomando conta de tudo, penetrando no quarto, fazendo tudo vibrar com rudeza até acordar o João. O corpo já lhe doía muito sob o peso adormecido do noivo, mas ela estava mesmo precisando daquele sofrimento físico que lhe substituíra a volúpia contida naqueles dias e chegada a uma exigência insensata de se satisfazer. Ela ia sucumbir. Se o homem perseverasse nos seus pedidos por mais algum tempo, talvez quinze minutos mais apenas, se ele continuasse com as carícias das mãos e os bafejos sufocantes da boca, ela ia sucumbir submissa. Agora estavam noivos e castos, esquecidos da sensualidade e dos desejos, naquele abraço adormecido. E ela se satisfazia assim, naquelas dores já agudas do corpo, se desvirginando nelas, se entregando à posse como todo seu corpo lhe pedia. E no ar escuro, límpido de ameaças e perigos, os olhos dela palpitavam, deliciado, abertos, sem pensamento, num bater pesado e regular de pálpebras que eram feito asas difíceis de mariposa.

João, dando um suspiro mais fundo, se ajeitou melhor no corpo da companheira e abriu os olhos. Num milagre de segundo se evaporaram todos os esquecimentos do sono, acordadíssimo, imaginando. A noite caía completamente. Havia um friozinho ácido no ambiente, que era uma suavidade após tantas tormentas. Os móveis neutros de hotel, o arranjo convencional

daquele quarto, nada tinham pra ele de agressivos, João assimilava essas coisas naquela ausência total de gosto de viver, de sensualidade das coisas, dos objetos, dos ambientes, em que tudo lhe ficava imediatamente familiar ou pelo menos aceito, porque ele não se preocupava de nada, o seu limite era pobremente interior. As luzes vinham lá de baixo, da rua, pelas vidraças. De longe chegavam alguns pedaços de arranha-céus com janela iluminadas, e alguns raios luminosos penetravam já fracos no quarto, fazendo tudo se diluir em formas indecisas. Fechou os olhos com decisão, não fosse ela perceber que ele já se acordara. Precisava não existir ainda, não conseguia pensar, isto é, não conseguia bem viver, uma coisa apenas bem decretada no espírito, ou melhor, não realizada na consciência mas fixa nele com uma nitidez irrevogável: ficara noivo, no momento em que ficara, fora com o intuito de ficar para possuir Violeta, sem ter a mínima consciência de que fora antes uma capitulação, uma covardia, uma dúvida que o tomara, enorme, de si mesmo, de sua força que não conseguia vencer a moça. E a dúvida sobre a sua força de homem crescera tanto, o deixara em angústias alucinantes, se firmando como verdade real; ele era um fraco, ia soçobrar na sua reles frouxidão, ia ser uma vergonha insuportável, Violeta percebera tudo, Violeta não tinha era a menor confiança na masculinidade dele, Violeta descobrira! Tinham sido realmente inimagináveis de tortura aqueles dias. A sensualidade como sempre reduzida a uma sexualidade exigente, por si mesma reduzida à exclusiva ideia de possuir Violeta, a que pela primeira vez a cambiante capitada do desvirginamento vinha perturbar ainda mais, como um estupefaciente, o seu espírito convertido apenas a desejo, nunca que o seu ser se diminuísse tanto a uma obsessão estreitíssima assim do seu sexo, como única explicação masculina do ser. O corpo se depauperava se devorava naquele excesso agudo de volúpias masturbadoras, carnes que se encostavam, cheiros aspirados com sofreguidões entorpecentes, boca roçante falando ternuras sussurradas, dizendo pedidos, realizando os pedidos, e principalmente aquelas mãos apalpando, agarrando, mordendo, buscando, iniciando as formas finais de conquista. Mas a mulher se livrava num salto e num riso. E à medida que o seu corpo se esgotava nesses prazeres angustiosos da espécie mais vil e exauriente, quanto mais o seu corpo se masturbava naqueles gostos em meio e perdia as formas de vitória, emasculado, amolentado em tépida canseira, mais lhe cresciam no espírito as imagens de sua possível insuficiência, de sua virilidade problemática, ele pressentia, como uma onça escura, a sua frouxidão à espera, de tocaia, para o destruir. Estava cada vez mais surdo e cego de si mesmo, não se via, não se ouvia, não se pensava mais. E quando para o sono era obrigado a deixar Violeta, longe dela é que ainda mais essas imagens se cruzavam como raios, como ribombos de tempestade dentro dele, até que a exaustão o dominava e ele dormia, num sono mau, pobre de recompensas, agitado, de que saía envilecido, sujo, conspurcado, sentindo apenas a camaradagem de uma degradação infinita. E mal passava pelo banho matinal, não punha o menor reparo em se vestir com decência, precisava fugir dali, fugir de si mesmo, fugir daquela

solidão medonha que o podia salvar. E a única tábua de salvação que havia era Violeta, estar junto dela, passeá-la em passeios brutais que eram lutas reparadas dos transeuntes apesar dos disfarces da moça, dos esforços ásperezos, das palavras malvadas que dizia para manter uma aparência social de discrição. Se refugiavam no hotel outra vez. E recomeçava então a briga mais feroz, aquela insistência desesperada, aquela resistência desesperada também, os fantasmas nem eram mais interiores, estavam ali na frente dele. João se via, um maldito, um trapo nojento, milhões de gentes rindo, o apontando, Violeta o desprezando, mulheres se afastando dele com repugnância, ele sozinho, se afundando num mar de maré montante convulsionado pelo bater bárbaro de ondas em que havia gritos, grandes peixes esfomeados, anúncios luminosos, conchas bivalves, caramujos que o engoliam lhe rasgando a carne, trilhos com bondes lançados em velocidade estrondante, e ele sem ao menos morrer, feito bandeira, um corpo enorme muito comprido e lerdo, feito bandeira, no alto do mastro da torre pra que todos olhassem bem a sua ruína. Mordia a boca, os dentes caninos lhe penetravam na carne ressequida dos lábios, para que as duas lágrimas de raiva não explodissem numa confissão derradeira de fracasso. Se atirava outra vez contra a moça pensando que agora ia conseguir, mas sem confiança nenhuma, certo que era a última vez. Não conseguia e enfim a verdade ia se realizar! Tomou-o um medo pavoroso. Era preciso ao menos esconder (não sabia que queria esconder) ela queria casar, ficavam noivos, ele tinha que vencer... Então casava, pois que só assim venceria, havia de conseguir, então casava, então ficava noivo e conseguia! Mas por dentro era o medo medonho acovardo. Ficava noivo porque não podia mais, porque precisava esconder sua fragilidade, dar razão de vida àquele corpo traidor, que estava mole, morno, torpe, sem poder.

Abriu os olhos e tornou a fechá-los suavemente. Não era o corpo que lhe fazia mal naquele torpor morno de abraçados, em que os friozinhos do quarto vinham e o bicavam com picadinha agradáveis: era todo o seu ser psíquico que lhe doía, lhe doía tão agudamente e tão pesadamente, que o melhor era não fazer nada, ficar naquela paz prodigiosa sem fantasmas, sem perigos, sem imagens, castos como criancinha. Mas Violeta não se aguentava mais, e as dores da imobilidade lhe tiravam qualquer prazer de sacrifício. Quis se mover com muito cuidado, mudar de posição sem acordar o companheiro, mas ele se ergueu inquieto. Violeta se assustou e ambos riram no ar, muito amigos. E a melhor destinação de ambos veio naturalmente, João chamou-a para o seu corpo de homem e a guardou nos braços, aconchegada. E foi prodigioso o sentimento forte de felicidade que o tomou, naquele seu retorno ao homem. O pensamento corria leve, fácil, desentrança impiedade já voluntariosa, quase lhe foi impossível esconder o sorriso depreciativo. Ficava noivo apenas para enganar aquela boba e conseguir o que queria. Tinha de ser muito aos poucos, com arte, pra que ela não desconfiasse. Mas acabaria cedendo, estavam noivos, ela teria que dar pra ele aquela maior prova de confiança, o sacrifício seria uma grandeza

que ele consagraria (que consagraria nada!) enfim casando com a sacrificada aos seus direitos de homem. Aos seus “direitos” de homem?... Não era essa a palavra que ele pensara, não, mas “deveres”. Um sentimento mais impositivo, sem nenhuma liberdade nem prazer, um sentimento funesto de obrigação irreduzível. Tinha que “cumprir” aquele defloramento. Não era mais felicidade nem volúpia, nem glória, nem amor impossível. Não eram seus direitos de homem, as exigências da sua masculinidade, as formas fatais da vida a que Violeta teria que se sujeitar mesmo, algum dia. Era exatamente o sentimento funesto de um “dever” de homem, a cumprir. Pra ele, tão “dever” como ter barba ou se chamar João e não Joana.

Na deliciosa calma que o vestia agora, João tinha certeza uma certeza fria, claríssima, de que Violeta caíra no laço. Ele cumpria os seus deveres de homem, deflorando-a, casar não! Ela que se iludisse, a boba! E o tomou um carinho piedoso pela boba. Lhe passava paternalmente as mãos sobre os cabelos, lhe apertava fraternalmente o pescoço em brinquedos suaves de esganar, sem nenhum desejo mais, perfeitamente bom, piedoso, com imenso e sorridente dó da boba. Mas como estava fatigado...

Ao descer do ônibus, com um atraso um pouco maior que o calculado, João procurava ansiosamente com os olhos a conquista nova. Encontrou-a afinal um pouco afastada da esquina, se protegendo na inexistência mais desatenta da rua transversal. Foi logo verificando que o atraso fora excessivo. Em vez de encontrá-la enfraquecida pelo esforço de vir e se entregar à visibilidade de multidão, encontrou-a furiosa, e sem timidez, disposta a partir sozinha. Quis dominar a conversa dizendo sem pausa uma misturada de pedidos, sensualidade e perdões estabanados, que o impusessem como forte e ao mesmo tempo cheio de infantil irresponsabilidade. E esteve realmente forte e infantil. Mas a mulher vibrava numa irritação tamanha que se desfeminizava, ainda insensível às malícias quentes do conquistador. Agarrando-lhe o braço, com força de mando, em poucos passos João a trouxe de novo para o turbilhão da esquina e agora a encarava com uma fisionomia contrariada e uns olhos de tamanho desejo e sensualidade que denunciavam muito perigosamente a mulher e o seu momento a toda aquela multidão. Ela porém ainda persistia na raiva insensibilizadora e principiou um discurso longo de queixas e censuras. João, que até o instante fora perfeitamente sincero em suas manobras, sentiu a precisão de representar um bocado e representou. Se deu uns ares de impaciência martirizada e deixando de olhar a amante, passeou com lentidão os olhos na vista ambiente, como tomando a todos por testemunhas daquela impiedosa mulher. Mas de súbito os olhos dele pararam num só ponto do outro lado da rua, a atenção se fixou, João empalideceu horivelmente. Agarrando a mulher recuou, obrigando-a a recuar também, foi se esconder na sombra de porta mais próxima. No outro lado da rua, próximo da esquina, em frente a uma loja de ferragens, parara de manso uma admirável baratinha preta. Da sombra

da loja uma mulher que esperava avançou até a porta, Maria! Era sim a mulher de Carlos com um veuzinho sombrio caído nos olhos, tão desajeitadamente procurando se esconder com o lençinho tapando o nariz e a boca, que dava a todos a confissão claríssima de estar praticando algum ato inconfessável. João pouco pôde observar da sombra da porta porque Maria se dirigira rápido para a baratinha, entrara, o carro partiu. João, era fragor, era uma verdade impossível, não vira o homem, não chegara a ver nada muito bem, com os autos, as carroças, os bondes que passavam entre ele e o outro lado da rua, um desespero, um ciúme formidável defendendo o amigo amadíssimo mas não era possível! era sim, era ela mesma! um fragor, perseguir os dois, João deu uns passos na calçada, girou sobre si mesmo feito bobo, era tarde, nunca mais alcançaria os infames, quem sabe? Um auto, um fragor, a amante ali, precisava possuí-la, Carlos! Carlos... mas não era possível que Maria traísse Carlos!... como é que ia disfarçar com a amante, o acontecido? estava suando muito, devia estar pálido, precisava se acalmar, olhou para a mulher. Ela, assombrada, ainda se guardando da sombra da porta, tinha um medo! um medo que a tornara frágil, esquecida de si, completamente mulher.

— Depois eu te explico...

Agarrou-a de novo pelo braço e a foi conduzindo para o hotel possível mais próximo. Seu pensamento não conseguia pensar na cabeça oca, mas a mão sentia aquele braço trêmulo, aquele corpo feminino que assustadíssimo agora se agarrava a ele, se protegia nele de um perigo enorme, insabido. Foi subindo por ele um desejo, uma sensualidade brutal, uma exigência de se entorpecer, de esquecer, de deixar tudo pra depois, por meio de um prazer que o destruísse, que o deixasse largado, por meio de espasmos cruéis que o sugassem, que lhe acabassem com a vida capaz. Refugiados no quarto, já protegidos pela solidão, a mulher ainda quis exigir explicações daquilo tudo. Mas João a cobria de beijos, a despia, afundava o rosto insofrido naquele jamais outro amado, Carlos! tão bom Carlos! os olhos se molhavam de lágrimas, as mãos apertavam, acariciavam, amaciavam, volúpias sem o menor recato, sem o menor preconceito... A mulher medo daquele homem mas esse próprio medo a deixava incapaz de reagir e os prazeres a quebravam, lentos, rápidos, brutais, no momento apenas tinha certeza de que não voltaria mais. Fechou os olhos assustados e embebedada entregou-se aos delírios do amante, delirando também.

Quando, bom tempo depois, eles pararam exauridos, os seus pensamentos, mais que isso, as suas realidades os afastavam muito um do outro. João estava calmo, bem humano, e a mulher não tinha medo dele mais, mas lhe viera um desgosto, uma vergonha, uma irritação surda contra tudo, em que ela apenas se admirava de não ter nojo daquele homem que a abraçava. Estava certa de não voltar mais, e isso parecia lhe justificar no seu pensamento renovado aquela censurável paciência com que se deixava ficar ao lado do homem, saboreando a

sua própria fadiga, cultivando as pequeninas dores físicas que lhe continuavam sem delírio a volúpia anterior e a punham em face da curiosidade. Muitas perguntas se atropelavam agora no cérebro poluído por aquela tarde de amor e ela devaneava, se deixava devanear apenas agarrada àquela tábua de salvação que era o desígnio de não voltar mais. João também se percebia longinquamente desgostoso de si, um certo nojo... Nunca praticara dantes as volúpias em que aquela tarde o lançara. O seu amor fora sempre rápido, muito animal, premido pelo desejo inquieto de possuir. Agora não saberia dizer porque se deliciara tanto, prolongara os prazeres, inventara ou repetira volúpias jamais desejadas. A mulher lhe pesava a meio sobre o corpo, e ele se percebia desagradado de tudo, conspurcado, sujo, assim, ainda meio vestido, roupas amarfanhadas, e aquele corpo nu, do lado, tão desimportante, nada melhor nem pior que os outros corpos todos que já amara. Tentou ainda insistir, se justificar de seus atos, descobrindo na amante maravilhas especiais, e afundou o rosto de novo no corpo dela. Ela o repeliu com energia despeitada. João sentou na cama com o pensamento inteiramente clarificado, Maria! Completava a toailete com presteza. Queria pensar, o pensamento estava claro mas não caminhava, não conseguia juntar ideias, formar juízos, era um pensamento imóvel. João entrevia no pensamento aquela figura de mulher na entre-sombra da loja que lhe prendera primeiramente o olhar como se reconhecendo. Nisto passaram dois bondes parece que em sentido oposto, um ônibus parou na esquina tapando a vista, tomou a partir, uma mulher correu puxando a outra, atravessando a rua, passaram mais veículos, as duas tiveram que desviar de uma baratinha preta, mas o que interessava a João era rever a mulher da entre-sombra. Ela vinha saindo com o veuzinho sobre os olhos, Maria! Até imagina que lhe reconhecera o vestido, quando jamais se preocupara com vestidos de mulher. Recuou com medo que ela o visse, foi um gesto instintivo de defesa, devia pelo contrário ter atravessado a rua, ter falado com ela, ter evitado que ela chegasse até a baratinha, ter salvo Carlos, ao menos daquela vez, ao menos no que ele pudera, mas hesitara completamente desarvorado, não vira bem se era Maria? viera uma incerteza, passaram mais bondes, era positivamente impossível ele alcançar o carro, estava do outro lado da rua, os carros caminhavam no sentido contrário ao da baratinha, não havia a menor dúvida, era Maria sim, Carlos... E o pensamento parava neste ponto, forcejava por ir além, não havia aléns! era a certeza crua, era dúvida cruciante, um corpo vago na entre-sombra da loja de ferragens chamara a atenção dele, mas vieram imediatamente vários veículos... E João recomeçava a pensar tudo, desde o início outra vez. Às vezes lhe vinham variantes, tão angustiosamente insolúveis que o obrigavam a repensar tudo mais uma vez. Se entre as certezas e dúvidas em que peneirava, a certeza lhe provava que a moça era Maria mesmo, lhe vinha a dúvida sobre se ela praticara algum ato indigno dela, dela não, de Carlos. Que todas as forças de João o levavam a sofrer a se inquietar por Carlos. Mas logo a agitação da moça, a visível maneira desajeitada de esconder o rosto lhe davam a certeza de se tratar de um ato desonesto. Então lhe voltava

a dúvida sobre se era mesmo Maria a mulher entrevista, havia tantos ônibus, tantos bondes perturbando a observação, a luz estava tão viva que diluía a nitidez dos rostos, devia não ser ela, talvez não fosse, não era possível ser ela. Estava na entre-sombra da loja quando os olhos dele se fixaram nela como reconhecendo... E tudo começava outra vez. A lentidão com que a amante se vestia o irritava. Tinha uma vontade angustiada de estar em casa, de estar fechado em casa junto com Violeta, abraçando Violeta, os dois enlaçado bem quietinhos no sofá da sala, sem que ela soubesse nada. João jamais desrespeitaria nas conversas mesmo com a mulher a desgraça de Carlos. Mas juntinhos, ele escondido nela pra poder pensar, poder sofrer. Tomou-o uma raiva de Maria, a odiou. Era uma cachorra como as outras. Fora ela que impedira Carlos de se informar pela marcha da cura de Violeta, mas Violeta valia muito mais que ela. Não era possível! Era possível sim, em vão ele estava procurando se enganar por causa daquela santa falsa. Por causa dela não! por causa de Carlos é que estava naquela angústia, naquele martírio...

Jantou com Violeta. Viera carinhoso da rua, mais infantil que nunca, sedutor, brincalhão. Mas se queixava de dores de cabeça pra ficar às vezes de olhos fechados, imóvel. Amava a mulher, só queria se encostando nele, deitou a cabeça nos joelhos dela, ficou assim longo tempo. Esteve quase pra contar. Amava a mulher, ela era dona de todos os seus segredos, João pensava cinicamente, como se a sua vida não fosse um tecido de segredos guardados da mulher. Mas a amava deslumbrante no momento. Era Violeta, era a sua esposa, era a sua esposa, era a mulher só dele que não o enganava, disso tinha certeza, que não o enganara nem o enganaria jamais. E ele a amava com deslumbramento. No fundo todo aquele amor de agora lhe vinha como uma espécie de vingança que ele conscientemente ignorava. João estava exagerando a sua felicidade conjugal pra se sentir mais e melhor que Carlos, o feliz, o forte, o admirado. Quanto a Violeta, se tomara a incomparável, a que Maria não tinha sequer o direito de se comparar. Deixara aparentemente e pensar no caso da tarde, não lhe vinham mais nitidamente à lembrança nem Maria nem Carlos, todo entregue aos seus carinhos e conversas com a mulher.

Num dado instante da noite lhe saltou brusco na cabeça a decisão: ver Maria! Era isso que ele tinha a fazer, olhou o relógio, quase nove horas, talvez chegasse em tempo, se estivessem em casa ainda não teriam se deitado, escutando música, como sempre. Tinha que ver Maria, olhar bem na cara dela, adquirir qualquer espécie de certeza. Ficou astucioso imediatamente, disfarçou. Levou um susto, como de quem perdeu a hora, se desvencilhou da mulher. Tinha um encontro mas voltava logo. Voltava pra se amarem ainda mais, falou sorrindo. Evitou confessar que ia ter com Carlos, porque desde a tentativa de suicídio, o descaso do casal amigo só telefonando uma vez e nunca mais, dera ao casal, como casal, o ressentimento. João não pudera abandonar o amigo, isso nunca! Logo lhe fora ao escritório e acabara lhe indo sempre à casa como dantes. Mas

em seu casal, ele se sentia mais que teoricamente, sinceramente ofendido daquele afastamento que ele percebia voluntário. E Carlos com Maria tinham deixado de comparecer nas conversas de João com Violeta, uma espécie de tabu que lhes evitava se perceberem amesquinçados, em sua unidade de par. João afinal acabara achando certo encanto nesse jeito novo de... trair a mulher. Agora a enganava também com os amigos. Ele sabia perfeitamente que Maria e Carlos tinham se afastado discretamente no princípio mas já agora indiscretamente, não dele propriamente, mas do lar dele. E por um daqueles seus milagres de cinismo e ingenuidade, verificava com uma indiscutível espécie de verdade que se não tivesse lar, se não tivesse Violeta consigo e não houvesse o fingimento de suicídio, Carlos e Maria não se afastariam de ninguém. Lhe vinha então uma secreta antipatia por Violeta que o sujeitara àquele vexame de se sentir mais ou menos indesejável ao amigo? Este pensamento fora suficiente para que ele procurasse de novo o amigo e lhe voltasse a frequentar sem remorsos a casa. Bem recebido, a recepção se incumbiu de disfarçar o resto. A culpa de tudo era Violeta, sem que por isso ele deixasse de se ressentir dos amigos. Se ressentia sim, mas a culpada era Violeta, ela que sofresse o castigo do afastamento. Violeta era insuportável mesmo. Viu na censura dos amigos mais uma desculpa aos seus desmandos de marido, e lhe bateu uma paz inocente de espírito.

Ver Maria... ver Maria... Estava umas dessas noites profundas do Rio, bastas, intensas, cheias de natureza, em que os matos dos morros parecem dominar o urbano. Nos bairros arborizados as casas se desagregam, mal se entremostrando na vegetação folhuda, donde as sombras caem negras, volumosas, pesadas, aumentando o silêncio e uma paz fatigada. A leve brisa, sem destino, ronda, envolve os seres, sem carícia. E a noite apenas, a noite natural, a noite dos matos brutos, inatingível, incomunicável, indiferente, inflexível em seu vago sentido de morte. O homem para. Perde o contato de tudo, a noite não comunga com ele, o homem se desrelaciona, envolto numa tristeza despercebida e cessa de viver em comunhão. Uma agudeza muito fria o insula em seu indivíduo, incapaz da menor paciência do mundo e da menor piedade. Há estupros sem remorso, há estudos sem proveito, os compromissos se abrandam, na sombra violenta das árvores se perdem as leis e as vontades. Um longínquo cheiro de peixe podre e maresia envilece os bairros nobres nascidos na praia. Ausência do perfume, das alegrias perfeitas, da flor. Um desamparo, uma velhice revelha e sem passados inculca gestos flácidos nos seres nas vegetações como nas casas inábeis, irrevogável e profunda, protegida pela profundidade da noite. Destas noites profundas do Rio, sublimes no indeciso frescor, na intensidade do silêncio e dos negrumes, no tropel fantasmagórico das montanhas que crescem e avançam pelo céu brancacento.

Ver Maria... Nem mesmo o vento mais forte provocado pela corrida do automóvel conseguira lhe dar alguma ideia ou lhe aprofundar mais o desígnio,

ver Maria... João só queria ver, olhar Maria, examinar Maria, como era Maria?... Não se lembrava nitidamente dela, devia ser meia baixa, meia gorda, de corpo pesado, caseiro... Se ela tivesse mesmo enganado Carlos, ele havia de perceber tudo no corpo dela mais firmado nas linhas, nos olhos dela mais esquivos... ver Maria.

Do automóvel a casa pareceu fechada já, mas se debruçando no portãozinho, viu luzes no andar térreo lá dentro e nas janelas de cima. Não havia o som da música. Tocou sem pensar, tinha que ver Maria, mesmo que tivessem de descer outra vez. A criada o introduziu no *hall* grave, *hall* que sempre o inquietava pelo conforto, as suas larguezas e aquele ar generoso e amadurecido que têm os aposentos verdadeiramente nossos. Carlos descia. Vinha inteiramente vestido, em traje caseiro de verão, camisa aberta, de mangas curtas.

— Puxa, vocês já estavam se acomodando!

— Não!

A negativa talvez quisesse vir confortadora e havia mesmo no acolhimento de Carlos um como que prazer, um ar incontido de gratidão pela chegada do amigo. Mas exclamara mal, sem colorido expressivo, num som em que o carinho se tarjava de inquietação e despeito. João percebeu imediatamente que o amigo não estava bem, na inteira e calma posse de si mesmo. Mas não se interessou muito por isso, lhe veio logo na boca a vontade de perguntar por Maria. Disfarçou quanto pôde, falou noutras coisas. Carlos estava longe dali, João excessivamente perto, sem refletir, sem poder refletir, só desejoso de perguntar por Maria, exigir na pergunta a presença dela. O resto não sabia. Era sempre assim, nas discussões de ideias, sobre romances, comunismo, sobre música, nas suas conquistas, jamais ele se garantia preliminarmente de uma ideia e de seus argumentos. Inventava os argumentos ao pé da frase do contraditor e era frequente mesmo o argumento ir se formando à medida que era pronunciado. O contraditor levava imediatamente grande vantagem sobre ele, mas aos poucos naquela sua pertinácia inflexível, que parecia ser levada por qualquer mando remoto de genialidade, João, se não vencias algumas vezes, acabava sempre se convencendo a si mesmo de que estava com a razão. Não estava absolutamente nem sequer predisposto para o que ia acontecer, se sairia de qualquer forma, e sempre bem, por enquanto queria perguntar por Maria, e exigir, mesmo sem discrição (não conhecia esse gênero de delicadezas...) a presença de Maria. E a conversa avançava paciente, sem perfeição, apenas possível assim, porque eles eram amigos. Conversa manejada inteiramente pelo João, que era aliás conversador invencível, entre silêncios largos. Silêncios que eram todos de Carlos, que se apoiava, se descansava neles, se perdia em seu mundo interior, agora tão convulso. Pra João os silêncios eram martírios, porque lhe vinha tão à boca a pergunta que não pronunciá-la quase que lhe

dava falta de ar. Afinal não se conteve mais, uma última noção de perigo o perturbou e a pergunta saiu desviada:

— O que você tem?...

Logo se desgostou, não era isso que pretendia perguntar. Carlos o olhou com olhos intimamente confessados. Era o que esperava de João: precisava do amigo. Esteve pra contar, hesitou, respondeu “Nada”, numa pequena irritação, e se calou. Depois foi acrescentando, muito lento, em voz suavíssima, como quase um segredo:

— E Maria... está se sentindo incomodada... não sei... ando inquieto com ela... (e logo corrigiu com rispidez) Com a saúde dela.

João ficara um pouco atrapalhado com aquela entrada bruta no assunto. Estava como quando pegado nalguma pulhice das suas, olhos muito abertos fixando o amigo, boca entreaberta numa espécie de riso parado. Mas o vulto de Maria descendo a escada lhe mudou atenção. Foi buscá-la em caminho. Maria lhe entregou a mão, sorrindo calma. Mas se percebia que estava moralmente muito cansada, que sofria. João prendeu a mão dela, falando com desenvoltura:

— Estou sabendo pelo Carlos que você anda adoentada, ora que isso!

— Ah!... não é nada...

Mas baixou os olhos num recato, não aguentando os de João que a examinavam exageradamente. E como sempre lhe sucedia nos momentos de desaponto, procurou o corpo do marido, pra se encastelar. Se encostou nele que a envolveu pela cintura com o braço, a mão apoiando com força na carne do ventre. Mas fazia por disfarçar a inquietação, não se dando de a olhar, forçando uma aparência de intimidade esquecida de si.

— Sente.

Maria sentou agarradinha a ele, meio se escondendo nele, lhe guardando a mão entre as dela, entre os joelhos. Olhou sorrindo o João, já com serena segurança. João a desbastara com os olhos durante aquele tempo, era linda, de uma pureza moral que deslumbrava marcando a nitidez das linhas (ver se isto concorda com a descrição de Maria feita anteriormente). Os olhos perfeitos no seu castanho sombrio mas sem a proximidade do mal, a boca leve, boa pra amar de manso, dentro de um lar, incapaz de resistir um segundo à lembrança de um quarto de hotel ou de um apartamento furtivo. Era certo que sofria, uma dor insopitável, dor física? Dor moral? Mais fadiga talvez, uma digna de ser amada deslumbrantemente, cariciosamente, protetoramente, amor que não se cansa

de todos os instantes, como uma glória imperecível. Maria estava sublime, tão bela e tão recatada, e tão débil na dor que a vestia que João a contemplava embevecido. Dizia muitas palavras, a conversa ia se animando fácil, João não atentava ao que dizia mas dizia, discordara de Carlos, os argumentos se construía no ar, João queria ver. No seu embevecimento, cuidando em fazer de Maria a confidente dos seus argumentos para disfarce dos seus olhos presos, queria ver, queria ver Maria, descobrir, penetrar naquele fundo profundo, ter certeza, fora ela sim, estava embevecido, estava preso e estava frio, completamente mau, penetrando e impenetrável, querendo saber. Lhe voltara com a uma nitidez aguda a visão da tarde, João completava a Maria presente, lhe punha um veuzinho sombrio sobre os olhos, lhe tapava a boca com o lenço, e a dirigia entre ônibus, carroças transeuntes, na luz ofusante e a depunha numa baratinha preta em que... a outra desaparecia. Não havia nada! Maria conversava modestamente, a calma se refazia no ambiente e a mão de Carlos entre as dela revivia, já prazerosamente segurando, enquanto, esquecida de amor, ele rebatia divertido na vitória os argumentos idiotíssimos do João.

A discussão parou por falta de verdade. Mas agora os três estavam confortavelmente familiares, se contavam atos e casos, na franqueza largada da intimidade. Carlos se curvara muito pra frente, preparando com minúcia de prazer um cigarro. Maria surgira assim por detrás dele, inteiramente, e aquela visibilidade mais nua firmou de tal forma no João o desígnio imediato de saber, que ele inventou a cartada perversa. Aludiu cortante a encontros inimagináveis, e olhando Maria nos olhos, com uma impiedade ambiciosa, disse que às quatro horas e pouco (ver atrás se marquei o encontro dele na tal aventura, para as quatro horas) estivera na loja Bela Aurora, aquela loja de ferragens na rua Larga, escolhendo uns objetos quando... o resto não lhe importava mais, continuou criando o encontro inimaginável, mas estava apenas na estragosa volúpia de ter conseguido a verdade. Maria ficara estarrecida. Empalideceu horrivelmente e principiou tremendo, as mãos tremendo, os lábios, o queixo, ia cair. As mios ela agarrara uma na outra pra disfarçar, e os joelhos se contraíam, se apertavam, dando-lhe ao descer das ancas uma estreiteza rija, sem sensualidade mais. João estava horrorizado, Carlos iria perceber se o terror de Maria não passasse logo. E isso ele não queria! Falava sem parar, distribuía frases confortantes na descrição, não percebera bem se era mesmo a mulher conhecida na mocidade, tinha envelhecido muito, mas sempre (e lhe voltava a perversidade de conservar o seu domínio) sempre se assombrara muito de a ver assim jogada só num lugar impossível, que calor estava fazendo!... lembrou um refresco. Ele mesmo iria preparar, levantou-se. Carlos também se levantou, pra impedir. João, predominantemente fácil, fez todo um jogo de luzes, de luta sorrindo de corpos, prendeu Maria pelos ombros sentada, não querendo que ela fosse se incomodar, ajudou-a a se erguer, estava infantil, trapalhão, o desastrado amorável que às vezes surgia nele, o salvando de si, convidando a perdão. Maria desaparecera no interior da casa.

- Acho Maria muito abatida... Você precisa tomar cuidado com ela, Carlos.
- Não sei!... Maria anda esquisita...
- Deve ser doença... você já chamou médico pra ela?
- Não quer!
- Isso não é razão! chame assim mesmo; que diabo! Você tem autoridade pra isso...
- Não sei... De uns tempos pra cá Maria...

la dizer que Maria tinha mudado muito, mas sobresteve em tempo a confissão tomado de pudor. Continuou com muita naturalidade contando que Maria de uns tempos pra cá tinha dores de cabeça constantes, andava irritadiça e outras coisas assim. João percebeu que Carlos disfarçava confissões e sentimentos mais profundos, sofreu pelo amigo, mas não pôde se aproximar mais dele, também tomado de um momentâneo pudor. Todo o seu interesse, agora que Maria estava longe, era proteger aquele lar, salvar a felicidade do amigo. Foi falando em nervoso, em fadigas mentais, em coisas passageiras, até que lhe surgiu a ideia que salvadora. Maria precisava descansar dessa vida de Rio, que diabo! não haveria fazendas de parentes que a acolhessem por um tempo? de águas não aconselhava... E achou logo uma porção de argumentos contra as estações mas que poriam Maria na possibilidade de receber de receber quem! não sabia! A realidade desse alguém lhe escapava, o simples fato da baratinha particular não decidia com a claridade satisfatória, diante de um passado inteiro de honestidade, existência de uma culpa de amor. Passaram imagens de livros e filmes baratos na incerteza dele: chantagens de que Maria estava sendo vítima, joias vendidas pra salvar algum parente pobre, e se sentiu completamente ridículo. Mas que Maria fosse para alguma estação de águas, podendo continuar a ligação... ligação era impossível, devia ser coisa passageira... e sem ele perto, isso João não podia suportar. Assim ela escaparia ao policiamento dele que estava dominado pela curiosidade. No seu pensamento já agora outra vez apenas perversamente atormentado, imaginava Maria em Caldas, recebendo clandestina no quarto um amante que ele preso ao Rio, não podia descobrir, saber quem era. Se ela ficasse no Rio, ele descobriria tudo, satisfaria aquela curiosidade doída em que estava, quase malsã, tecida de despeitos, de ciúmes, de raivas de que não se dava conta, revestidos que estavam os seus sentimentos por aquela decisão aflita e nobre de proteger o amigo e lhe salvar o casal. Era impossível deixar Maria solta sozinha numa estação de águas, e estas se mostraram prodigiosamente defeituosas pra o caso de Maria. Só as fazendas dos parentes é que serviam. Estavam habilíssimos em suas cogitações. Era

preciso dar de novo a Maria a consciência exata da sua felicidade. Lembrou uma viagem longa, mas logo acrescentou que essa viagem só viria depois do descanso solitário na fazenda. Primeiro era preciso afastar Maria de Carlos, pôr em ambos consciência da separação. Depois sim, iriam ambos por aí numa viagem longa, Carlos podia, numa nova lua-de-mel.

Maria voltava com a criada, trazendo sanduíches e os refrescos. Vinha recomposta ao possível, mas seus gestos se moviam prodigiosamente pesados. João a desejara assim, voltada ao seu natural, se dominando. Por isso inventara os refrescos. Mas quando a viu já segura de si, teve despeito, se irritou. Talvez a desejasse desmaiada, não podendo aguentar o golpe, talvez a desejasse morta... Instintivamente lhe brotou a frase que em sua dubiedade ia esmagar a moça outra vez:

— Pois... senhora dona Maria... estávamos decidindo do seu destino.

Carlos a envolveu num olhar ansioso mas incondicional de proteção em que havia também alguma timidez diante da mulher nova. Como a adorou naquele momento com todo o seu instinto de preservação! Ela estava realmente superior, divina agora, com aquele vago halo de sofrimento que a cercava, e lhe dava uma intensidade antes inexistente. Uma serenidade pesada como que lhe amaciava ainda mais e já de si suave linha do perfil um pouco duro. As pálpebras como que tinham se rasgado mais para conter os graves olhos donde descia, modestamente, uma luz escura serenando as coisas. E a boca numa longínqua aparência de sorriso, se movia de vez em quando numa contração rápida que eram reflexos de palavras não ditas. Mas aquele peso, aquele peso de carnes repletas, de músculos rijos em repouso, profundas carnes da incomparável sensualidade, Carlos voltou a si, envergonhado pelo ímpeto de desejo que lhe ardera de repente subira até o rosto num calor.

João estava desapontado. A frase que imaginara dúbia, não causara nenhuma impressão em Maria, e ele se vingou logo imaginando que ela não percebera a dubiedade do que dissera. Pelo contrário naquela dignidade nova de que ela se revestira e impunha respeito aos dois homens, Maria movimentava-se com segurança, arranjando os refrescos. Era certo que ela agora guardava consigo um passado que a tomava mais misteriosa e completa, mas no enredado de experiências antigas em que se movia agora, ela dava a sensação viva de que nada houvera e nada havia. Uma estranheza; uma força ignorada. Uma mulher incomparável. Os intuitos de João estiveram quase a se mostrar na consciência clara de um desejo, mas ele se sobressaltou em tempo, agarrado medrosamente à ideia do refresco:

— Pouco açúcar!

Maria encarou-o espantada. João era um inveterado (?) lambedor de açúcar. Um vesgo mal-estar tiniu na sala, brinçalhão, porque muito ou pouco açúcar afinal não tinha importância. Mas não deixara por isso de ser um novo mal-estar. João teve medo dar qualquer explicação daquela mudança repentina de gosto, que na verdade não tinha explicação nenhuma. Foi como um pressentimento que o feriu. Se explicasse era se por consciente de uma frase sem motivo e dos motivos outros da frase agarrada para se salvar de si mesmo. Maria, sempre sob seu domínio novo, teve também um medo horrível de perguntar a razão daquela preferência intempestiva. Percebia que a frase fora largada ao acaso, a primeira que viera, pra ocultar outras ideias. Carlos também. O “Pouco açúcar” do amigo lhe soara como uma advertência brutal, um desvendar de segredos, a certeza de que ninguém estava sendo sincero ali. Quis troçar com o amigo, num desesperado anseio de voltarem todos ao seu natural, mas teve medo também. Estavam os três medrosos e parados, envergonhados no íntimo, enquanto Maria maquinalmente, pesadissimamente ultimava o preparo dos refrescos. Como que esquecera o pedido de João, lhe pondo no copo três fartas colheradas de açúcar, sem reparar. Mas os dois homens repararam. E se Carlos olhava para ela espantado, notando a inconsequência da mulher, de novo reposto em suas inquietações por causa dela, João se sentia crescer voluptuosamente numa felicidade encantada. Aquele desrespeito ao seu pedido, aquela adivinhação do seu gosto uma familiaridade secreta, um compromisso íntimo entre ambos, uma convivência.

Maria deu um passo pra ele, com o copo na mão. Pela primeira vez o encarou bem de frente. E estava toda numa tal audácia de convivência, que João ficou horrorizado. Maria o encarava com todas as confidências nos olhos, numa tal energia, num tal fulgor de coragem, de desafio mesmo que o acabrunhou, o humilhou. Ele teve a impressão dura de que de agora em diante seria um brinquete nas mãos dela, um escravo que ela mandava e desprezava, miúdo. Tudo ela confessara de uma vez e agora nunca que ele a delatasse ao amigo. Maria lhe dera as costas com impávida perfeição, confiante. Ele a via agora voltada para o marido naquelas suas formas sensuais que assim de costas ainda pareciam mais pesadas. Via e não via. Carlos a puxara pra si na confiança do amigo aguardava serena, protetoramente nos braços, enquanto ela, se rindo, numa inquietação corada, cuidava de resguardar o refresco nas mãos. Entre risos meio encabulados, numa virgindade espontânea, dizia:

— Carlos! não faça assim!...

E ele lhe dizia frases murmurantes, rindo também. João via e não via, quase não ouvia. Bebericava noutros mundos a laranja que uma gota de gim alertava, noutros mundos, machucado, avacalhado, empobrecido de si mesmo por aquele olhar de Maria que, no entanto, fora apenas de vagueza indecisa e abandono. Mas o refresco agia, veio uma paz delicada como se fosse uma brisa

cheia de mato e de água após um dia calmoso. O sabor feliz do caldo penetrando gelado na língua e na garganta dava a todos um ajeitamento fácil com a realidade exterior. Agora, o ambiente familiar revivia em todos e lhes dava o seu conforto conhecido e um sabor defensivo de posse, de propriedade. Os espíritos e os sentimentos estavam de novo certos e em seu lugar, desapareceram os mistérios, as sombras, as ameaças, as profecias - era a realidade. E a realidade não era nada, era aquilo mesmo, três seres completos, amantes e amigos, julgando passageira a indisposição da figura mais preciosa do grupo Maria, a dona deles, a senhora daquele lugar. A felicidade parecia provir somente dela e Carlos a envolvia num olhar másculo, apropriativo de reconhecimento, enquanto João prodigiosamente esquecido de tudo, desanuviado, se percebia satisfeitamente generoso, não dando importância mais aos sucessos e sofrimentos do dia, bobagem! Maria era incapaz de errar! se sentindo amigo apenas, capaz de sacrifícios e das maiores dedicações, quase paternal pra aqueles dois que não podiam mais esconder que se amavam. Carlos se lembrou de repente da noite de amor dolorosa, estranhíssima que tinham ambos tido após o fingimento de suicídio de Violeta, estremeceu desgostoso. Engoliu o resto do refresco e a inquietação passou. Maria o imitou bebendo o resto do seu copo, enquanto lhe vinha também à lembrança a imagem de Violeta. Havia um tal desejo de unanimidade no ar que os três pareciam tangidos por uma torrente para os mesmos destinos. Ela consultou rápida os olhos do marido e eles eram de enérgica aprovação. E Maria pôs o nome de Violeta entre os três. João afinou um tom de dignidade ferida na voz e respondeu docemente que Violeta estava passando bem. Carlos quis dizer alguma coisa e não achou. Pretendera pressentir um perigo naquela volta de Violeta ao meio deles mas só achou razões para aprovar a esposa que o salvara duma situação que não podia durar mais sem ofensa direta ao amigo. De novo um princípio de desagregação começava a reinar na noite arrastada. Maria corou, consciente da esperteza de mulher que praticava, se ergueu, indo buscar a vasilha (?) da laranjada. E assim, preso o olhar nos copos, na preocupação de servir, se desculpou com o desleixo pessoal de não ter mais se avistado com Violeta, propôs jantarem todos juntos... qualquer dia. Os homens aceitaram sem calor. O refresco já não tinha mais o efeito que tivera de primeiro, já agora os três desalterados. João percebeu que era tempo de se despedir. Num relance reconheceu que voltava de mãos vazias, sem nenhuma colheita certa, sem saber. Quis ficar mais mas era impossível saber, teve um desânimo que o espezinhou ainda mais. Os três estavam meio arrependidos de terem repostado Violeta no grupo. Fora só Maria a falar, só ela a propor a reunião nova dos casais, mas todos se sentiam culpados do gesto salvador de Maria. E foi sem vontade nenhum reagir que continuaram firmando a próxima reunião, fixando pratos marcando a data. João não entendia de cozinha, pra ele, comer um macuco bem descansado e macio era o mesmo que o pedaço de pão sem manteiga, engolia. Mas Carlos e a mulher eram bons comedores e as censuras à estupidez gustativa do amigo trouxe risos e uma despedida agradável. Foram

todos até o portão do jardim e a noite estava escuríssima agora, mais suave e silenciosa.

Assim que João partiu no táxi, o desapontam se abateu sobre os amantes. Não sabiam porque, mas estavam desagradavelmente desapontados. Era Violeta, era a desorganização moral em que tinham vivido aquelas últimas horas desde a noitinha, era um pudor incompreensível de si mesmos e uma presença inesperada e totalmente esquecida da noite nupcial. Um receio de ferir o companheiro, não sabiam. Foi Carlos quem venceu tudo com perfeição. Decidiu que Maria estava cansada e subisse, ele fechava a casa. Ainda se demorou sem perceber que o fazia de propósito, fazendo coisas que a criada faria na manhã seguinte pensava propriamente mas estava numa posse perfeita de si mesmo. Despiu-se e se aproximou da cama do casal. Tomou Maria nos braços. Ela indormida enlaçou-o amassando os lábios contra o dele e de novo a lembrança daquela noite antiga do suicídio de perturbar Carlos. Mas ele dominou firme, quase com piedade a mulher. Recusou os lábios dela e a perfurou lenta, sensualmente, dominadoramente. Dormiram em paz.

João não conseguia dormir. Era um torpor engradado, um abatimento curto em que ele não podia se mover nem pensar. Cruzavam-lhe no espírito imagens muitas, muitas perguntas e inquietações, mas o espírito rarefeito não chegava a qualquer dado de consciência. Era como se tivesse apanhado uma sova formidável, um estado de inteligência que não podia se mover, espessamente dolorido em si mesmo, e a que uma imagem, uma pergunta, cada memória ou inquietação do dia e do futuro doía como se fosse um movimento da carne machucadíssima.

Nessa espécie espiritual que não chegava a ser insuportável, e antes de alguma forma lhe agradava e condizia com o seu amoralismo passivo, e era largadamente lassa, aos poucos alguns ambientes mais nítidos foram se formando na madrugada. A sensação de Violeta reintegrada no grupo lhe dava uma alegria imediata. Mas se João se esforçava por compreender a causa dessa alegria e era tão fácil responder que os amigos tinham se arrependido do afastamento grosseiro, e reconhecido os direitos de Violeta, sua mulher, participar do mundo deles, esta resposta se recusava a lhe mentir, não vinha. E outra qualquer não lhe vinha também, substituída pela queixa dos amigos injustos e principalmente pelo desarranjo que a personalidade desagradável de Violeta iria de novo introduzir no grupo, assim tão harmonioso sem a lembrança dela. A alegria escapava logo. Mas se por acaso, buscando outro plano de sensações a imagem de Violeta voltava, voltava de novo com ela a sensação irrompente de prazer. E João não conseguia ir além. Carlos era o outro plano, mais grato, em que o seu espírito se deixava viver. Lhe vinha imediato aquele amor adorado que tivera pelo amigo na adolescência, um desejo de acarinhar, de se sujeitar ao mais forte, admirando-o, uma quase sensualidade. Mas logo

lhe brotavam, como censuras, algumas imagens da mocidade, e de novo o pensamento grato lhe desagradava, arreado dessas lembranças que, homem realizado, João jamais soubera explicar, a afastava logo do espírito envergonhado. Mas a lembrança de Carlos persistia, mudando de rumo. Era o forte, o bom, o amigo amado, de que João precisava e de quem ele decidia se aproximar cada vez mais. E lhe vinham conselhos, ordens, olhos censuradores de Carlos e João numa volúpia quase masoquista, sentia que precisava de agora em diante aceitar aqueles conselhos de Carlos, lhe obedecer às ordens. Estava todo numa anuência à subalternidade tão sincera, tão arrependida (João sentia um arrependimento maravilhoso...) que se lhe voltava então a imagem de um olhar, de um rictus de boca censurador de Carlos, até no corpo João imóvel se movia, percebendo numa luz explodida, única nitidez claríssima naquela vigília cinzenta, que daquele momento em diante não poderia mais suportar semelhantes censuras. Não seriam censuras mais, porém a sua condenação. E ele se percebia jogado nos braços do amigo, sabendo num exagero voluptuoso de perfeição, que sem Carlos não poderia nunca viver. E de novo reprincipiava a imagem do Carlos grande, forte, puro; e de novo as lembranças da mocidade e o desagrado. Ou, noutro rumo, pensava em Violeta boa, humilde, aceitadora, descendo de novo ao plano sensitivo dela, do convite, e novos desagrados. Esses os dois climas em que madrugada já franca. A imagem de Maria lhe fugira por completo do ser. Exausto adormeceu.

Quando Violeta o acordou, já meio-dia, pretextou a noite em claro, se recusou às perguntas simplesmente vis e desconfiadas da mulher, virou na cama e dormiu de novo. Acordou as três horas bastante refeito. O espírito ainda quis se esquivar à briga bruta dos instintos que o dominavam agora, e lhe pôs como primeiro problema no pensamento a ideia da reconciliação do grupo com Violeta. Mas logo tudo se encaminhou para onde os instintos o chamavam, Maria. Lhe pareceu impossível contar ele mesmo a Violeta onde fora na véspera e as conversas sobre ela. Seria se desmentir e disso lhe nascia de repente uma vergonha vasta. E uma irritação fatigada. Violeta enfim poria na conversa deles os ressentimentos guardados, começariam novas recriminações, picuinhas, enfim, de relance percebeu todo o inferno que Violeta sabia criar entre eles por dias inteiros, dias seguidos. E ter de aguentar aquilo lhe pareceu impossível agora. Mas havia um jeito ótimo de resolver a questão. Era ele telefonar de escondido a Maria (como um raio sem rasto lembrou que Carlos já não estava mais em casa agora...) contando francamente a complicação em que estava, a pedir a cumplicidade dela. Isso lhe pareceu facilíssimo ao mesmo tempo que lhe subia pelo corpo um gozo quente de satisfação. Obter a cumplicidade de Maria, se queixar de Violeta, mostrar seus sofrimentos imperfeitos em casa, fazê-la condoída. Sobretudo a cumplicidade: Violeta não saberia nunca do conluio, lhe pareceria que a amiga enfim, arrependida, lhe telefonava espontaneamente, convidando-a e ao marido pra jantar. João imaginava com facilidade feliz o diálogo de ambas pelo telefone. Violeta ressabiada, se recusando a princípio,

Maria boa, Maria séria, Maria com piedade dele, insistindo paciente, conseguindo enfim o esquecimento de tudo, Maria mentindo, cúmplice dele, conluída com ele, condoíam inventando razões, a própria doença, pra justificar o silêncio anterior. E Violeta aceitando. E era isso que tinha feito a insistência da imagem de Violeta na vigília passada. João a pressentira como o elemento mais importante para aproximar Maria dele. E agora lhe surgia inteiramente completado na ideia, o pretexto de Violeta pra obter um segredo, um nó com Maria, um primeiro trair Violeta ou ambos juntos. João não podia se dar conta destas causas que lhe vinham apenas até o limiar da consciência, era apenas o efeito que percebia, o telefonema que o livrava de explicações com a mulher. Mas as causas é que lhe davam aquele bem-estar delicioso, aquela sensação de vitória que o sol claro acompanhava fora. Banhou-se rápido, barbeou-se como para um encontro, escolheu gravata coisa em que nunca pensava, saiu fugindo, foi telefonar.

E esteve inteiramente João nessa conversa longa pelo telefone. Maria estava só, como ele esperava. E ele falou, falou muito, falava sem parar porque em suas poucas pausas percebia que ela, já incomodada com aquele excesso de intimidade, procurava modos de acabar a conversa. Então lhe vinha, despeitadamente depreciativa, a imagem da Maria safada, enganando o marido, a baratinha num excesso de luz que, o atordoava... E com insistência, numa grosseria consciente com quem não lhe merecia a menor consideração, recomeçava a falar contando coisas, se queixando de Violeta, contando intimidades que Maria escutava contrafeita mas subjugada por aquela espécie de ingenuidade despudorada do homem. Não saberia exatamente se era asco, se era curiosidade o que sentia diante daquela hediondez. Mas estava subjugada. Se avolumava nela um sentimento tão vivo de maternidade que chegava a lhe doer. E no fundo, sem saber, lhe agradava o sacrifício que o homem lhe impunha de ser ela a se... rebaixar, telefonando a Violeta. E só, quase depois de uma hora de conversa, já então não se podendo mais perdoar a condescendência, é que, já sem buscar pretexto delicado, pôs termo a conversa, batendo o fone com irritação. A telefonista desligara. João, sem vergonha, insistiu, ligando outra vez. Mas a criada lhe respondeu que Maria subira, não podia atender.

João sabia que eles tinham uma extensão telefônica no andar de cima e teve uma raiva grosseira. O despeito o fez de uma impiedade implacável e o dia anterior lhe renasceu no pensamento, nítido, exato, cru, sem dúvidas. Principiou estalidando em agitações de alfinetes, batido pelas memórias do dia anterior, vingativo. Maria agora vinha diante dele como uma mulher safada. Aquilo era uma gambá sensual. O encontro da baratinha era costume velho que ela ainda conseguiria disfarçar por muito tempo, ou pra sempre, se não fosse aquele acaso. E como ela aguentara bem o tranco quando ele mostrou que a tinha visto! que cínica!... Era certo que ela estava bem protegida por detrás, se

Carlos viesse a saber de tudo, ela estava disposta a abandoná-lo friamente, isso via-se. Passava para o amante insistindo com ela que fosse morar com ele. Ainda ontem discutiram muito isso, ela voltara acabrunhada pra casa, indecisa. Indecisa pelo bem-estar que gozava, só. O amante zangara com ela, ameaçara abandoná-la, convencendo-a com beijos no corpo nu e as mãos firmes lhe correndo pelas ancas, pelo ventre curto em curva rápida, Maria se estorcendo de gozo... A enorme volúpia que ela era no escuro daquela castidade aparente... Já pertencera a muitos... Maria apaixonava, mulher extraordinária, conseguindo tudo. Seria preciso quebrá-la, aquela... que fazia de Carlos, que fizera dele, até dele, João, um brinquedo!... Que força!... se rira dele entregando o frescor, o desafiara... Jamais e mulher assim, mulher com força de homem e inteiramente mulher, sublime em feminilidade... Era digna de um amor enorme, de uma paixão que devastasse tudo, passasse por cima de tudo... A tormenta voluptuária em que João se jogara como que amainou de repente. As ideias foram substituídas de chofre por uma imagem apenas que ele se proibia pensar com palavras, claras demais. Era a casa, o sossego, a calma boba, a mansidão morna do lar de Carlos, aquela quotidianidade inodora, sem iluminações... Depreciativamente João viu, nítido viu Carlos de cuecas, usando a tesourinha de Maria, no espelho, pra cortar um cabelinho do nariz. Maria, sentada num tamborete, no canto do quarto, chorava, nua, paga, querendo homens, desesperada daquela vida besta, atirando os braços pra frente, pra... A imagem mostrando que Carlos era indigno de Maria, digna de violências, de estupros, de sujeições brutas, desapareceu de chofre, João ainda quis se salvar, mordendo a mão até quase rasgar a carne. Mas a mordida não venceu o pensamento asqueroso, para ele mesmo asqueroso, de que ele, sim, era capaz de amar aquela mulher nua como ela merecia. O corpo dele estremeceu não suportando a cadeira. João se levantou, foi à janela do escritório, se encostou no batente para ter qualquer qualidade de apoio ao ser. Olhou em frente os outros escritórios monótonos. Uma tristeza muito inquieta, assombrada com a escuridão do futuro, lhe aguava os músculos e o pensamento. João estava desesperadamente desolado, se pedindo, se implorando não pensar mais... Ah, não!... Era claro que ele nunca faria aquilo pro Carlos, meu irmãozinho maravilhoso!... Como ele amava o amigo! daria a vida (se fosse preciso) por ele!... Era uma união antiga, nunca se acabara, vencera os maiores perigos... A moça do escritório em frente veio jogar os papezinhos rasgados na rua, aquilo era carta, segredo. Antes, era preciso defender Carlos, o protegeria contra tudo. Precisava de calma pra resolver como haveria de agir. Maria, essa... putinha se entregando fácil assim, nem valia a pena... João não queria pensar! João odiava o seu próprio pensamento: não! Maria era boa, dava felicidade, aquilo fora uma fraqueza de momento, decerto nem houvera nada, ela fugira com horror... Por isso que estava tão abatida de-noite. Era preciso protegê-la pra salvar Carlos. A noite descia rápida. Hei de proteger Carlos com Maria. O escritório da frente se iluminou demais, ferindo-lhe os olhos úmidos. Isso disfarçou aquela vontade áspera de chorar, raivosa. A moça se enfeitava pra sair, indo ao encontro

marcado na carta. A decisão foi tão perfeita que João com um impulso forte se afastou do apoio. Se apoiava em si mesmo, subindo sozinho do chão. Era preciso proteger. O escritório... Deixara o escritório às escuras, nem que o trabalho fosse por água abaixo, punha-se vigiando Maria, como? Lhe vinham planos idiotas na cabeça. Postado horas, dias, semanas lá na sombra do café da esquina, até chegar a baratinha, Maria, não faça mais isso! Ou então escondido num automóvel lá na esquina, que ela não pudesse ver. Quando ela saísse, ele a seguia, observando. Maria! eu sei de tudo! Até apressou o passo na rua, como se quisesse pegar Maria caminhando no meio dos transeuntes, alguns passos na frente, Maria! não faça mais isso! eu sei de tudo! Era o melhor: uma carta bem calma e bem enérgica ao mesmo tempo, censurando, provando que ela estava agindo mal, mentindo que pusera um detetive atrás dela, ameaçando mesmo de contar tudo a Carlos. Não se importava, era chantagem, (seria chantagem?) mas havia de dominá-la. Ela ficava inteiramente nas mãos dele... Na mornidão daqueles pensamentos que lhe vinham como soluços, entre pausas, aqueceu-o um ardor inquieto. Não via os outros passageiros do ônibus. Mas a inquietação logo se resguardou numa iluminada alegria. Abrira os grande olhos admiráveis, as narinas afiavam (?) muito abertas, a boca entre-sorria parada, em forma indecisa, infantil. Estava num daqueles seus aspectos invencíveis de graça ingênua, lindo para além da esplendor misturado em que, mais que infantilidade, se físico e no mundo interior daqueles olhos como que uma fusão de sexos, dourando a gravidade e a força do homem uma delicadeza feminil. Estava todo escondido em seus projetos de dedicação. Ela rasgaria a carta em pedacinhos, decerto até a engolia pra que não ficasse no chão nem uma palavra que Carlos pudesse ler, descobrindo tudo. Havia de tirar o chapéu, guardar as luvas, não saindo mais. A baratinha esperando. Mas João dominando Maria, tornando-a fiel, as coisas passam até que ela ficasse fiel ao Carlos. As linhas do rosto de João foram se fechando, escuras. Foram descendo todas, e os ombros. Desceu calmo do ônibus, tão lento que irritou o motorista. Estava velho, num abatimento de vasto e tormentoso passado. Não valia mais a pena conquistar mulheres, ter aventuras, pra quê! Fáceis. Todas fáceis. Já vivi muito. Não se atiraria mais pra nenhuma mulher, estava gasto-gasto? Elas é que não valiam a pena... Sempre a mesma desilusão... Se arranjasse umas férias, iria pra alguma fazenda de amigos. Ficava no quarto-de- hóspedes à esquerda. Mas se a casa grande só tivesse um quarto-de-hóspedes e o alojassem lá na casa do administrador. Bobagem! Aliás, iria com Violeta, não podia deixá-la. Mas precisava se fortificar. O que seria bom comer pra que lhe voltassem as suas forças de homem?... Que ar pesado!... Entrou em casa.

NOTAS DE MÁRIO DE ANDRADE

I

Agora analisar o dia mau que Joio passará, pensando Maria no dia anterior enganando Carlos, imaginando detalhes absurdos do *rendez-vous*, partindo d'aí pra detalhes íntimos do corpo de Maria e suas volúpias. Uma primeira tendência de querer se fixar a ideia de que ele gosta de Maria aparece. Ele reconhece que ela é digna de um grande amor apaixonado. Lhe passa depreciativa na ideia aquele amor calmo de Carlos, indigno de Maria, digna de violências, de paixões, crimes. Ele sim, era capaz de amá-la como ela merecia. E afastava logo a ideia pensando que nunca enganaria o amigo, antes precisava protegê-lo. Esboça planos de vigilância em torno de Maria. Pensa mesmo que o melhor é fazê-la ciente de uma vez, que ele sabe de tudo e mandá-la, dominá-la, torná-la fiel ao marido pela chantagem.

II

Quando, nesses pensamentos chega em casa, encontra o ambiente de inferno de Violeta. Maria telefonara. Violeta está diabolicamente alegre, aceitara. Estava pensando de fato que fora impulso de Maria, o que traz de novo João a um sentimento gostoso de cumplicidade com Maria. Aqui seguir na análise de Violeta, terminando em alguns dos seus gestos desagradáveis que fazem João acabar brigando com ela. Vão aceitar. Na manhã seguinte ele quer se chegar ela recusa. João sai desesperado. Se exagera infeliz o desgraçado é ele, tão bonzinho, necessitado de carinho, de amor. A imagem de Maria. E o começa a perseguir a ideia de conquistar Maria. Repensa. A ideia volta.

III

fechando o texto: (Depois agora de fazer o estudo de Violeta, passar duas linhas de reticências e entrar violentamente no furor da perseguição de João contra Maria. Dizer logo de entrada que era o dia do *rendez-vous* de ambos e João estava numa agitação pavorosa. E então entrar na análise dos dias anteriores, carta, da consciência cínica de possuir Maria, a luta entre ambos e enfim o *rendez-vous*). Na verdade ainda está tudo péssimo, tudo horrível carecendo muita modificação. Sobretudo esta última análise psicológica de João tem de ser feita, ao mesmo tempo, com muito mais vagueza e claridade. Isso é que é o difícilimo. João ainda não se dá tento em consciência de que, se atirará sobre Maria, agora que a imagina fácil, que trairá Carlos, que se fará chantagista e procurará obter Maria em troca do segredo. E é preciso mostrar que embora ele não tenha ainda consciência de tudo isso, ele “sabe” que vai acontecer tudo isso e sofre pavorosamente até o ponto de chorar. De repente, mesmo, ele cai num pranto violento, cheio de soluços, convulsões. João implora de si mesmo que não faça nada do que vai fazer, tem ódio de si mesmo, repulsa, que fugir de si mesmo. A ideia do suicídio chega a lhe dar bater nítido na consciência, mas ele

não tem coragem pra isso e por não ter coragem lhe nasce o desvio: suicidar é covardia. Refazer toda essa análise. (Releitura única feita em janeiro de 43 M. A)

ESQUEMA

Estudar por meio de dois amigos íntimos a doutrina de Maraño sobre ser o verdadeiro macho o que se fixa em amar uma fêmea só. Um é assim e o outro um femeeiro inquieto de sua própria força. Ambos casam. Carlos, o macho perfeito, em vida perfeita. João numa vida dos diabos em que Carlos é obrigado frequente intervir reconciliar casal. Um dia João vê mulher Carlos Maria, entrar numa loja numa rua esquisita. Ele do outro lado da rua entre árvores conversando com uma mulher, se esconde pra não ser visto por Maria. Fica escondido e observando, quando vê ela sair de novo, espreitando de um lado e de outro, do fundo escuro da loja, descer rapidamente um véu de enfeite de chapéu sobre os olhos, pôr a mão com um lenço grande na boca e sair rápido. Mas João quase nem tem tempo de sair do espanto, porque ela se dirige rápido pra uma barata particular, entra, e o auto parte. João não pode ver nem o número do auto, na bagunça da rua agitada.

(A mulher de João terá um temperamento como o da H., do M... Incapaz de qualquer gesto decisório, incapaz de viver sozinha. Dá escândalo, finge suicídio, tudo pra prender o João ao menos pela piedade. No fundo é uma conformada).

João fica numa angústia danada, não sabe se deve contar ao amigo, nem sabe aliás com absoluta certeza se se trata de um adultério. No fundo como já está agindo inconscientemente o desejo de possuir também Maria, ele resolve saber alguma coisa. Vai na casa de Carlos nessa noite. Este aparece só. João quer perguntar por Maria, mas alguma coisa que não sabe o que é, o prende. Carlos está preocupado afinal João pergunta o que Carlos tem. Este vai pra contar, hesita, disfarça com uma dor de cabeça. Afinal Maria aparece. Está bastante desfalecida e desagradável, João o sente. Mas ela se esforça por estar alegre disfarça a conversa que afinal acaba se generalizando franca e esquisita entre os três. Então João acha jeito de contar que às duas e meia estava na loja

Martins comprando meias (era a loja em que Maria entrara). Ela empalidece terrivelmente ouvindo e principia tremendo que o queixo batia. As mãos ela agarrara uma na outra pra disfarçar. Pergunta se querem um refresco e vai buscar. Demora que Carlos reclama o refresco. Ela aparece. Outra. Firme, de novo muito bonita e virtuosa. Olha sorrindo com uma pureza coquete pra João. Caçoa com ele. Num momento Carlos a olha temo e meio admirado, tanto que ela está de novo a mesma de sempre, e não a inquieta desfalecida de há pouco. Quando João se despede no portão os dois entrando, ele escuta no silêncio da noite, Carlos perguntando pra ela “Você melhorou?”. Maria começa com

pequenas atenções namoradeiras pro João. Luta deste, meramente exterior, porque no fundo fatalmente ele traía o amigo. Faz mesmo os primeiros avanços. Afinal *rendez-vous*. Mas quando ele vai abraçá-la, ela cai na cama chorando, pedindo perdão, que não, que ela não traía o Carlos mais uma vez. Aceitara o *rendez-vous* apenas pra explicar o adultério que João sabia pois a vira na casa Martins. Fora um único, uma única vez, e assim mesmo para evitar um mal maior, que o sujeito estava se tomando tão insistente que Carlos logo perceberia. João perplexo, agarra agora em querer saber se houvera ou não adultério, coisa que ela deixara vago. Ela chora, jura que não, fora só se explicar, de repente para e confessa que sim. Mas jura amar Carlos, pede a João que a proteja, que fora uma entrega de corpo apenas. Na verdade Maria, que amava Carlos sinceramente, principalmente com as lutas do casal João-Violeta, vira nascer nela uma curiosidade pelo adultério, um certo desprezo por Carlos que tinha confiança nela e raiva por ele que a dominava completamente com o seu esplêndido ser de macho forte e fixado. Fora uma espécie de vingança da sua feminilidade. João sai avacalhadíssimo da entrevista. Não possuía Maria e aquilo lhe dava uma noção do seu enfraquecimento sexual. Praticara todo o crime de trair o amigo, (com o adultério e a traição a Violeta já se acostumara, não tinha o menor remorso), fora canalhado máximo e... não aproveitara. Mas era sobretudo o não ter possuído Maria que o irritava no seu sexualismo inquieto. Se sentia diminuído, ridículo. Percebia que nos avanços de Maria, houvera apenas intenção de obter a cumplicidade dele no adultério que ela fizera, pois agora ele era culpado também e nada podia contar pra Carlos. Fora de todo em todo ludibriado. Quanto mais sofria com tudo isto (e estava num inferno) mais desejava Maria. Resolve possuí-la de qualquer forma. Vai com Violeta convidá-los pra um cassino. Maria está em pleno idílio com Carlos, e ele observando aquela puta falsa tem ódio e fome. Toma-se inconveniente, aperta-lhe a mio por baixo da mesa, toca-lhe a perna, Maria insensível, Violeta percebe e principia dando mostras de mau humor. Maria de supetão convida o João pra uma dança, conversa horrível durante a dança, ela o chama de cão, covarde, implora, chega a ter duas lágrimas nos olhos, iminência de escândalo; ele cego, insistindo noutro *rendez-vous*. Noite terrível que todos acabam com mau humor. Cena em casa entre Carlos e Maria, ele a domina com algumas palavras fortes, e tudo acaba numa posse plena de que ela sai perfeita, completamente feliz, sem o menor desejo de trair. Ao sair pro trabalho, dia seguinte, Carlos a sente tão virtuosa, tão dele, que olha pra ela, sorri, dá-lhe uma bofetadinha de pazes na cara, “Criança!”.

No negócio, refletindo, Carlos resolve que a coisa assim não ia bem, não lhe era possível tirar nenhuma conclusão baixa a respeito do João, amigos de infância. Leviano, femeiro mas não canalha e nem monstro. Larga do trabalho, telefona e vai falar com o João. Este no seu trabalho, está grudado ao telefone, do outro lado está uma mulher. Carlos na mente se inquieta, Maria?... João inda continua uns minutos depois diz, “bem, meu amor, agora chegou aqui o Carlos, eu meu

alter ego, sim, meu amigo íntimo e já está esperando há cinco minutos. Queres que lhe conte quem és? Breve te decidirás, não! Ora, sim, não canso. Adeus? Não, jamais direi adeus, até breve.” Carlos um mal-estar danado. Mexe a cabeça desaprovando. Seria Maria? Não era possível. Mas tudo o que queria expor francamente ao João e censurá-lo pela atitude da noite anterior se dissipou. João aliás conta de uma conquista estupenda que está fazendo, a do telefone. Está tão inocente, tão alegre, Carlos não pode duvidar dele. João não é canalha. Ficam em palestra. Carlos acaba perguntando quem é a conquista desta vez. João diz francamente é fulana de tal, casada com tal. Telefonam. Carlos atira-se ao fone. Quem fala? — João está — Está, quem quer falar com ele — É fulana (exatamente o nome de batismo anterior). João fala com ela, mas há um quê na conversa que não parece ser continuação da mesma mulher anterior. Toda a conversa de Carlos com João deve ser longa de duas horas, mostrando a dubiedade e o sofrimento. Sobretudo tom de angústia, pois parece que vai haver luta e assassinio. Aliás Carlos está envergonhadíssimo do jeito que fez, e se lembrando que Maria não haveria de telefonar, ela era séria. Nem bem acaba a conversa no telefone, este tilinta outra vez. João pega no fone e ao seu “Quem fala?”, instintivamente olha pra Carlos. Carlos tem a noção absolutamente certa do que é Maria que está do outro lado. João gagueja um pouco, diz que não ouve, que há linhas cruzadas, que telefone outro dia, que está muito ocupado. Carlos estarecido. E do outro lado era Maria sim. João depõe o fone. Novo sinal. João quase se atira pro fone. Mas Carlos não faria um gesto mais, sabe que é Maria. João ouvindo, bate irritadamente com o lápis na secretária pra fazer barulho, temendo que a voz no telefone fosse ouvida por Carlos. João acaba dizendo pra voz que deixasse de brincadeiras. Depõe o fone e comenta com Carlos as brincadeiras pelo telefone. Mas Carlos está vazio. Tem certeza. É um sofrimento tão horrível, a quebra de um amigo que ele ama, que era como seu filho, a quem protegia, e a quebra de um amor, ódio, desejo louco de Maria, que era um pouco desejo louco de si mesmo. A conversa não avança. Carlos acaba confessando que se sente mal, João se inquieta, insiste em levá-lo pra casa. Carlos não quer, acaba cedendo, ama o João, seria um canalha? tem certeza, certeza do quê? tem certeza. Na porta João quer descer do automóvel com ele. Carlos quer mas fica horrorizado, Carlos queria ver os dois juntos, perceber tudo neles, ter certeza palpável da sua derrota, Maria, que horrível sofrimento, mas não sabe o que fará vendo os dois juntos. Tem ódio de Violeta que não se revoltara, não matara o João. Pensa em matar. Não sabe o que fazer. Toma-o uma covardia violenta pelo crime e decididamente proíbe o João de descer. Quando dá uns passos na calçada, João desce do automóvel, se abraça com Carlos na tardinha escura de inverno, quer falar, mas tem a voz embargada, lágrimas nos olhos, pula pro automóvel, parte arrebatado. Aquilo era uma confissão. Confissão do quê? Carlos ainda se agarra à amizade pra dizer que João fizera aquilo pra pedir perdão pelas leviandades da noite anterior. Não passara de leviandade. Maria é que não tinha culpa. Maria era só dele. Maria não telefonara, era impossível! Entra. Maria não está no *hall* como sempre. A

criada diz que não sabe, de certo ela estará no terraço. Mas Carlos não a via no terraço. Sobe. Vai encontrá-la no quarto, estirada na cama, chorando. Maria tem um susto quando o vê. Se recolhe na cabeceira como uma jaguatirica acuada, ao passo que Carlos avança. Está desvairada, há tal brilho de loucura, tanta ameaça, tanto choro nos olhos dela que ele para.

— Que é isso, Maria? Há censura branda, há um sofrimento masculamente profundo na pergunta. Há proteção também, uma infinita piedade. Maria estende os braços pra ele. Ele se chega, ela o agarra com tanta força que ele quase cai. Senta na cama, ela o enlaça, o sufoca de beijos pelo rosto, mãos, pela roupa, num despudor sublime, não o largará mais, não o largará nunca, e acaba escondendo o rosto em pranto soluçante junto ao sexo frio do seu homem. Carlos duvida. Carlos hesita. Não sabe o que pensar, surpreso, meio que horrorizado quer erguê-la, ela se agarra louca e apenas com força ele consegue virar-lhe o rosto, desagradado de vê-la na posição subalterna de volúpia em que ela está. Conseguiu virá-la. Porém Maria fecha os olhos de que escorrem grandes lágrimas, não quer ver Carlos, afunda-lhe no ventre o rosto, novamente. Maria está afrouxando enfim. Carlos consegue soerguê-la nos braços, cruza as pernas fazendo um colo mais cômodo onde deposita a cabeça já agora largada de Maria. Ela soluça fortemente, chora desesperada, numa inquietação que Carlos vagamente imagina um histerismo. Porém Maria jamais tivera dessas coisas... Carlos não fala nada, procura acalmá-la primeiro. Pesa-lhe uma das mãos sobre o ventre, enquanto com a outra lhe alisa os cabelos convulsivos. Não pode pensar. Repara coisas do quarto. Não pode pensar. Maria se acalma. Carlos com preâmbulo de bom senso em que há tristeza, e piedade ao mesmo tempo, mostrando a ela a necessidade de esclarecerem tudo, que não zanga, apenas quer saber o que há, defendê-la proteger a felicidade de ambos, etc., pede, suplica a ela que conte tudo direitinho. Ela recomeça a chorar, mas agora é choro de criança, uma inocência ressurgia, uma virtude casta, ela se aninha nos braços de Carlos, se ajeita, deita-lhe a cabeça no ombro, beija-lhe o pescoço e acaba apertando contra o rosto a mão dele. Carlos insiste em saber o que há. Ela vai lenta contando que tem sido muito desgraçada, que João a persegue. Aqui separa-se de Carlos, ajoelha ao lado dele e fala acaloradamente. Não refere a traição da Casa Martins mas começa a contar que João a persegue desde muito. Conta a entrevista que concedeu pra desiludi-lo de uma vez (tudo sem a menor referência ao adultério dela) que não se entregou, foi forte. As perseguições seguintes (meio fantasiadas). Carlos interrompe: — Mas porque você não me contou há mais tempo? — Eu tinha medo. — Mas não foi pior, Maria, todo esse sofrimento? Maria conta detalhadamente a noite anterior, Carlos cada vez mais odiando João, está decidido a matá-lo, esbofeteá-lo, o assassinio o horroriza, como João a apertara por baixo da mesa que ela acabara convidando-o pra dançar, pra uma última vez desiludi-lo. O que conversaram a insistência dele. E hoje, que ele passara o dia telefonando pra ela, ameaçando até, mas que ela ia no telefone porque ele

ameaçava fazer escândalo com a criada. Carlos se lembra que Maria é que telefonara, então não fora ela, mas Carlos esfria gradativamente. Examina Maria. Há um quê de bem contado demais naquilo tudo. Um quê de invenção. Interroga. Ela responde sem hesitar que ele telefonava de poucos em poucos minutos. Carlos já quase tem certeza da mentira, pelas duas horas quase que estivera no escritório do amigo. E Maria acaba dizendo que poucos instantes antes de Carlos entrar João telefonara pela última vez insistindo. Agora Carlos tem certeza de que tudo o que ela diz é mentira. Uma cólera insana. O amigo era bom. Tanto que o abraçara chorando. Era de piedade dele, Carlos. (No seu machismo Carlos se agarra ao que lhe sobra. Sua posse é o amigo, pois que agora tem certeza que Maria o engana). Carlos empurra violento Maria que junto à borda da cama, perde o equilíbrio, cai pra trás, batendo com a cabeça no chão. Dá um grito e fica desacordada. Carlos se ergue horrorizado, corre pra ela com a noção exata do crime, porque o gesto fora pra matar. Um fio de sangue escorre no assoalho. Um grande amor, uma piedade, uma desesperada noção de perda fez Carlos se atirar pra Maria, recolhe-a. O sangue corre do crânio fraturado. Socorro! enquanto a depõe na cama. Chama a criada, do alto da escada. Manda que chame o médico. Maria volta a si na cama ensanguentada. Se abraça com ele. Criada chamou médico e João. Vem João com Violeta primeiro. Mas Maria antes pedira perdão. Carlos perdoara sim, tudo passou Maria. Ela sorri e desmaiara. João e Violeta afobação. Parecia que nada havia nem houvera entre aquelas *QUATRO PESSOAS*. Só se preocupavam com os desmaios de Maria. De resto nada havia mesmo. Maria é que era a ruim. João não traíra nada, Carlos tinha a certeza. Médico, médico da família. Maria volta do desmaio. — Eu estava brincando e cair pra trás. Desmaia outra vez. Hospital. Agora os dias de espera. Todos unidos. Ameaça de meningite. Carlos remorso de não se confessar culpado, mas é que tem a esperança de Maria sarar. Não a odeia, mas tem-lhe quase horror. Pouco ela pode falar e a enfermeira alemã é uma fera. Maria insiste em pedir perdão. Conta uma série de histórias pra Carlos, que não se sabe (nem eu, autor) até que ponto são mentiras. Confessa o adultério da Casa Martins. É sinceríssima e pede perdão. Carlos diz que perdoa, mas é pra evitar agitação dela e a meningite. (Ela agitadíssima aliás) Mas Carlos lembra a última mentira dela, não acredita no adultério da Casa Martins. E aquela desgraçada não sabe que ele a pegara mentindo, pra se desmentir e esclarecer tudo puramente. João não pode entrar no quarto que ela dá mostras de asco por ele. Ele aliás não insiste. Está num inferno de remorso por dentro, desconfia vagamente que houvera alguma cena trágica entre Carlos e Maria. Mas Carlos não conta, mudo, sofredíssimo, num vazio interior pavoroso. Só o que tem é a presença do amigo. Pede a João que não o largue, João não larga, mas sofre mais. E tem horror de si mesmo, de sua covardia, mas se justifica dizendo confessar o quê? Maria não é uma adúltera? E a casa Martins?... Vem a meningite e Maria morre santamente suavíssima só chamando Carlos em longas horas. Carlos tem verificada a morte, uma explosão de sinceridade. Fui eu que a matei! João põe-lhe a mão na boca enquanto todos

interpretam aquilo como delírio de desespero. Têm dó dele. João o afasta dali, leva-o pra casa, deixando o enterro pra outros cuidarem. Em casa Carlos confessa tudo. João não tem coragem pra se confessar, e aliás agora quer é salvar o amigo, protegê-lo de inúteis complicações com a polícia, etc... Age, raciocina junto com Carlos, não o larga e tão apaixonadamente fez tudo que consegue Carlos guardar seu segredo consigo e partir pra uma viagem longa pela Amazônia. Fim: análise de João. Está uma ruína. Nenhuma ilusão o anima. Arrasta uma vaga (repudia isso, mas o pensamento volta) inquietação de si mesmo, um vago despeito por não ter possuído Maria. Isso o horroriza, mas é fatal, é certo que a deseja. Por ela? Não. Carlos contou as mentiras dela a João é incapaz de explicá-la e tem um forte horror dela. Uma doida. E Carlos? João sente um desgosto profundo de si mesmo, porém não chega mais a ter remorso, não pode repelir mais um tal ou qual desprezo por Carlos. Um assassino, guarda um crime na consciência. Mas é em vão que João se dá essas razões pra desprezar Carlos, na verdade é Carlos, Carlos inteiro, o homem admirável que ele despreza. O homem admirável mas que não entendeu nada. Vagamente percebe que era impossível a Carlos entender, só com os dados que tinha, mas João no íntimo, um desmantelado como é, exige que o homem admirável entenda tudo mesmo sem dados, pra perseverar admirável. E João não pode admirar Carlos, afinal das contas com um segredo de crime dentro de si. Protegido por ele, salvo por ele, João! João quase ri de tamanha mas de tão trágica anedota. O Carlos, era o homem forte, perfeitamente admirável, é ele, João um safado de um covarde, um inquieto sexual, um amigo traidor, quem protege. João quase ri, quase soluça.

17 e 18 de fevereiro de 1939.

NOTAS PARA O ROMANCE

1 - CARACTERIZAÇÃO DAS PERSONAGENS ISOLADAS

CARLOS

QUATRO PESSOAS

Quando Carlos imagina alguma coisa haver entre João e Maria, lhe surge instintiva e feia, a ideia de vingança, trair com Violeta. Afasta enojado a ideia. A ideia de fato é afastada, mas ele tem uma vaga sensação irrefletida de que com Violeta é que deveria ter se casado. Os dois é que fariam o casal firme e certo pra vida inteira, descansados em sua covardia de progredir. Eles fariam o par honesto e inviolável, erguido de seus passados inferiores à calma pasmaceira de uma burguesice feliz e sem outra finalidade que o recato e a defesa de si mesma. Filhos. João e Maria esses fariam um casal louco, de aventuras de crimes, de incertezas e traições, jogado na decadência da sua aristocracia sem sangue nem nada. Nem tradição. Nem nada felizes na irregularidade de seres péssimos, aristocráticos. Sua vida com Maria não teria sido uma longa e feliz vingança?... Não. Carlos não pensava nada disto não. Ele apenas via quatro sucessões de imagens paralelas. Em cada sucessão as imagens correspondiam a um só deles. Se via a si mesmo em pé e calmo numa sala meio escura, ou então sentado no escritório trabalhando, ou numa varanda lendo ou num concerto ouvindo música... noutra sucessão era Violeta, calma, sentada numa casa; ou num jardim passeando entre crianças; ou servindo um chá para visitas. Outra casa que não a em que se via, outros jardins e crianças. Noutra sucessão, mais rica de imagens, tumultuosa em seu desenrolar de angústia, imagens que ele fazia o impossível por desviar e não podia, era Maria rindo muito, meio bêbeda, entre homens; depois numa corrida violenta de automóvel grimpendo Gávea acima; noutra ela vinha num vestido preto de festa, maravilhosamente enfeitada de joias; noutra com outros homens de casaca em torno. E na outra sucessão na mais acarinhada e vingativa João sofrendo, João gozando, numa roleta que o levaria à ruína; ou entrando em alcovas furtivas, ou viajando a bordo de aviões internacionais com uma mulher que ele não conseguira distinguir bem porque estava olhando pela janelinha da máquina; e noutra recebendo títulos de nobreza com o retrato do avô por detrás. Aquilo o angustiava. Eram quatro sucessões paralelas, paralelas inflexivelmente, jamais se encontravam. Mas por aquela invencível precisão de associar pra compreender, pra delimitar, pra fixar, as paralelas por si, se juntavam duas a duas, era horrível, se juntavam duas a duas, se completavam, se davam sentido íntimo assim aos pares. E os pares não eram os reais? A sua própria imagem se associava a sucessão de imagens de Violeta, e a de Maria a de João. Casais indistintos, não confessados, mas invencíveis na ligação das paralelas, um

calmo, firme, indo até a morte, outro dourado, desgraçado, vibrante, traiçoeiro, depravado criminoso. O que não era o dele. E era horrível.

QUATRO PESSOAS

Numa das análises de Carlos já em pleno período ebulitivo do drama fazer ele perceber que se tinha sempre agido com seguro discernimento e energia até então era porque a vida, não tanto lhe fora fácil, fora sim, mas não era por isso, mas antes porque fora feliz. Já na morte do pai o tomara uma primeira indecisão menos nítida e importante. Mas agora se tomara da maior incerteza, qualquer decisão lhe parecia falsa ou errada, hesitava. Estava literalmente insolúvel. E então salientar que ele sentiu que lhe faltava alguma coisa no ser, não na (trecho inutilizado, papel rasgado) intelectual exatamente, mas no organismo do ser completo. Lhe faltava uma tradição de séculos, de raça, de história humana e experiência psicológica. Enfim, sentia que mesmo agindo errado, mesmo escolhendo o pior caminho, mesmo se tomando um criminoso passional (por exemplo!...) os seus professores franceses lá do ginásio ou o judeu inglês que lhe vendia os discos, agiam movidos por uma força superior a eles, que lhes caracterizava até... isso, até a própria indecisão. Teriam indecisões... realmente indecisas. Ao passo que ele, o que ele tinha meu Deus! ele era apenas um caos.

QUATRO PESSOAS

Carlos (refletindo sobre si mesmo durante a doença de Maria) Ele se percebia um derrotado e com todas as suas forças, suas energias e suas predisposições para o bem, ou melhor, para o bom ele fracassara. Ele era um homem vivido de formas degeneradas da vida. Em realidade não tivera, jamais tivera leis nem normas, ele tinha um direito de livre escolha, e se as suas normas foram para o bom, de nada tinham valido porque o princípio feraz de livre escolha se confundira naturalmente nele com os instintos. Sim os instintos eram bons, talvez eram bons (seriam mesmo todos bons? ele se pensou de repente, hesitou, ficou sem vontade de se responder, agoniado e exausto) mas haviam necessariamente que fracassar porque não tinham base num mundo, antes o mundo em derrocada onde se manifestavam ignara e ignavamente os seus instintos bons, era outro, era contra ele, um homem contra um mundo. E o mundo foi mais forte. Se ao menos ele fosse um não conformista, um revoltado, um de-qualquer-forma revolucionário...Mas não fora nada disso. Ele vinha também de formas dissolutas e já inermes de vida, era um ricoço que se limitara a gozar o seu dinheiro. Sim, era um bom, fizera sempre uma forma caridosa, antes caritativa, quase supersticiosa de bem. Fora um monótono vital, acomodado em sua monotonia. E o mundo o derrotou, derrotou ele. Numa

raiva desesperada, angustiada, irreparável fez que até as pernas dele se mexessem como gritos físicos. Ficou imóvel outra vez. Maria o traía. A felicidade se acabara. Se ao menos ela vivesse, talvez ele perdoasse, viria um grande esquecimento e possivelmente alguma espécie nova de felicidade. Não a grande, a burra a ignara felicidade antiga. Mas uma felicidade...mais triste, uma felicidade mais infeliz, mais humana. Carlos até sorriu deste amargo e desolado aperfeiçoamento. Mas Maria estava morrendo. E lhe veio um rápido, afastado contentamento dessa morte que o salvava de tantos problemas futuros. O seu desapoderado egoísmo, o que havia mesmo de mais repulsivo em sua falsa grandeza reagiu e venceu fácil. Não. Carlos não teria jamais coragem e nem sequer vontade para lutar e para se afeiçoar a uma existência mais coordenadamente real. Lhe veio a imagem do amigo, suave, como um recolhimento freirático, sempre o desapoderado egoísmo, em que o seu instinto de força, de posse, de domínio podia descansar. Restava-lhe o João, que por um pouco não perdera com as intrigas desvairadas, coitada! de Maria. Lhe veio um impulso voluptuoso de se dedicar pelo amigo, andar com ele mais, o proteger, lhe dar dinheiro. Mas logo se recatou naquela sua severa e natural energia. João estava mesmo deplorável. Enfim, depois ele veria o que era possível fazer pelo amigo. Ergueu-se mais uma vez, foi ver Maria dormida. Na entre-sombra Maria estava se movendo levemente. Abriu os olhos largamente, fechou-os outra vez, como se não reconhecesse Carlos, franziu a testa. Carlos inquieto apertou o botão da campainha, chamando a enfermeira da noite. A enfermeira entrou, saiu rápida. Pouco depois voltava com o médico de plantão. (Aqui Maria entra em transe de morte e morre em poucas horas).

QUATRO PESSOAS

Carlos num momento dado diz ao João que ele, Carlos é burro. Provar que não é.

QUATRO PESSOAS

Despedida Carlos-João.

Porque não se escreveram mais um em S. Paulo outro no Rio. Porque acabou tudo. O homem sente necessidade de homens junto de si, mas raro deste ou daquele tal homem. Há um “egoísmo” violento em nós que na infinita maioria dos homens nos dá uma enorme desligação afetiva e verdadeiramente a amizade é um sentimento raríssimo que poucos têm. Pessoas com quem convivemos um tempo intimamente, a quem nos confessamos em tudo o que somos, que temos enorme prazer espiritual e até físico de sentir presentes, eis que partem e tudo se acaba fácil. Podemos de longe em longe pensar nelas com

carinho, com afeição. Porém mesmo este carinho, esta afeição, esta lembrança percebemos que desnecessária em nós. É antes um momento de fraqueza, um depauperamento momentâneo do ser, que uma força moral exigente e imprescindível. E, se temos a coragem de nós, nos esquecermos com energia desses amigos íntimos da véspera. E se não a temos a nossa vida se sentimentaliza protocolarmente desperdiçadamente numa sáfara troca de cartões postais. Cartas que sejam as formas de correspondência, a verdade mesma dela é a mesquinhez miserável do cartão postal: “saudades”. Uma relembração inútil em que não é a gente que se agarra para conviver, viver com: ela é que se agarra a nós feito carrapato. E coça. Coça pobremente. Às vezes a correspondência se alteia ao domínio das ideias. Então a mantemos nutridamente, com afinco apaixonado, mas então não mais amizade, o valor humano de viver com, mas o nosso egoísmo de saber. E a correspondência tem pra nós o mesmo valor educativo do livro, da revista.

JOÃO

QUATRO PESSOAS

Notar num momento a propósito que João, apesar de todos os pesares tem o sentimento da fidelidade, uma que saudade do sentimento de fidelidade. E ele realiza, mata essa saudade com a esposa. Se a conserva será por preguiça, egoísmo, comodismo. Porém resulta da conservação dela uma satisfação intensa da permanência de um amor, de uma qualquer fidelidade.

QUATRO PESSOAS

Nas justificações de João sofre a sua atitude moral, fazê-lo dizer inventadamente no rojão da controvérsia, ou contar que ele inventou esta fórmula que ele considerava profunda: “O homem é essencialmente poligâmico ao passo que a mulher é monogâmica”.

QUATRO PESSOAS

Justificar João em alguma parte mostrando que ele era um destino errado. Jamais conseguira se fixar nas suas exatas tendências. Inteligência esplêndida, cerceada no princípio pela revolta contra o ambiente familiar, e a própria fraqueza física. João teria sido feliz na política, no jornalismo de tendências sociais, lustrando-se de literatura, e apenas das artes da palavra. Mas lerdo em se desenvolver (inteligência de paulista), obrigado pelas condições financeiras a se fixar no emprego público (federal) dera naquele insatisfeito teorista político

de cafés e jantares, vagamente, fatigadamente falando às vezes de Proust, e femeeiro irreduzível. O instinto de vencer e conduzir as massas se resumira naquela merda mesquinha de conquistar mulheres.

João acorda.

Evocar o que ele sentiu antes.

Dar em seguida ele acordado principiando a pensar no noivado.

Nunca que tivera intenção de casar, está claro.

Queria criar atmosfera de confiança e conseguir o estupro.

Mas no momento está fatigado. Na verdade continuando assim no enlace puro (aparentemente puro) ele cria em torno de Violeta uma atmosfera quente, entorpecente de sensualidade, em que ela é quem faz os primeiros avanços. Ela se vê jogada no mundo de sortilégio. Desconfia mas não tem direito de desconfiar de tal maneira João pressupõe o casamento. Fica tão angustioso, ela se vê tão próxima da queda que foge.

Mas todo o ser psíquico lhe doía com uma agudeza fria, metálica.

QUATRO PESSOAS

João em qualquer momento estoura junto do Carlos e diz: E afinal das contas tudo isto vem do quê? É destas verrugas que não me largam! é horrível! é horrível!... E se põe a contar o que tinha sofrido com as verrugas. Aos treze anos apareceram quatro, cinco nos dedos e aquela pequenininha na narina. Os esforços que tinha feito pra acabar. As operações, as superstições, nasciam outras. Teve medo de operar a do nariz com a lembrança de que podiam nascer outras na cara em lugar pior. Ali onde estava ainda disfarçava mais. Mas cada pessoa a que era apresentado, logo percebia que ela olhava pro nariz dele e se sentia tão avacalhado. Quisera ser esportivo, tinha até um corpo regularmente bonito, mas os rapazes de esporte caçoavam tanto das verrugas dele desde os treze anos. Quando brincavam, faziam de propósito, era segurar ele nas mãos que ele ficava inerte, com medo de machucar as verrugas, elas arruinariam e ele iria morrer. E doíam muito. Às vezes a do nariz, nas gripes, nos defluxos, ficava latejando, avermelhava mais e doía. E ele pensava que ela estava maior, de certo que incharia, criaria pus, e ele tinha um medo horroroso. Deixara esportes, aos poucos deixara qualquer interesse maior, uma carreira importante. Uma posição ilustre, por causa das verrugas. Em S. Paulo usara sempre luvas no inverno e até as usara no verão. Mas as condições sociais

desabusadas daqui tornaram inda mais ridículas aquelas luvas e as abandonara. Os subterfúgios, principalmente diante das mulheres. Mãos nos bolsos. Não gesticular. Usar creme na verruga do nariz. Mas pouco podia se exaltar, falar um pouco mais longamente nas conversas, discutir porque logo percebia a roda toda olhando para ele, imaginava que a verruga estava se avermelhando no calor da fala e todos estavam olhando pra verruga dele. Chegava a pensar em lepra, sabia que era estupidez, mas chegava a pensar, não podia, o pensamento tomava conta dele. Violeta, coitada, era muito boazinha e sabendo daquele sofrimento dele, nas conversas vinha e beijava as verrugas com doçura, mas era horrível! era horrível!

João contando sofrimentos que deu a mulheres e não gostar nada de Violeta e cinismos seus, fez esta reflexão: Mas o que me dói mais é eu não ter me compreendido a mim mesmo, nisto tudo.

Uma vez abandonou Violeta por outra, brilhante e linda, com quem foi viver. Mas sustentava Violeta e de vez em quando, completamente saciado fisicamente com a outra, ia sorrateiramente ver Violeta e sentia que ela estava querendo amor. Não era ele não, jurava, era ela. Então a tomava nos braços e a satisfazia, mas jurava, que era só por solidariedade. Via os jeitos dela. Até nem se movia da sua cadeira, mas ela estava querendo ele. E depois era mesmo dela que ele gostava. A outra era muito melhor. Mas não se tratava de melhor nem pior. Era de Violeta, que jamais ninguém o tratara com a dedicação, aquela atenção servil de Violeta, era dela que ele gostava mesmo, e então a satisfazia pra mostrar que estava solidário com ela. Aos poucos, com a lição do abandono, lhe viera a certeza que numa reconciliação: Violeta se consertaria dos defeitos. Voltara ela porém, voltara aos defeitos com toda a naturalidade. E se arrependia ele de ter voltado, porque agora tinha a certeza que não gostava dela mesmo. Porém hesitava em largar dela outra vez.

MARIA

QUATRO PESSOAS

Maria tinha coisas. Como, às vezes pensar que não podia respirar mais, ia morrer de falta de ar. E então retinha a respiração até o martírio. Quando não podia mais, isto é, mesmo quando o organismo lhe dominava a impensada verdade, só então ela respirava e continuava a viver. Mas sempre lhe sobrava um resquício de despeito por ter voltado a respirar.

QUATRO PESSOAS

... E essas mulheres brasileiras... pois é, só ainda existiam conforme a força, a identidade dos seus homens. E quando se esforçavam por se libertar, em vez de avançar, retrocediam, não ficavam mais que fêmeas. Pra não dizer mais que putas.

VIOLETA

QUATRO PESSOAS

Aquela ligação íntima do pensamento entre o passado e o presente. A contribuição, o disfarce, o perdão, a explicação que as imagens evocadas da infância e da adolescência trazem à vida presente de cada um, nada disso havia pra Violeta. Ela não tinha passado, não tivera infância, não tivera adolescência. Não é que não se lembrasse de nada. Afastara tudo como se fosse um crime, o pai, a mãe, as crianças na rua, a fábrica, eram nódoas medonhas, que ela afastava da lembrança com tão instintiva defesa do seu “melhor” presente, ou antes do presente que ela desejara e tinha, que ela afastava tudo da lembrança como se realmente nada tivesse existido. Era uma existência nascida aos vinte anos. Atrás era um vácuo escuro, horrível, pavoroso, uma nódoa medonha, ingrata, vil.

QUATRO PESSOAS

Uma das vezes em que tratar de Violeta contar que ela tem horror de falarem João e amigos (Carlos) de uma visita às velhas cidades mineiras. Nunca mais ela escrevera aos seus, cortara qualquer ligação com o passado, e embora não tivesse ninguém referido o lugarejo em que ela vivera, a simples ideia de passar por lá, de encontrar uma antiga conhecida no trem, a horrorizava como se fosse a perda total do bem que ela conquistara. Fazer então uma evocação do largo da matriz colonial, só por fora, com o ar de Minas, mostrar a beleza do passado, o gostoso do frio seco e das gentes altas e magras, tudo o que era infinitamente repulsivo agora a Violeta, e ela sequestrada tão violentamente que mesmo quando os conhecimentos novos, no Rio, as amigas novas lhe perguntavam donde era, embrulhava, disfarçava e fazia o possível pra não dizer que era mineira. Minas a enchia de uma vergonha despropositada, tinha quase a sensação de que era crime ser mineira e não dizia. De uma feita mentiu francamente que era paulista, mas isso lhe deu logo em seguida um tal medo do João, que desfez logo, com aquele seu dom certo de ser antipática quando queria, à amizade que estava construindo.

QUATRO PESSOAS

Violeta — Observar que Violeta nas suas revoltas e na sua passividade é um ser feito de cálculo e paixão ao mesmo tempo. Ela é uma calculista, uma “rusée” bastante fria, que defende a todo custo a sua calma pessoal, e o protetorado do matrimônio que conquistou. Parte da sua incapacidade vital, que a faz não tomar remédio, se doente, enquanto João não comprar o remédio ou chamar o médico; que a faz ser incapaz de comprar um vestido sem a opinião do João, etc., tudo isso que é real, é também cálculo, o exercício espertalhão calculista da inércia que a torna um ser infinitamente pequeno digno de carícia e proteção, que ao espírito naturalmente carinhoso, protetor e dominador (de mulheres) do João são jogos infalíveis para a recusa de um abandono final. Noutras coisas, úteis ao João, ela é uma mulher forte e capaz de agir por si, como no ter sempre mesa posta e agradável pra ele, indo ela mesmo comprar o melhor e descobrindo por si o mais barato. E principalmente na doença grave que ele sofreu e em que ela se transfigurou tão masculinamente, com tão esplêndido, iluminado devotamento, que seria impossível determinar em tão sublime mulher o que entrava então de espírito calculista e defensivo. Se é certo que ela se horrorizava imaginando na possibilidade do João lhe vir a faltar, ou despegar-se dela, com efeito será possível uma determinação exata de até que ponto estes elementos não fazem parte intrínseca do amor?... mas havia momento em que, o seio amplo da sua passividade transbordava e ela perdia a paciência. Eram então os escandalosos estouros, descontrolados, públicos, em que ela sempre, sempre pelo seu detestável espírito de cálculo, agia de forma a implicar a presença de um terceiro. No estouro a dois, era possível o João quebrar todas as amarras do momento e quem sabe? não voltar mais. Um terceiro ela sabia, acovardava o João, despertava nele o seu instinto de sexo e proteção, e a economia vital — uma espécie de compromissos a que ele era incapaz de fugir na sua lealdade espontânea, mais instintiva que verdadeiro traço de caráter. As explosões de Violeta eram sempre naturais, lógicas, justificadíssimas. O transbordamento lhe denunciava a reserva admirável d’paixão, com que, tantos anos passados depois dos primeiros amores, ela era sempre uma mulher providencial, fornecedora de incontáveis prazeres de amor, em que numa torrente de volúpia e castidade, ardor e recato, se denunciava a figura perfeita da Esposa e jamais o fastídio transitório da concubina. João nunca que a deixaria, porque o prazer que ela lhe proporcionava era, sim, era santo, era uma volúpia, uma sexualidade religiosa, uma sexualidade legal, social, da mais intensa verdade humana. E era com essas forças todas, consciente das amarras que ela às vezes se desesperava contra esse “perdido”, esse femeeiro irreduzível que ignorava a felicidade na satisfação indisciplinada das suas vaidades pessoais. Estouros violentos, brutais e envergonhadores e cacetes como o da tentativa de suicídio, de que o João saía com uma enorme raiva dela. Percebendo com clareza que havia qualquer coisa de baço em Violeta, de banal, de boçal mesmo. De uma violenta estupidez. Mas havia sempre mais alguém presente, ou chegando, que implicava nele o seu dever de esposo. Era malícia

dela? era cálculo?... Era também uma vingança, de que ela se agradava fazendo o João sofrer. Porque também isso havia nessa mineirinha vertiginosa, ela enrolara toda a existência do João, num vago, muito vago sofrimento! A vulgaridade de Violeta, a sua incapacidade em progredir na vida, o seu conformismo irreduzível: faziam parte de uma vingança de que ela não se dava bem conta, uma subalternidade reconhecida e aceita que ela sutilmente transformava numa vingança de ser mulher. Que mundo de inversões e de mistérios naquele corpinho escuro, dominado por uma carinha reles, de olhos profundos e baixos! Às vezes lhe vinha à lembrança aquela resolução fragosa com que em noiva ela se entregara ao João. O que isso lhe custara de choro e medos, os dias que passara à espera dele voltada para as montanhas da sua cidadinha mineira, não se pode imaginar. Fora um suplício incomparável, de que o próprio João não se dera conta jamais. Sim, era um compromisso enorme, que tomara com ela o moço de S. Paulo, a grande capital. Só mesmo uma coragem espantosa é que, no entanto, poderia prender aquele moço que escolhera para si e que não tinha presilhas morais ou facilmente se esquecia dela. E então voltou para o interior da sua Minas esperar. Ele viria? Era impossível ter uma certeza qualquer. Havia cálculo? Havia mas havia uma prodigiosa paixão também. Ela adorava o João que se confundia em seu espírito reles com o “moço da capital”, com os heróis do cineminha educador, com o seu desejo de ser maior que as amigas mineiras, com o irmão morto que se fora se formar e se extinguira. E era o João! o João verdadeiro, aquela graça, aquela simpatia adorável, aquele filho dela que ela precisava salvar como precisava salvar o mano que se extinguira e pela primeira vez lhe despertara o instinto da maternidade. Martírio, inferno, um sofrimento irresponsável em que ela provava a angústia revoltada que temos ante a fatalidade da morte. (Aqui descrever ela de noite, sem dormir, abrindo a janelinha do quarto, lá na cidadinha mineira, e sofrendo com a paisagem).

QUATRO PESSOAS

Na passagem em que contar Violeta procurando afastar do João os amigos destes e suas mulheres, desenvolver as seguintes considerações:

Violeta, sem ter consciência disso, agia em defesa da integridade do seu lar. Até mais que de sua felicidade pessoal. Na sua pertinácia burra ela queria era conservar sua casa, seus móveis, sua comida, sua dormida e de qualquer forma o seu homem. Enfim ela agia preliminarmente evitando qualquer ação dissolvente que aqueles indivíduos moralmente desmantelados, moços e mulheres teria fatal sobre o lar dela e de João. Fizera enfim, numa previsão admirável, derivada de seu passado pobre e suas ambições, o que Carlos não soubera fazer em tempo contra a ação dissolvente que estava exercendo sobre o lar dele o próprio casal João e Violeta.

Fazer então a análise da situação contemporânea de todos estes moços e moças da Capital Federal. Abandonada a moral católica, ela não fora ainda substituída neles por nenhuma organização moral nova. Seres acanhados, avacalhados, sem a menor espécie de caráter. Seus lares eram ebulições não amorais, mas imorais no máximo. Rapazes que se amigavam, se ajuntavam ou, se preciso, se casavam com moças mas que não admitiam pra com elas a mais mínima espécie de compromisso. Fruíam-nas apenas, lhes desgastavam com a rapidez das volúpias, das farras, das bebedeiras, a mocidade, certo de jogá-las fora quando não prestassem mais. Não se preocupavam quando unidos de lhes dar pelo menos um futuro qualquer, uma educação mais sólida, um emprego, um pecúlio, absolutamente nada. E elas tinham que se conservar fiéis. Mas eles não mantinham pra com elas a menor espécie de fidelidade, nem mesmo da assistência amorosa, porque se esta existia, não era pelo compromisso de uma assistência, mas porque eles gostavam sinceramente delas, de seus corpos. E com isso... se assistiam a si mesmos! O amor assumia todos os aspectos da desumanidade. E com isso desfaziam-se e refaziam-se casais. Esta com aquele e amanhã com outro cuja amante ou mulher se passara pra aquele, com a visão mais próxima de uma hecatombe de mulheres jovens e ainda mais trágica e superior de uma hecatombe moral de homens. Este era o ambiente mais geral entre os artistas, os jornalistas, os socialistas de vários graus, os estudantes e estudiosos, uma desmoralidade consciente e enfurecida em que o mais puro poeta e o socialista de partido se igualavam ao soldado que sai, sábado à noite, aventurando qualquer fossa sexual que não cobre. Ou que lhe pague...

Violeta fora de uma previsão em que lhe reapareciam as defesas da antiga operária. O lar. Isso lhe bastava. Que o João aventurasse também lá fora, afinal não lhe magoava imensamente não. Só se desesperava quando a imoralidade no marido era tamanha que ela não podia mais não ver. Então lhe vinham aqueles desesperos acumulados em que o sofrimento estourava intensíssimo, porém sempre condicionado à salvaguarda do lar. E assim depreendera mais do que ela mesma supunha, o marido. Fizera do seu lar um reduto de, meu Deus! até de pureza! Ali João escondia suas melhores qualidades, ou os momentos mais puros que lhe restavam no ser desarvorado. A casa, o lar era pra ele um lugar de um passado com organização. E não há ser humano que não se sinta mais elevado com isso. João jamais abandonaria Violeta.

2 - CARACTERIZAÇÃO DAS PERSONAGENS EM CONFRONTO

CARLOS E JOÃO

QUATRO PESSOAS

CARLOS

Verificar que João, paulista, com seu desleixo, vida de expedientes etc., se tomara o tipo do carioca, perfeitamente adaptado e característico, ao passo que ele, carioca de nascimento parecia mais um paulista ou um mineiro desajeitado, cheio de presilhas morais e individuais que o tornavam inconversível e irreduzível: uma força bem de província.

QUATRO PESSOAS

Carlos refletindo sobre o catolicismo dele e do João ambos tinham abandonado qualquer prática.

Carlos se afastara apenas por organização prática da vida. Poderia viver dentro do catolicismo, vivia virtuosamente, poderia dizer que vivia “em Deus”. Porque se afastava? No fundo era ainda intensamente católico. Se tomara agnóstico. João não se revoltara porque o catolicismo não lhe permitia ser o que era. Ria. Tinha respeito humano. Pecava. Vivia “em Lúcifer”. E Carlos, sentiu horrivelmente despeitado que João era mais religioso que ele e mais digno de perdão. Mais perfeito.

JOÃO E VIOLETA

QUATRO PESSOAS

O outro casal (não Carlos e Maria) devo analisar numa passagem, mostrando que eles se amavam mas não eram amigos um do outro. Havia amor mas não havia nenhuma espécie de amizade entre eles. Daí a profunda desarmonia.

CARLOS E MARIA

QUATRO PESSOAS

Uma vez que João contando seus namoros diz pra Carlos

— “Você está preso ao seu amor, não me compreende”, Carlos se irrita enormemente e responde:

— Porque “não compreendo”. Estou preso, não! Amo e me quero feliz é por isso... Você pensa que eu sou personagem de romance de tese pra não sentir também!...

Comentar então Carlos e Maria em sua honestidade. Havia na realidade entre eles um maravilhoso amor, mas não era só isso. Havia um convênio secreto, jamais confessado de defenderem uma felicidade. E era também nesta defesa de felicidade que estava parte larga do amor de ambos. Se este não era uma falsificação mental, mas legítimo, ele era acrescido não apenas da mútua estima, do prazer da companheiragem, da vaidade do cônjuge bonito, e da própria idealização sublime que há no amor, havia também um egoísmo, uma espécie de avareza individualista da grandeza pessoal que lhes fazia gigantizar defensivamente o seu, deles, amor pra se defenderem em sua paz, em sua felicidade, em sua voluntária diferença. Mas buscaram derivativos. (Dizia quais. A música era o principal. Em Carlos a amizade pelo João, menos que o sentimento de paternidade, a sua projeção no amigo, na vida do amigo. Em Maria o mimetismo discreto, mas orgulhoso de si, que a fazia às vezes dissindir de Carlos na representação não imaginada de uma independência etc...)

Carlos a horas tantas reflete sobre o seu desejo de se aproximar das artes. A música ele amava apaixonadamente, bem como Maria. Tinham ótima discoteca, iam a concertos. Maria, animada, dando um dia opinião junto a um crítico real. Este a olhando surpreso. “A senhora estuda música?” Ela recuou envergonhadíssima. Carlos a defende “Nem sequer o pianinho de todas as brasileiras.” Satisfeito. Dois dias depois via o crítico assinando no jornal as opiniões de Maria. Ficava entusiasmado, mas ocultara o jornal, pra que ela não tomasse algum pião na unha e desandasse a dar opiniões. Sim, também iam bastante. Mas Carlos não tinha grande convicção dos chamados grandes romancistas contemporâneos. Lia monotonamente Proust e guardava uma instintiva repugnância pelos preciosismos de Huxley. Achava certos brasileiros, Lins do Rego, Jorge Amado, principalmente os nordestinos, mais humanos, mais cheios de generosidade da vida, mas Graciliano Ramos já o tornava bem impassível. Lembrou de se aproximar das outras artes e com Maria frequentava as exposições de pintura e gostava sim, gostava mais de uns que de outros, tinha histórias de artes plásticas em casa. Comprara mesmo alguns quadros, que logo depois de expostos em casa, lhe ficavam indiferentes. Tinha um vago pressentimento de que gostava errado. Não era como na música em que apreciava Bach, Mozart, Chopin, gostava já muito de Wagner e Debussy, de Tchaikovsky, da Manon e do Barbeiro e mesmo de Stravinsky, com aquela paz sadia de quem sabe estar certo. Assinou revistas modernas e ficou assombradamente triste. Aquelas teorias, composição, correspondência de cores, corte de ouro, linhas-forças, desnecessidade do assunto. Percebeu como já pressentira pelas histórias de arte e contemplando o inerte Egito, o Greco, Rembrandt, Cézanne, que não entendia nada de pintura. A música sim, ele entendia, ele reconhecia por si mesmo o que era bom, mas as artes plásticas eram difícilimas de se entender direito precisava de um treino longo, muito estudo... gostava sim das cores, não precisavam serem cores “decorativas” que

os técnicos atacavam, porém dentro das cores baças, os diversos marrons, os cinzas frios, podia gostar. Mas gostava em principal porque eram paisagens, corpos, ambientes expostos na tela com vigor, com poesia. Teve raiva de empregar a palavra “poesia”. Mas seria de fato ele, eles, Maria também, todos em geral, que não alcançavam entender de pintura, ou a pintura que estava se afastando deles? Mas por mais que qualificasse de “esoterismo” às dificuldades e problemas da compreensão da pintura sabia que os técnicos tinham razão. As artes plásticas eram difíceis de se entender de verdade, vem o desânimo. Foi desistindo delas, concentrando-se ainda mais no prazer misterioso da música, em que já na terceira audição, se acomodava a qualquer “modernismo” à primeira sensação repulsivo.

CARLOS-VIOLETA, MARIA-JOÃO

QUATRO PESSOAS

Carlos, como Violeta vem de operários. Daí em parte a resistência moral dele e a passividade dela. Maria e João são representantes da burguesia tradicional. Carlos sabe disso, na conversa com Violeta, na cena do cassino da Urca.

QUATRO TEMPERAMENTOS

Carlos: O macho completo, o sossego, o domínio sobre a vida e a mulher.

João: A inquietação sexual. O rosto meio sem traços firmes meio infantil. Um quê de ingenuidade. Uma simpatia meio protetora, é o que infunde, uma disposição a ser perdoado.

Maria: A mulher irregular, infinitamente feminina, que precisa ser protegida e defendida. Imensamente influenciada. Enigmática.

Violeta: A fêmea passiva. Completamente passiva e desprezível. Só age pra se defender e ao que conquistou. Pura forma de reflexo, sem qualquer inquietação nem iniciativa pessoal.

3 - AÇÃO (CENAS)

QUATRO PESSOAS

1ª CENA

O romance começa no auto, Carlos e Maria voltando da tentativa de suicídio? Não, começa na tentativa na conversa entre Carlos e João, este preocupado, com infinita piedade, mas já se mostrando único e comentando seus amores.

Em seguida no auto, Carlos pensando um pouco aporrinhado na amizade renovada com João, não que lhe esteja dando que fazer, mas por causa de Maria, pegada nestes nossos turbilhões. E lembra que se primeira amizade parara fora pela incapacidade dele, Carlos, de cultivar amizades de longe. Objetividade de posse presente, de Carlos, fora mesmo pra com o amigo. Mas João era uma simpatia envolvente. Carlos gostava de o dominar. Amizade entre ambos era uma luta esplêndida em que João entrava com a sua simpatia, sua espontaneidade, sua necessidade de proteção, seu cinismo, sua renitência em entregar-se completamente. Carlos entrava com a sua perfeição que João admirava e respeitava, com sua proteção de que João necessitava, seu instinto de domínio e posse a que o João se entregava voluptuosamente e refugia constantemente, deixando Carlos eternamente satisfeito de sua própria superioridade mas insatisfeito de sua posse, que nunca era uma certeza, embora fosse total, completa, nos momentos de domínio. Carlos pensando nisto se sentia “egoísta”: mas reparou surpreso que o verdadeiro egoísta era o João. Nisto assustou-se. O automóvel ele o parara, mas continuara com as mãos no volante, pensando. Olha pra Maria e tem a maior surpresa esta dolorosa. Maria, olhos abertos, olhando sem ver também não reparara que chegavam, lá nos seus mundos. Carlos a toca, ela se assusta, e recusa o contato dele. Carlos estranha.

2ª CENA

Vão dormir, Maria se despe mecânica. Carlos se esqueceu de si pra examiná-la. Pensa que é fadiga das comoções da noite e dor pelos amigos. Na verdade Maria não sente nada, só está fora de si. Deitam-se. Carlos pergunta a ela se quer que ele fique na cama dela. Maria tem um arroubo de paixão inusitado, abraça-o, cobre-o de beijos. Carlos estranha mas quer cumprir com seu destino de homem. Maria o enlaça mas Carlos sente que ela apenas deseja tê-lo ao lado dela. Ficam assim. C. percebe que Maria não há jeito de dormir. C. comenta com aspereza a amizade João-Violeta que os viera tirar de sua calma habitual. Maria sente uma dolorosa sensação por dentro que não sabe explicar, mas pensa que pela primeira vez não está perfeitamente de acordo com o marido. Sofre por discordar, pensa que é piedade de Violeta e tem uma repulsa intensa pelo João que maltrata Violeta. C. percebe que M. está longínqua e se apossa dela. M. faz um vago gesto de recusa, está pensando no João repreensível pra ela, pensa que se recusar dizendo o “Estou muito cansada” que imaginou, Carlos fugirá dela o enlaça com fúria, se entrega com uma volúpia nova, como que aprendida, que desagrada a C. que gosta de possuir e acarinhar sozinho. C.

lembra que sua maneira de gostar é ficando M. mais inerte e dócil. Com a mãe era a mesma coisa, com as mulheres de aventura sempre fora a mesma coisa, sempre escolhera por isso meninas novas que não lhe davam muita atenção, preferindo a inércia delas à sabedoria das trintonas. Não gosta de ser acarinhado. Lembra de repente que só o João permite carinhos de lhe tomar o braço, abraçá-lo, lhe dar tapas, coisas assim. A posse se prolongava, distraída pelos pensamentos infiéis. Mas M. estava inteiramente inerte, olhos abertos na pequena treva do quarto. Carlos se apressa e a abandona meio despeitado.

QUATRO PESSOAS

Maria, no primeiro parto estivera tio mal, que da operação resultara a esterilidade. Quanto a João e Violeta esses não queriam ter filhos.

SUICÍDIO DE VIOLETA

João confia a Carlos que está muito inquieto, o médico disse que não, que isso passa, mas Violeta ainda continuava com os olhos turvados, e a todo momento pedia pra ele chegar o rosto perto dela, porque não o via bem.

QUATRO PESSOAS

Num dos momentos mais intensos do drama, os quatro estando juntos, talvez na cena do cassino da Urca, um dos quatro pronuncia a palavra “teve um filho”. Há um deslumbramento irritado nos quatro. Se entreolham ansiosos. Cada um percorre os outros três com o olhar como que buscando aquele que lhe pudesse dar um filho. Sentiram-se danados fora de qualquer destinação, desprovidos de razoabilidade, gratuitos, indefesos em si mesmos, porque, sem o filho, não tinham nada a perder. Nada os tradicionalizara. Descrever psicofisicamente a ausência do filho.

QUATRO PESSOAS

No fim, despedido do Carlos, João tem de repente uma enorme saudade de Violeta, do aconchego de Violeta, e volta a ela, vai encostar-se nela, deitar a cabeça sobre os joelhos dela, uma aspiração violenta de carinho, de amor, de dominar, castamente feliz.

João chega de S. Paulo pra trabalhar no Rio. Procura Carlos e retomam a amizade de adolescência. João está comissionado. Carlos no princípio sente

certo desagrado mas logo João o empolga como na adolescência, pela sua simpatia, pelo desejo de proteção que infunde, pela sua atração misteriosa.

MORTE DE MARIA

Quando Carlos descansando um pouco é chamado porque Maria estava com meningite, encontra ela movendo de leve a cabeça.

Pousa a mão nela, ela abre os olhos, cessa de mover a cabeça, abre, abre muito os olhos, os lábios se movem mansos. Carlos se aproxima pra ouvir. Numa leve ruga de impaciência Maria franze as sobrancelhas. Afinal lhe escapa da boca, com esforço:

— Não te vejo bem...

Foi a última frase que Maria pronunciou.

Carlos chama o padre. O médico impaciente chega no meio daquelas rezas, com raiva porque não acredita. Mas sem querer, não pode sopitar o movimento de vingança e murmura pra Carlos, longe ereto, imóvel, no canto do quarto: “Ela não entende mais nada.” e vai-se embora.

QUATRO PESSOAS

Violeta surpreenderá de qualquer jeito que foi Carlos mesmo que matou Maria. Descrevê-la no apartamento, na sala fechadíssima buscando saber do marido se foi mesmo, pra ter maior certeza, e o incitando a ocultar tudo, defender Carlos, empurrando o marido pra junto de Carlos. E agora descrever a cena muda, ela sozinha, inquieta, buscando vencer a inquietação, fez isto, fez aquilo, e enfim imóvel olhando pra frente sem ver. Seio arfa. Seio morre. E enfim cai num choro convulsivo, se machucando, dando socos na cabeça.

CENA FINAL

João (?) pensou se devia ou não ir-se embora do cais. Carlos partira mesmo, Carlos no momento lhe era vagamente desagradável, era ridículo isso agora de ficar ali parado olhando o navio se afastando, de vez em quando fazendo acenos de adeus para o Carlos que partia. Era ridículo, que diabo, amigos não havia dúvida, mas tamanhos homens pra estarem assim se trocando olhares e adeuses inúteis. Olhou Carlos, lá longe. Carlos o olhava, ele percebeu, com infinita, suave ternura. Carlos esse nunca que se retirasse do parapeito

enquanto pudesse enxergar o amigo. Os sentimentos dele, os atos não se perturbavam por nenhum desequilíbrio interior, inteiramente sem precauções. João teve quase raiva. Raiva de Carlos que devia, com a sua nitidez enérgica, se retirar primeiro, acabar com aquela cena ridícula. E teve uma impaciência por se sentir ainda fraco diante da força do outro. E no entanto o outro era tão fraco! um assassino! um...Quis pensar “ingênuo” mas se percebeu em falta, insistindo em rebaixar o amigo, susteve-se com tempo. Mas inutilmente, não pensava, não chegara a pensar a palavra, ela porém viera, estava nele, lhe dominava os sentimentos, Carlos estava rebaixado, eles, apeado da sua calma superioridade. Mas a palavra não fora pensada. E ao recalculá-la, João descobrira uma substituição que o salvava daquele martírio de estar ah, estar inutilmente, raciocinava, mas a mais humana verdade é que ele não tinha já agora o menor interesse pelo amigo rebaixado, não sentia a menor comoção com a partida de Carlos; antes, sem que se formulasse ideia tão desagradável, o que o tomava desde que entrara no cais, fora uma impaciência enorme de ver Carlos pelas costas, até nunca! E a invenção foi que o vapor já uns cinquenta metros longe, variegado, tantos braços se agitando, tanto ruído no cais, no mar, Carlos? ele já não via bem Carlos no meio daquela movimentação colorida, “não vejo bem mais ele” pensou. E partiu rápido, partiu fugindo, acossado por um remorso estúpido de não olhar pelo menos uma vez para trás. Mas pra quê? Ele já não veria de certo Carlos no parapeito rutilante de adeuses de cores.

CENA DO CASSINO

Quando João e Maria estão dançando, Violeta não resiste e seguindo o par com os olhos, estoura pra Carlos.

— Não sei o que terão esses dois hoje. Olhe! parece que eles estão discutindo, brigando, não sei...

Carlos procura o par com ansiedade, aquilo o desesperara. Mas no meio da multidão de pares entre as luzes coloridas e móveis, fez um esforço, mas era impossível que houvesse um segredo, uma discussão, qualquer coisa enfim entre Maria e João. As luzes atrapalhavam a vista e Carlos se acalmou, era impossível qualquer mistério ali. Respondeu:

— Não consigo ver eles bem.



NOTAS BIOGRÁFICAS

Romancista, cronista, ensaísta, musicógrafo, crítico, jornalista, professor, pesquisador, conferencista, poeta, contista, e sabe-se lá que ângulos mais oferece a complexa e extraordinária personalidade artística de Mário de Andrade! Divulgador e agitador de idéias, criador de escolas, destruidor de preconceitos e tabus, ele fez, sozinho, pelo desenvolvimento cultural e artístico da nossa gente, muito mais do que algumas academias e conservatórios reunidos. Não há, em verdade, setor da vida intelectual brasileira que seu espírito ágil e original não tenha deixado a marca.

Mário Raul de Moraes Andrade nasceu em São Paulo, a 9 de outubro de 1893, e faleceu aqui mesmo, a 25 de fevereiro de 1945. Fez os primeiros estudos no ginásio “Nossa Senhora do Carmo”. Coursou, depois, o “Conservatório Dramático e Musical”. Estreou em 1917, com um indeciso livrinho de poemas — “Há uma gota de sangue em cada poema.” Mas cinco anos depois publica “Paulicéia Desvairada”, marco dos mais importantes na história da poesia brasileira, autêntico estopim deflagrador de novas correntes estéticas. Em seguida Mário de Andrade enveredou pelo ensaio, conto, romance, sem dizer, no entanto, adeus às musas. Como ficcionista é autor de “Macunaíma”, “Amar, Verbo Intransitivo”, e dos volumes de contos “Primeiro Andar”, “Belazarte” e “Contos Novos”, que se enfileiram entre os que de melhor produziu o gênero entre nós. Ao lado dos volumes que deixou — e suas obras completas formam um sólido conjunto de 20 livros — é indispensável ressaltar a sua atuação como criador do primeiro Departamento de Cultura, de São Paulo, que entre tantas outras realizações culturais, organizou a Discoteca Pública Municipal, criou o curso de Etnografia e Folclore, promoveu o primeiro congresso de Língua Nacional Cantada, além de inúmeras outras realizações de vital importância para o desenvolvimento da vida cultural brasileira. Mário de Andrade foi também o fundador da Sociedade de Etnografia e Folclore e um dos organizadores do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, tendo ainda regido a cadeira de Filosofia de Arte, do Instituto de Artes da Universidade do Distrito Federal, do qual foi diretor.

Fonte:

"Panorama do Conto Brasileiro: O Conto Paulista". Seleção e notas de Edgard Cavalheiro. Editora Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 1959.